

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
COORDENAÇÃO GERAL DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

ANA CRISTINA DE LIMA MOREIRA

**EDUCAÇÃO CATÓLICA EM PALMEIRA DOS ÍNDIOS – AL:
O CENTRO EDUCACIONAL CRISTO REDENTOR (1944-2013)**

RECIFE
2014

ANA CRISTINA DE LIMA MOREIRA

**EDUCAÇÃO CATÓLICA EM PALMEIRA DOS ÍNDIOS – AL:
O CENTRO EDUCACIONAL CRISTO REDENTOR (1944-2013)**

Dissertação apresentada ao Curso de
Mestrado em Ciências da Religião, da
Universidade Católica de Pernambuco.

Campo do conhecimento: Ciências humanas/
Filosofia/ Ciências da religião

Orientador: Professor Dr. Newton Darwin de
Andrade Cabral

RECIFE

2014

ANA CRISTINA DE LIMA MOREIRA

**EDUCAÇÃO CATÓLICA EM PALMEIRA DOS ÍNDIOS – AL:
O CENTRO EDUCACIONAL CRISTO REDENTOR (1944-2013)**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção de título de Mestre em Ciências da Religião, pela Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP, pela Banca Examinadora:

Profa.Dr^a. Aurinéa Oliveira - UFPE

Prof. Dr. Luiz Alencar Libório - UNICAP

Prof. Dr. Newton Darwin de Andrade Cabral - UNICAP

Orientador

AGRADECIMENTOS

A Deus, meu sustentáculo.

Ao meu pai Aloizio (in memoriam), a minha mãe Benedita dos quais recebi a vida. A minha querida tia Carminha (in memoriam), a Luiz (in memoriam) meus pais adotivos responsáveis por minha formação pessoal e cristã desde meus cinco anos.

Aos meus filhos Diego e Miguel Luiz pela paciência e incentivo e o meu perdão por tantas horas ausente trabalhando ou estudando no intuito de dar o exemplo pelo exemplo; que vale a pena ser digno.

Ao amigo, companheiro e esposo Givaldo (meu Gil) pelo carinho, pela presença em todas as horas. A atenção e incentivo para que eu continuasse, sempre dizendo: “você vai conseguir”. O meu eterno amor.

À Renata minha nora e aos meus netos Victor e a Victória esses responsáveis pela continuidade...

Às minhas queridas Irmãs Filhas do Amor Divino, mestras da vida. O meu obrigado na pessoa da incansável Irmã Maria Antonia Franco, atual Diretora do Centro Educacional Cristo Redentor, que nos últimos vinte anos foi minha parceira no dia a dia do processo educacional.

Aos meus colegas de trabalho do Centro Educacional Cristo Redentor. A Lauro L. Neto por sempre ter “uma palavra”, a Ronaldo L. Freire exemplo de sinceridade, a Adelson Lopes e a Zalitéia (Zaza) o valor da amizade.

A todos os coordenadores, professores e funcionários do Centro Educacional Cristo Redentor, o reconhecimento pela torcida e as orações que foram os remédios mais eficazes na minha recuperação.

A todas as pessoas que contribuíram significativamente para a conclusão desse trabalho, especialmente ao meu ex-aluno Dr. Márcio Medeiros responsável pelo sucesso do procedimento cirúrgico, a Dra Sandra Helena Rios de Araújo o apoio incansável, ao acadêmico, ex- aluno, Jamerson Garrote e a ex- aluna enfermeira Janeyde Lima o carinho e atenção.

A equipe médica de Palmeira dos Índios, em especial a Dra Irene Márcia, Dr. Dênio Calixto, Dr. Silvino (ex-aluno), Dr. Eugênio Pacelli, Dr. Davi, Dra Maria José Cardoso, Dr. Márcio Henrique e Dra Zuleide Calixto que deram o grande exemplo de que profissionalismo, respeito e consideração, não têm preço.

Aos técnicos e enfermeiros do Hospital Santa Rita e funcionários da UNIMED o cuidado e atendimento especial.

À equipe médica do Hospital Arthur Ramos, na pessoa de Dr. Fabricio, bem como aos técnicos em enfermagem e enfermeiros da UTI que estavam no plantão nos dias 24 a 1º de maio de 2013, meu reconhecimento.

À equipe médica, enfermeiros e técnicos da UTI Coronária do Hospital do Açúcar a dedicação, o carinho e atenção.

Aos meus afilhados Elaine Cristina Torres, Cássio Rafahel Gonçalves e Caio Araújo de Almeida a presença e o carinho nos momentos mais difíceis da minha vida.

Aos professores do curso de Geografia da Universidade Estadual de Alagoas-UNEAL, Campus III, a Jairo Campos, Reitor dessa Instituição da qual sou ex- aluna e professora, agradeço as oportunidades de poder escrever e reescrever um pouco dessa História tão cheia de percalços.

Aos meus alunos da UNEAL do Curso de Geografia e Pedagogia e do CESMAC do Curso de Direito, meu eterno carinho.

Ao CESMAC, Instituição da qual sou ex-aluna e professora agradeço a Dr. João e a Damares, pilares da Educação Superior em Alagoas.

Aos meus ex-alunos do Mundo da Criança, Sagrada Família, Liceu Cacimbinhense e, em especial, do Cristo Redentor, desde as primeiras letras ao ensino Médio tenho orgulho de vê-los em vários segmentos do mercado de trabalho espalhados pelo Brasil.

Aos meus professores da UNICAP, obrigada pelas grandes lições de sabedoria. Meu respeito e admiração a todos.

A minha segunda família Lêda, Genivaldo, Vera, Cleto, Nilza, Genário, Del, Salésia, Nena, José Marques, Luciana, Amparo, Luciele, Karol, Lourdes e Miguel.

Aos meus irmãos biológicos Acácia, Afranio, Abrãao, Adriana e Evaristo meu eterno carinho e reconhecimento que para o verdadeiro amor não há muralhas nem distância.

Aos meus colegas de Mestrado especialmente ao Pe. Gilvan Neves, Pe. Sandro Rogério e Narciso.

DEDICATÓRIA

Aos meus filhos Diego, o exemplo de superação, e a Miguel Luiz pela perspicácia.

A meu esposo Givaldo meu amor incondicional.

Aos meus sobrinhos (as) na pessoa de minha querida Laura um verdadeiro exemplo de vida, persistência e fé para toda família.

Ao Professor Newton Cabral, meu orientador, exemplo de professor e pessoa. Minha gratidão e respeito.

Ao Sr. Joventino Ferreira da Silva, um grande homem.

À Irmã Maria Antonia Franco -FDC, companheira no processo educacional.

Às Filhas do Amor Divino que já estão em outra dimensão e que muito fizeram pelo Cristo Redentor.

Aos entrevistados que de forma significativa participaram através da memória.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AABB - Associação Atlética Banco do Brasil

AEC - Associação de Educação Católica

APM - Associação de Pais e Mestres

ARS CONSULT - Alexandre, Renato e Sese Consultoria de Informática Pedagógica

EJA - Escola de Jovens e Adultos

CECR- Centro Educacional Cristo Redentor

CLT - Consolidação das Leis de Trabalho

CERIS - Centro de Estudos Religiosos e de Investigações Sociais

CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

CNE - Conselho Nacional de Nacional de Educação

FDC - Filhas da Divina Caridade

JEPI - Jogos Estudantis de Palmeira dos Índios

JEC - Juventude Estudantil Católica

LBA - Legião Brasileira de Assistência

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação

MEC - Ministério de Educação e Cultura

MEB - Movimentos de Educação de Base

MOVAD - Movimento das Vocacionadas

OFINART- Oficina de Artes Pedagógicas

PSS - Processo Seletivo Seriado

PPP - Projeto Político Pedagógico

PRONEVES - Província Nossa senhora das Neves

TECRE - Teatro Cristo Redentor

UNEAL - Universidade Estadual de Alagoas

UNICAMP - Universidade de Campinas

UESA - União dos Estudantes Secundários

UFAL - Universidade Federal de Alagoas

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1- O crucifixo de Madre Francisca e os castiçais da Casa Mãe

Fotografia 2 - Primeira Casa-mãe da Congregação

Fotografia 3- Casa-abrigo para irmãs idosas

Fotografia 4- Medalha da cruz de ouro com a coroa

Fotografia 5 - Igreja que apresenta os vitrais com o brasão do Império

Fotografia 6 - O clero, as religiosas e a representação da sociedade palmeirense

Fotografia 7- A seleção das normalistas no antigo prédio do Educandário que pertencia à Diocese com o fardamento do esporte

Fotografia 8 - Visita da Superiora à construção quando foi enterrada uma medalha, o início da construção e a fachada do colégio em fase de conclusão

Fotografia 9 - Inauguração do colégio e 1ª missa na varanda do prédio celebrada por Dom Otávio Aguiar

Fotografia 10 - Equipe de esporte treinada por Irmã Marcelina na quadra recém-inaugurada.

Fotografia 11 - Alunas da 1ª turma do colegial, na escadaria, acompanhadas por Irmã Geórgia

Fotografia 12 - Colação de grau das professoras - dezembro de 1984

Fotografia 13- Fachada principal do Centro Educacional Cristo Redentor

Fotografia 14 - Equipe de Diretoras e apoio Pedagógico da PRONEVES

Fotografia 15- Atividades esportivas e culturais no ginásio do CECR

Fotografia 16 - Parte da estrutura física interna e externa do CECR.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	13
1 CONGREGAÇÃO DAS FILHAS DO AMOR DIVINO.....	21
1.1 MADRE FRANCISCA LECHNER: A FUNDADORA.....	21
1.2 O Magistério de Francisca na Escola Católica.....	22
1.3 Oficialização da Congregação em Viena: Desafios e Ações na Europa.....	24
1.4 Caracterização da Europa: Educação Católica e Expansão das Filhas do Amor Divino.....	28
1.5 Congregação, Escola Católica e Sociedade.....	35
1.6 Processo de Implantação das Filhas do Amor Divino no Brasil.....	42
1.7 Implantação da Congregação no Brasil: Breve Abordagem do Contexto Educacional Brasileiro.....	45
2 EDUCANDÁRIO, GINÁSIO E COLÉGIO CRISTO REDENTOR: ESCOLA CATÓLICA, PROCESSOS E RETROCESSOS.....	53
2.1 Aspectos Políticos, Religiosos e Educacionais do Brasil (1920-1940).....	53
2.2 Caracterização da Cidade de Palmeira dos Índios e Implantação do Educandário Cristo Redentor (1944).....	59
2.3 O Cotidiano no Educandário Cristo Redentor e no Internato.....	63
2.4 A década de 1950 em suas Diversas Faces.....	70
2.5 A educação Católica e a 1ª lei de Diretrizes e Bases da Educação no País.....	78
3 COLÉGIO CRISTO REDENTOR: PROCESSOS E MUDANÇAS QUE PRECEDERAM A VIRADA DO SÉCULO (1970-1999).....	91
3.1 A Década de 1970 e a Implantação da LDB 5692/71.....	91
3.2 O Contexto Vivido pela Escola Católica (1968-1990).....	94
3.3 A educação Católica Elitizada e a Opção pelos Pobres.....	96
3.4 A missão das Filhas do Amor Divino na Escola Católica segundo Documento Episcopal e o Concílio Vaticano II.....	100

3.5 Colégio Cristo Redentor	101
3.6 Centro Educacional Cristo Redentor.....	104
3.7 Os anos 1980: A crise educacional e o subdesenvolvimento brasileiro.....	114
3.8 A busca por Um Novo Método.....	117
3.9 Os Afazeres e os Reflexos da Economia.....	119
3.10 A Década de Noventa.....	126
3.11 A nova LDB 9394/96 e as Parcerias para a Realização de Grandes Eventos.....	136
4 CENTRO EDUCACIONAL CRISTO REDENTOR: ABORGAGEM SOBRE A CONTEMPORANEIDADE E SUAS PERSPECTIVAS (2001-2013).....	139
4.1 O século XXI.....	139
4.2 Centro Educacional Cristo Redentor.....	140
4.3 As Parcerias.....	141
4.4 Associação das Escolas Católicas e os Sindicatos das Escolas Privadas.....	143
4.5 A Escola Noturna Castro Alves.....	144
4.6 Centro Cívico.....	145
4.7 O Encontro de Líderes.....	148
4.8 A Construção e Execução do Projeto Político Pedagógico-(PPP) segundo a AEC e a LDB/96.....	150
4.9 Direção e Equipe de Apoio.....	151
4.10 A Elaboração do Projeto Político Pedagógico do Centro Educacional Cristo Redentor.....	153
4.11 A Música Como Instrumento Pedagógico.....	157
4.12 O Esporte.....	158
4.13 A Contemporaneidade.....	161
4.14 Os Desafios do Ensino Religioso.....	162
4.15 Formação Profissional.....	168
4.16 A Gestão Democrática e os Desafios do Século.....	170
4.17 Igreja, Escola Católica e Sociedade.....	173
4.18 Movimento dos Associados Amor Divino.....	174
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	176
REFERÊNCIAS.....	182

RESUMO

Esta pesquisa objetiva resgatar a História do Centro Educacional Cristo Redentor, fazendo uma breve abordagem do processo histórico, a influência e o cotidiano da escola católica naquela sociedade, da década de 40 aos dias atuais. Escola localizada em Palmeira dos Índios, no estado de Alagoas, é fruto de uma longa história de educação católica, implantada, no Brasil, pelos Jesuítas, desde o século XVI, a qual foi posteriormente expandida por outras instituições religiosas, a exemplo da Congregação das Filhas do Amor Divino, fundada na Áustria, no século XIX, e que está presente em dezesseis países. As Filhas do Amor Divino chegaram ao Brasil em 1920 e, na década de 1940, se instalaram em Palmeira dos Índios. No trabalho são apresentados o contexto histórico, social, religioso e educacional vivenciado pela referida escola ao longo de 70 anos de existência, enfatizando sua influência na educação católica de parcelas da sociedade palmeirense, através da formação ministrada e, através dela, da difusão dos ensinamentos e valores cristãos. Para alcançar os resultados esperados foi feita análise de documentos pertencentes ao acervo da Congregação, da Província Nossa Senhora das Neves – sediada na cidade do Natal (RN) – e do colégio objeto de estudo. Foram realizadas leituras textuais de teóricos das Ciências da religião e de estudiosos da educação que ajudaram a contextualizar os fatos vivenciados pela comunidade do Centro Educacional Cristo Redentor. Além disso, foram feitas algumas entrevistas com pessoas que testemunharam e/ou protagonizaram a trajetória e que, assim, puderam contribuir para o alcance dos objetivos propostos, foram identificados os pontos referenciais e momentos históricos vividos às mudanças e/ou permanências no processo educacional que marcaram a história da referida instituição católica durante as décadas referenciadas. Espera-se que esta pesquisa possa contribuir para a História da educação católica através da pesquisa, memória e oralidade.

Palavras-chave: Igreja; Educação; Escola católica; Sociedade.

ABSTRACT

This paper aims to redeem the history of the Centro Educacional Cristo Redentor, doing a brief approach of its historical process and its influence as a catholic school in the day by day of the society from 40's to the present days. The Centro Educacional Cristo Redentor is a school located in Palmeira dos Indios city, countryside of Alagoas state, and is the result of a history of catholic education, introduced in Brazil by the Jesuits since the nineteenth century which was expanded by other religious institutions such as the Daughters of Divine Love, founded in Austria and is still present in 16 countries. The Daughters of Divine Love came in Brazil in 1920 and, in the 40's, settled in Palmeira dos Indios city. This paper presents the historical, social, religious and educational context lived by the school over 70 years of existence, emphasizing its influence on the religious education of people from that city by the teaching of Cristian values. The research was conducted by reading the documents belonged to the Congregation collection from the Nossa Senhora das Neves Province headquartered in Natal city, Rio Grande do Norte state – and the school object of this study. Theoretical literature reviews were done focusing some studies about religion science so as to contextualize the facts lived by the Centro Educacional Cristo Redentor community. Some interviews were done with people who witnessed the school trajectory, providing data for the intended goals. The critical analyses allows to comprehend the historical moments lived during the educational changes which in turns marked the history of the referring catholic school over 70 years of tradition. This research is supposed to contribute to the History of the catholic education through memory and orality.

Key-words: Church; Education; Catholic school; Society

INTRODUÇÃO

A proposta da realização deste trabalho surgiu da necessidade de documentar a memória da educação católica em Palmeira dos Índios - AL, com o propósito de resgatar a História do Centro Educacional Cristo Redentor, fazendo uma breve abordagem do processo histórico, a influência e o cotidiano da escola católica naquela sociedade, da década de 40 aos dias atuais, levando em consideração a participação da sociedade e do clero nas tomadas de decisão em

prol da fundação da primeira escola católica feminina naquela cidade. É nesse patamar que chegaram as religiosas da Congregação das Filhas do Amor Divino, oriundas da Europa, com a missão de educar e dispostas ao enfrentamento do novo em cada sociedade em que se instalavam, pois o fio condutor é a religião, a obediência a Deus, a educação e a atenção aos pobres. São sete gerações que passaram pelo Centro Educacional Cristo Redentor, e todos os processos e retrocessos do Estado de Alagoas e Palmeira dos Índios foram vivenciados pelas religiosas, desde 1944 até os dias atuais. Assim, como ex-aluna e ainda coordenadora pedagógica dessa instituição, lancei o desafio de escrever a memória, com o propósito de explicitar a importância dos fatos componentes do cotidiano das religiosas, da Igreja, das famílias e das alunas para a História da Educação em Palmeira dos Índios, como um fragmento da História da Educação Brasileira.

Uma vez que não podemos pensar em singular, a História do Cristo Redentor está inserida na sociedade que solicitou da Igreja uma educação de qualidade que ensinasse os valores cristãos às jovens. Esteve presente também na inclusão daqueles que tiveram oportunidade de estudar sendo bolsistas, graças à missão de Madre Francisca Lechner: “Tudo por Deus e pelos pobres”, motivo pelo qual sempre impulsionou as religiosas a fazer algo pelos pobres. Nessa perspectiva foram fundadas a Escolinha Dom Bosco e a Escola Castro Alves, nas dependências do colégio. A primeira atendendo às crianças de baixa renda, e a segunda, aos adultos que ainda não tinham conhecido o mundo através das letras.

Na formação docente constituiu um ícone, na cidade, o grupo das normalistas, as alunas do colegial e as do magistério, que receberam ensinamentos regados de palavras de conforto, baseadas nos ensinamentos de Jesus Cristo. No

mundo contemporâneo na instituição aconteceu o enfrentamento com o novo, representado por alunos de vários credos religiosos ou que não participam das atividades da Igreja, famílias que ignoram essa situação, contribuindo para que a cada dia se distanciem da escola e das responsabilidades com os jovens na formação pessoal e na preparação do futuro profissional. Houve quebra de paradigmas quando a ciência e a tecnologia ganharam espaço em todos os setores e a humanidade iniciou uma busca incessante para conquistar novas fronteiras. A escola e a Igreja acompanharam esse processo, fato que as preocupa. Todos esses acontecimentos contribuíram para que a Igreja admitisse seus erros e reavaliasse sua conduta fazendo uma caminhada em prol dos pobres, dos menos favorecidos, dos injustiçados, dos idosos, das crianças e portadores de deficiência, dando seu grito por políticas públicas, ocupando seu verdadeiro lugar na sociedade. Parceira da escola católica, a Igreja é responsável por garimpar novos adeptos, reconquistar os jovens, direcionar as crianças e ressignificar a função da família.

O Centro Educacional Cristo Redentor, localizado à Avenida Deputado Medeiros Neto, 51, no Bairro São Cristóvão, há 70 anos foi implantado em Palmeira dos Índios. Pertence à Congregação das Filhas do Amor Divino, que foi fundada em 21 de novembro de 1868, na Áustria, por Madre Francisca Lechner, e está presente em 16 países, a exemplo do Brasil, Estados Unidos, Áustria, Romênia, Itália, Polônia, Bósnia, República Tcheca, Hungria e Angola, entre outros.

Em 1944, o então pároco de Palmeira dos Índios, Monsenhor Francisco Xavier de Macedo, estava com a incumbência de instalar, na cidade, uma Escola Normal para moças, logo depois, foi fundado o Colégio Pio XII, exclusivo para rapazes, cuja administração ficou sob a responsabilidade do referido Monsenhor e demais padres residentes em Palmeira. O Monsenhor Macedo já conhecia o trabalho das religiosas Filhas do Amor Divino que, na mesma década, tinham fundado o Colégio Cristo Rei, em Patos, na Paraíba. No aspecto religioso a cidade de Palmeira dos Índios pertencia à Diocese de Penedo e, em virtude dessa dependência, a solicitação para a implantação da escola foi feita ao então bispo daquela circunscrição eclesiástica, Dom Fernando Gomes, que acatou o pedido.

Portanto, tal contexto justificava a necessidade da implantação de uma escola para moças junto à Madre Provincial da época, a Irmã Cristina Wlastinik. Assim, em

meio a um período conturbado em todo o mundo que enfrentava a Segunda Guerra Mundial, a cidade de Palmeira dos Índios recebeu, em 20 de fevereiro de 1944, a visita da Madre, acompanhada por outras religiosas, e no dia 27 de fevereiro de 1944, na presença de várias pessoas, dentre as quais se cita o Monsenhor Macedo, o Padre Luis Cirilo (capelão da comunidade) e o professor Pedro Teixeira, responsável pela saudação às irmãs, foi oficializado que as irmãs dariam início aos serviços educacionais daquela escola.

A partir da oficialização muitas pessoas se empenharam, dividindo-se em comissões para a organização do prédio da diocese onde iria funcionar a Educandário Cristo Redentor, também chamado Escola Normal, que teve como um dos colaboradores o então prefeito da cidade, José Pinto de Barros. Em 1º de março do mesmo ano iniciaram-se as aulas dos cursos Primário e Normal.

Em 1946, vivia-se o pós-guerra, período marcado pela Guerra Fria, quando a educação passou a ser considerada um direito de todos, inspirada nos princípios da liberdade e nos ideais de solidariedade humana, bem como era posta como livre a iniciativa privada. As famílias das classes média e alta assumiram a responsabilidade pela educação de seus filhos, conduzindo-os para as melhores escolas, dentre as quais se incluíam as escolas católicas, uma vez que nos anos 1930 a Igreja Católica, que tentara assumir o controle da educação pública do país, limitou-se a administrar apenas as suas escolas. Não foi diferente em Palmeira dos Índios, onde as famílias de classe média e alta contribuíram para a implantação do Educandário Cristo Redentor, com o propósito de que suas filhas tivessem uma educação de qualidade.

Em fevereiro de 1948, aconteceram os exames para o curso Ginásial, tendo feito provas 25 alunas para a primeira turma. Na mesma ocasião a Madre Ângela foi a Maceió, acompanhada da secretária, Irmã Júlia, para tratar da equiparação do Curso Ginásial, tendo sido necessária a sua permanência por mais alguns dias na capital alagoana para providenciar, de forma urgente, a planta do Educandário que deveria ser enviada para o Rio de Janeiro e ser oficializado como Ginásio, o que ocorreu através da Portaria nº. 206, de 12 de abril de 1948, que concedeu o reconhecimento ao Ginásio Cristo Redentor.

Na década de 1950 foi criada a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), que teve participação imprescindível não só no Cristo Redentor como nas escolas católicas de todos os níveis no Brasil. Em março de 1953, foi inaugurado o Jardim de Infância, sob a direção de Ir. Antonia Mello, que passou a funcionar em uma casa anexa ao Colégio e pertencente à paróquia. Em 1955, em 13 de setembro, foi realizada a benção da pedra fundamental do novo edifício do Ginásio Cristo Redentor, por Dom Frei Felício da Cunha Vasconcelos, OFM, e pelo

Monsenhor Francisco Xavier de Macedo; estavam também presentes no evento a madre superiora da comunidade religiosa do Amor Divino, com outras freiras, alunas e autoridades da cidade.

Em 1960, as religiosas que viviam em países comunistas estavam sendo perseguidas, o que era conhecido pelas comunidades religiosas instaladas no Brasil. No mesmo período, a Irmã Superiora solicitou a oficialização do curso Pedagógico, no já então chamado Ginásio Cristo Redentor. Foi promulgada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBN 4.024/61 – que enfatizava as reivindicações da Igreja Católica.

Os anos 1970 foram marcados por uma série de fatos, dentre eles registra-se a criação, através da Portaria nº 283, de 27 de abril de 1970, da Inspeção da Seccional de Maceió e da Diretoria do Departamento de Ensino Fundamental que, de acordo com o Parecer do Setor de Prédios e Aparelhamento Escolar, resolveu conceder o reconhecimento definitivo do Curso Secundário, 1º ciclo (Curso Ginásial), do Colégio Cristo Redentor, em 02 de julho do mesmo ano. Em 1971 deu-se a promulgação da nova Lei de Diretrizes e Bases – LDB 5692/71. Outro fato marcante foi a fundação da Escola Dom Bosco, dentro das instalações do Colégio Cristo Redentor, para alunos com idade entre 7 e 14 anos, de classe baixa, cujo objetivo, além de ministrar aulas, era fornecer merenda através do Ministério da Educação e Cultura (MEC). Naquela década o colégio já estava funcionando em prédio novo. Em 1973, a escola passou a ser chamada oficialmente de Centro Educacional Cristo Redentor.

Na década seguinte (1980), considerada perdida para a Geografia Econômica, já como Centro Educacional Cristo Redentor, foi feita opção pela

intensificação dos esportes, quando foi iniciada a construção do Ginásio de Esportes graças a campanhas e ajudas de particulares; destacou-se, também, a abertura da Feira de Ciências que foi o primeiro passo para incluir ciência, cultura, religião e tecnologia em suas dependências, através de um projeto interdisciplinar apresentado pelos alunos dos Ensinos Fundamental e Médio.

Durante toda sua trajetória, o Centro Educacional Cristo Redentor vem tentando acompanhar a evolução tecnológica, não ficando alheio aos fatos sociais e históricos para, assim, cumprir a sua missão que é a de promover a humanização através da valorização do conhecimento, formando cidadãos coerentes com a sua origem divina e seus ideais cristãos propostos para o século XXI.

O processo educativo é dinâmico e nunca estático. Pensar em estagnação seria por fim a esse processo que é inerente ao homem. A educação apresenta-se de forma assistemática e sistemática; portanto, pensar em educação não é a mesma coisa que escola. Isso se deve ao fato de que a educação pode aparecer em qualquer lugar e por pessoas que detêm certo conhecimento que não necessariamente seja livresco. Quanto à escola, é um espaço destinado a trabalhar a educação sistemática baseada no sistema educacional brasileiro, com matriz curricular, dias letivos, conteúdos pré-estabelecidos por série e nível de ensino, de acordo com exigência legal e professores qualificados e conscientes da responsabilidade do ensinar.

No Brasil o processo educacional apareceu juntamente com o credo religioso católico sob a ação dos jesuítas, que chegaram com o objetivo de catequizar os índios e se tornaram professores expandindo seus ensinamentos por mais de trezentos anos com a implantação das escolas católicas. Como parceiras da Igreja, tiveram uma grande procura, e assim o credo foi sendo levado para as massas através do ensino no processo da aprendizagem. Diante do respeito da sociedade para com a Igreja, essas escolas se tornaram, ao longo dos anos, respeitadas elitizadas e com grande credibilidade. Os padres eram responsáveis pela educação masculina enquanto as religiosas pela educação feminina. Nesse contexto, se deixa explícito que as congregações religiosas femininas tiveram uma importante participação na educação de jovens. Apresentavam uma proposta que agradava as famílias de modo geral, pois preparavam as jovens para a escrita, leitura,

matemática, religião, artes manuais e música, visto que não havia cobrança para se desenvolver a criticidade e promover as discussões inerentes aos fatos cotidianos, tendo ainda o cuidado com o comportamento que estava diretamente ligado à moral das jovens.

Percebe-se a importância da religião não só no processo escolar, mas para a cultura e a sociedade. É, pois, uma grande responsabilidade para as escolas confessionais trabalhar com uma sociedade plural, pois a pluralidade pode deixá-la com uma clientela sem opção de um credo religioso pelo fato de não apresentar uma visão unilateral acerca da religião.

O objetivo desta pesquisa foi resgatar a história da implantação do Centro Educacional Cristo Redentor, de Palmeira dos Índios, enfatizando a influência da escola católica naquela sociedade, da década de 1940 aos dias atuais. Para a aquisição dos resultados acerca da influência da educação católica na cidade de Palmeira dos Índios e do processo histórico do Centro Educacional Cristo Redentor no período de 1944 a 2013, foi feita uma abordagem qualitativa, apresentando os principais aspectos da educação católica no Brasil. Quanto aos procedimentos técnicos foi utilizada a pesquisa bibliográfica e a análise textual, sendo necessária a utilização da História oral, através de entrevistas com religiosas da Congregação, e pessoas que vivenciaram partes da trajetória da instituição.

Esta pesquisa está dividida em quatro capítulos. O primeiro capítulo, intitulado “Congregação das Filhas do Amor Divino”, faz uma breve abordagem da fundação da Congregação das Filhas do Amor Divino, em Viena, na Áustria, enfatizando o trabalho de sua fundadora, Madre Francisca Lechner e suas discípulas na Europa e a implantação de outras casas naquele continente. Relata, também, a preocupação com a continuidade da Congregação em decorrência da situação então vivida na Europa, principalmente a de irmã Teresina Werner que, assim como Madre Francisca Lechner, tinha planos audaciosos. Foram abordados no capítulo a chegada ao Brasil, o processo de adaptação no Rio Grande do Sul e a migração para o nordeste brasileiro (Caicó-RN), o enfrentamento de situações adversas, como também a expansão para outras cidades do Rio Grande do Norte, na cidade de Patos-PB e por fim Palmeira dos Índios-AL.

O segundo capítulo, cujo título é “Educandário, Ginásio e Colégio Cristo Redentor: escola católica, processos e retrocessos”, apresenta o contexto vivido no período da crise de 1929, destacando a era de Vargas, a Igreja, a sociedade e a educação. Apresenta-se a cidade de Palmeira dos Índios em seus aspectos históricos, sociais e religiosos, em virtude de que a sociedade faz parte do contexto abordado sendo imprescindível para a implantação do Educandário, posteriormente Ginásio, Colégio e Centro Educacional. Ainda destaca fatos relevantes na política, economia, Igreja e na educação nas décadas 40 e 50. A implantação da LDB, o cotidiano escolar, o regime de internato e a música como um instrumento do processo ensino aprendizagem e sinônimo de status social. Apresenta as inovações educacionais na década de 60 no esporte, um fragmento do representou o regime militar e a mudança para o novo prédio do colégio Cristo Redentor.

O terceiro capítulo tem por título “Colégio Cristo Redentor: processos e mudanças que precederam a virada do século (1970- 1999)”, e faz referência às décadas de 70, 80 e 90. O colégio recebeu alunos do sexo masculino, houve a extinção do internato, a continuidade do esporte que estava em ascendência com a construção da quadra, o crescente número de alunos e, conseqüentemente, o número de religiosas ficou desproporcional à demanda, tendo sido necessária a contratação de leigos. Foram abordados, ainda, a missão das religiosas, segundo documento episcopal, a implantação das LDBs, 5692/71 e a 9394/96 trazendo novas exigências para atender o mercado de trabalho e a valorização do vestibular.

No quarto capítulo, intitulado “Centro Educacional Cristo Redentor: abordagem sobre a contemporaneidade e suas perspectivas”, foi destacada a contemporaneidade com o propósito de apresentar o Centro Educacional Cristo Redentor, as inovações, as transformações, as adaptações e as dificuldades enfrentadas, no século, nas áreas política administrativa e religiosa, com enfoque para a sociedade plural.

Todos os capítulos são enriquecidos com contribuições de religiosas, ex-alunos, ex-professores e pessoas que vivenciaram aqueles momentos. Apresenta-se as considerações finais, como uma síntese do que foi analisado, consciente de que é uma obra inacabada, mas que irá contribuir para o reacender da memória, através

da história da educação católica implantada em Palmeira dos Índios, com a participação da sociedade e da Igreja, parceiras no processo educacional.

1 CONGREGAÇÃO DAS FILHAS DO AMOR DIVINO

1.1 MADRE FRANCISCA LECHNER: A FUNDADORA

A Congregação das Filhas do Amor Divino foi resultado do sonho de uma jovem nascida na Baviera, na aldeia de Edling, em 1º de janeiro de 1833; quinta filha de Francisco Xavier e Maria Lechner, foi batizada com o nome de Francisca e era conhecida como Francis. Seus pais viviam do trabalho de uma olaria o que contribuiu para que desde cedo tivesse contato com o campo administrativo e participasse dos negócios do pai. Para se familiarizar com aquele tipo de trabalho, Francis realizava algumas atividades: contava o apurado do dia e depois participava da contabilidade, acompanhava seu pai ao mercado e ouvia suas orientações. Aquelas atividades de certa forma intensificavam o seu aprendizado e aumentavam a sua perspicácia.

Na escola era sempre destaque, recebia todos os prêmios e tinha excelente memória, da qual se aproveitava para iniciar sua caminhada religiosa. Assim, aos nove anos ficou atenta ao sermão de um padre, proferido em Edling:

Num sermão presenciado pela menina, ele descreveu a miséria das crianças pagãs e pediu aos jovens, que se sentissem tocados pela graça da vocação para a vida religiosa e que quisessem dedicar a sua vida aos pagãos, animou-os a se dirigirem a Rosenheim (HENDGES; HETZEL, 2008, p.10).

Francisca ficou entusiasmada e tentou ir ao local. Todavia, foi impedida devido à distância bem como por causa de sua pouca idade. Porém, a religião e a educação já estavam incutidas em seu espírito.

A escola foi sua grande mestra e os sermões seus livros auditivos. Ensinava o catecismo, boas maneiras e os valores cristãos às crianças. Mais tarde quis ir para um convento das Damas Inglesas, em Altötting, para onde chegou a escrever uma carta que não logrou êxito uma vez que a resposta foi recebida por seu pai que não concordou e, mais uma vez, usou a idade como entrave. Aos treze anos, foi levada para o Instituto das Irmãs Pobres Escolares de Nossa Senhora, em Munique, para continuar seus estudos de formação e instrução, desta feita como aluna interna; dali

somente retornou após a conclusão dos estudos, habilitada para o exercício do magistério.

1.2 O MAGISTÉRIO DE FRANCISCA NA ESCOLA CATÓLICA

Após um período de permanência na casa de seus pais, Francisca dedicou-se ao magistério em escolas católicas. A princípio, ministrou aulas no mesmo Instituto em que estudou, das Irmãs Escolares de Nossa Senhora. Depois, foi admitida na Congregação das Pobres Irmãs Escolares de Notre Dame, no qual permaneceu apenas como professora, sem ter interesse em ficar como religiosa, visto que seu objetivo era chegar mais próximo dos pobres e das crianças pagãs. No período em que ali trabalhou havia exames públicos nos quais, geralmente, registrava-se a presença de pessoas ilustres. Estiveram presentes, por exemplo, Sua Majestade, o Rei da Baviera, Ludwig I, e Sua Alteza, a Rainha Maria (nora) por várias vezes.

Francisca, como professora, chamou a atenção daquelas autoridades ensejando que o rei supracitado pensasse em por em prática uma ideia que acalentava: a de comprar crianças africanas, por conta própria, para serem ensinadas e instruídas. Foram compradas em torno de 24 meninas negras, confiadas a Francisca. Para tanto, se fez necessária dedicação exclusiva e ininterrupta, além de algumas especificidades, como aprender o idioma delas e ensinar-lhes um pouco de alemão para que tivessem oportunidade de seguir seus estudos e enfrentar a rudeza das referidas crianças, o que mais tarde contribuiu para ganhar-lhes a amizade e confiança ao ponto de terem passado a chamá-la de 'mamãe'. Mas, o que mais chamou a atenção é o fato de elas não terem se adaptado ao frio, em decorrência do qual, aos poucos, foram morrendo. Segundo relatos, ficaram apenas duas: uma optou pela vida religiosa e a outra se casou, retornou à África, mas não perdeu a comunicação com Francisca, com quem se correspondia.

Enfrentou o racismo, encoberto pelos gestos de bondade do Imperador quando aceitou ensinar crianças vindas da África. Naquela época o preconceito racial aflorava nos ânimos das pessoas; entretanto, como forma de aproximar-se de Deus, às vezes aconteciam gestos de bondade praticados por algumas

autoridades... Assim, mais uma vez a educação e a religião assumiram parceria. No que se refere ao quantitativo das crianças negras, não há registros oficiais, tem-se apenas relatos de que não ultrapassavam trinta; alguns documentos citam que aquelas crianças tinham um comportamento que requeria cuidado especial, visto que, segundo os dados, quase todas morreram. Pode-se enumerar vários fatores, dentre os quais o fato de terem sido afastadas do âmbito familiar, serem negras e, conseqüentemente, discriminadas; filhas de escravos, não haviam frequentado a escola. Além dos problemas psicológicos, sociais e culturais, pesava o geográfico, representado pela situação climática.

As autoridades apontam o clima como o principal responsável para que as meninas não tenham chegado ao fim da caminhada com Francisca, pois mesmo com todo o carinho que lhes foi dispensado, através da preocupação com o idioma e com o comportamento, Francisca não conseguiu concluir o trabalho em virtude de elas não terem suportado o frio e, aos poucos, terem falecido.

Com a morte das meninas, Francisca passou a lecionar no Instituto de Surdos de Munique onde, mais uma vez, aproximou-se dos pobres. Todavia, ainda não estava satisfeita, pois queria fundar “uma sociedade própria em honra de Deus e cuidado aos pobres” (HENDGES; HETZEL, 2008, p. 18). Tinha certeza do seu ideal, só não sabia como, quando e onde torná-lo realidade. No mesmo período conheceu um Padre de nome Depozzo que a incentivou a concretizar o seu sonho com a ajuda dele. Juntos fundaram um Educandário, do qual Francisca era a diretora. A obra prosperou, mas, em virtude da instabilidade do padre ela desistiu. Porém, não querendo parar, deu continuidade ao seu magistério: alugou uma moradia na casa de um carpinteiro, em Ebersberg, e iniciou uma escola particular dedicada ao Jardim e aos trabalhos manuais, que ficou sob a responsabilidade de sua amiga Karoline Tschofen, membro do Instituto das Damas Inglesas.

“Essa escola funcionava muito bem, contribuindo para que várias professoras fossem admitidas e com elas foi adotado o hábito religioso, ou seja, as vestes que identificam as irmãs como religiosas” (HENDGES; HETZEL, 2008, p. 19). Após um ano de funcionamento, Francisca viajou para a Áustria e deixou a escola com Tschofen, que já tinha experiência no trabalho que estava sendo realizado.

1.3 OFICIALIZAÇÃO DA CONGREGAÇÃO EM VIENA: DESAFIOS E AÇÕES NA EUROPA

A Áustria é um país ao qual a geografia, a história e a cultura deram um *status* diferenciado dos demais países europeus. O branco da neve, o rio que traz em seu nome lembranças de valsas ouvidas no mundo inteiro, principalmente ‘Danúbio azul’ e ‘Valsa do imperador’, as quatro estações bem definidas, e Viena, sua capital, cognominada de ‘Capital do Império’.

É notável, também, a participação do Império na fundação da Congregação. Percebe-se que, em vários momentos e em alguns lugares, as irmãs ou mesmo apenas Francisca, tiveram um acolhimento acompanhado de ajuda financeira. Em Viena, Francisca constatou que havia sido enganada pelo Dr. Wiedemann, visto que ele lhe informara de que havia certa quantia a ser doada para o asilo das empregadas, mas, na verdade, não existia nenhuma doação, ele estava enganando. Porém, isso não foi suficiente para que ela desistisse de seu ideal: com pouco dinheiro e sem encontrar benfeitores e cofundadores, mesmo após ter contraído doença que a deixou acamada, ainda acreditava na vontade de Deus. “Antes de partir para Viena, Francisca pediu a Deus que a deixasse morrer na viagem ou lá mesmo quando chegasse, caso seu trabalho a desviasse dos mandamentos ou não fomentasse a salvação dos seus semelhantes” (HENDGES; HETZEL, 2008, p. 23). Deixava explícito que o seu ideal estava atrelado à fé e à vontade divina, pois não iria desistir do seu objetivo, a ponto de preferir a morte.

Mesmo enferma, no dia 12 de novembro de 1868, redigiu um requerimento ao Ministério do Interior, solicitando a liberação da Sociedade de cuja administração ela estaria empenhada. Aproveitou o ensejo e anexou um projeto dos Estatutos que tratavam da finalidade da obra então em fase embrionária. No dia seguinte (13), percorreu algumas ruas à procura de um espaço físico, até chegar à Rua Taubstummengasse (surdos), nº 5, no bairro Wieden: era um quarto de terceiro andar com entrada própria e uma antecâmara (sala). As instalações não eram adequadas para um projeto de grande porte como Francisca havia idealizado; todavia, ela estava convicta que era apenas o início, ou o primeiro tijolo de um grande edifício. Assim, não fez nenhuma objeção, até porque, nela, a fé era uma

constante, o que lhe faltava era dinheiro. Quanto ao mobiliário, era quase inexistente em valor material, embora tivesse valor espiritual incalculável.

As primeiras coisas compradas por Francisca foram um crucifixo, uma estátua de Nossa Senhora e dois castiçais. A Congregação não iniciou com a finalidade de ser uma escola igual às demais, mas, sim, um Instituto escola com grande responsabilidade, visto que se preocupava além da arte de ler e de contar com a situação daquela sociedade e, de forma específica, das mulheres (HENDGES; HETZEL, 2008, p. 24).

A família era um ponto de referência e isso é percebido no princípio religioso. As imagens legitimaram tal afirmação, pois quando foram dados os primeiros passos para a oficialização, a Madre Francisca teve o cuidado de, mesmo com muita pobreza, adquirir uma Nossa Senhora, representando a mãe e dona da casa e, conseqüentemente, São José, como o pai, dono da casa.

Assim, estava formado o protótipo de uma família, idealizada na própria família de Jesus.

Foto 1

O crucifixo de Madre Francisca e os castiçais da Casa Mãe



Fonte: acervo de Irmã Maria Antonia Franco, Filha da Divina Caridade-FDC.

No dia 15 a casa já podia ser ocupada. Aproveitou o ensejo e levou o requerimento que redigira anteriormente, no período em se encontrava doente, para entregar ao Ministério. Foi recebida pelo chefe da Secção, o Barão Rudolf Von Breisky que, percebendo o valor da obra, ajudou-a com uma carta de recomendação ao governador da cidade, o Barão Weber, deixando-a a um passo da concretização

do seu sonho. As duas autoridades cumpriram com a promessa e foram também colaboradores.

Aos 21 de novembro de 1868, os barões supracitados comunicaram que, em breve, sairia a concessão para se fundar a Sociedade e a licença para serem coletadas esmolas em benefício da nova obra. Francisca estabeleceu aquele dia, da festa de Maria da Apresentação, como data de aniversário da Congregação: todos os anos ela é comemorada juntamente com a vestição, a profissão religiosa e a renovação de votos (HENDGES; HETZEL, 2008, p. 25). A concessão chegou no dia 27/11/1968 ; estava oficializada a Congregação das Filhas do Amor Divino.

Finalmente a Congregação estava fundada com apenas um membro: Francisca Lechner. O grande sonho havia sido concretizado, porém, ainda tinha que lutar muito, pois necessitava arranjar adeptas, ou seja, jovens da região que estivessem dispostas a abraçar aquela causa. Para tanto, a fundadora saiu à procura de vocacionadas visitando conventos; recebeu a primeira candidata aos 7 de dezembro: chamava-se Katharina Benda, era natural de Bukckal, na Boêmia, e passou a chamar-se Irmã Luzia. As duas irmãs conseguiram o primeiro benfeitor, um industrial – Anton Lang – que fez uma doação de 20 florins¹; além dele, seu irmão é também citado como benfeitor.

Para dar continuidade aos trabalhos iniciados, Francisca teve que pensar em outra ação; resolveu, então, procurar um padre que fosse conhecido na região para que interviesse e ajudasse a Sociedade: o escolhido foi o Padre Anton Steiner, coadjutor da Paróquia da Corte Imperial, cujo padroeiro era Santo Agostinho. Ele aceitou o convite e ficou com o encargo de diretor e cofundador da Sociedade. Não há dúvidas de que foi um grande ganho, visto que, dentre outros atributos, era um exímio orador, admirado pela população.

O trabalho de Francisca e de Katharina continuava. Esmolavam todos os dias e, mesmo ficando muito cansadas, colocavam a vontade de servir a Deus e aos necessitados em primeiro plano. No ano seguinte chegou o terceiro membro, Irmã Juditha Köck que, depois, recebeu o nome de Josefa. O projeto continuava a funcionar em um espaço pequeno e inadequado, segundo narrativa da própria Irmã

¹ Então moeda da Áustria.

Josefa ao referir-se à sua chegada à casa de nº 5, terceiro andar, quando perguntou pelo convento. “Aqui não há convento. No terceiro andar mora, todavia, uma senhora que usa um vestido preto e uma touca branca, talvez queira ir a esta” (HENDGES; HETZEL, 2008, p. 27).

Josefa fez tal narrativa acrescentando que a receptividade de Francisca fazia renascer suas esperanças: “Se o bom Deus quer que colabore desde o início, assim seja” (HENDGES; HETZEL, 2008, p. 27). Para solucionar o problema de espaço físico, o reverendo Steiner e os irmãos Lang aconselharam-na a comprar a casa de nº 4, da Rua Fasangasse, Viena, então propriedade do Sr. Friedrich Raimann.

A compra foi marcada para o dia 24 de janeiro de 1869. Como não tinha o dinheiro completo na data estipulada, contou com as esmolas e ajuda dos irmãos Lang e completou 1.000 florins. Ainda foram necessárias outras ajudas e empréstimo. No dia 1º de fevereiro, as irmãs ocuparam um dos apartamentos da casa, os demais continuaram ocupados sendo desocupados aos poucos e, por último, saiu o antigo proprietário. O primeiro passo foi concretizado, estava comprada a Casa-mãe da Congregação, com o nome de Instituto Mariano (Mariananstal) como referência de que ele estava sob a proteção de Maria. Além das poucas coisas que elas levaram, havia um crucifixo, uma imagem de Nossa Senhora e outra de São José, dois castiçais e alguns poucos utensílios domésticos.

Foto 2
Primeira Casa-mãe da Congregação



Fonte: Acervo da Irmã Maria Antonia Franco, FDC

Os desafios foram muitos, desde a fundação da Congregação até o momento em que ela passou a funcionar regularmente. A leitura da história da Congregação

torna evidente, em todos os momentos, a importância da figura de Francisca Lechner, como batalhadora em prol dos pobres, líder nata que jamais dispensava a ajuda de quem aparecia, caminhando sempre em busca de sua grande meta, sem se envergonhar daquela missão. Utilizando-se de seu credo religioso fundou escolas católicas, mesmo que de forma precária, e a um número reduzido de alunos transmitiu os ensinamentos de Jesus Cristo.

Tinha preocupação com a sociedade carente, sobretudo com os órfãos, as desempregadas e as domésticas. Toda aquela situação refletia a realidade econômica que vivia o país, pois se vê que ela traduzia a desigualdade social existente. Outro fato que se faz necessário abordar é sobre a disponibilidade peculiar de Francisca e a facilidade que possuía de se aproximar da realeza para fazer suas solicitações, o que veio a se tornar fato corriqueiro. Chegou ao extremo, conforme visto, ao fundar e oficializar uma Congregação com apenas um membro – ela mesma.

1.4 CARACTERIZAÇÃO DA EUROPA: EDUCAÇÃO CATÓLICA E EXPANSÃO DAS FILHAS DO AMOR DIVINO

A Europa é um continente que tem suas peculiaridades: na Geografia Física se constitui de uma grande península, composta por várias outras menores; na história e cultura é considerada o berço da civilização, sendo chamada de o Velho Mundo ou Velho Continente.

Esse continente serviu de base para várias transformações de ordem social, política, econômica, cultural e religiosa, cujos reflexos se expandiram não só na própria Europa, mas por outros continentes. Em se tratando especificamente de um dos seus países, a Áustria, destaca-se que ela foi o ponto de partida para o início da Congregação das Filhas do Amor Divino.

No início do século XIX, a Áustria patrocinou o Congresso de Viena (1815), bem como se tornou a maior potência da Confederação Germânica, cujo império era formado por vários povos, tais como alemães, húngaros, eslavos e italianos, dentre outros. Também se tornou o centro das idéias conservadoras no continente. Mas,

em 1848, através da onda revolucionária liberal e nacionalista seu Chanceler, Klemens Metternich foi derrotado (ALMANAQUE ABRIL, 1996, p. 183). Após esse fato, sofreu outra derrota quando foi expulsa da Confederação Germânica depois de ter perdido para a Prússia, em 1866, no período que antecedeu a oficialização da Congregação. No ano seguinte, foi estabelecida a Monarquia dual, ou seja, tratava-se do Império Austro-húngaro, responsável por declarar guerra à Sérvia, o que, em 1914, deu início à I Guerra Mundial cuja duração se estendeu até 1918.

Os fatos não podem ser ocultados, pois, de certa forma, podem ter contribuído, negativa ou positivamente, para a implantação e expansão do projeto de Francisca Lechner. O continente europeu foi o celeiro e a base para o desencadeamento de grandes revoluções, como a Francesa e a Industrial, responsáveis pela reestruturação e reorganização da sociedade na política, na educação e na Igreja, destacando-se o cristianismo como religião predominante, na Áustria. Não obstante, a Alemanha enfrentava um grande conflito entre católicos e protestantes, acentuando-se quando a Prússia (protestante) venceu a Áustria.

A educação católica, implantada por Madre Francisca, a partir de 1868, apresenta uma situação diferenciada das demais escolas, visto que em sua trajetória as Filhas do Amor Divino tinham o intuito de, através da educação, expandir e intensificar o credo religioso. Na verdade, ao contextualizar os transtornos da época e a educação católica, vê-se que teve início, de forma muito simples, através dos ensinamentos de Jesus Cristo e da instrução ministrada pelas freiras, que, para sobreviverem e dar sustentáculo à obra recém-fundada, viviam esmolando, chegando a quase exaustão. “Em Viena não aguentou por muito tempo a tarefa de coletar esmolas” (HENDGES; HETZEL, 2008, p. 26).

As questões sociais a cada dia ficavam mais explícitas, pois havia muitas mulheres sem emprego e, de acordo com o modelo da época, deveriam cuidar da sua própria casa; quando, todavia, devido à necessidade tinham que trabalhar, muitas vezes como empregadas domésticas, eram discriminadas por serem pobres e analfabetas.

A proposta da sociedade fundada por Madre Francisca era a de acolher, ensinar e instruir a todas as pessoas pobres, desempregadas e órfãs. Em um

espaço de tempo muito curto ela se expandiu pelas regiões vizinhas. No cotidiano da casa-mãe, além de esmolarem durante o dia, entre as responsabilidades de Madre Francisca estava um cronograma de ordem religiosa que incluía a ladainha de São José, santo escolhido e considerado pai daquela família. A esse respeito a Madre dizia: "Olha São José! És o nosso pai e sabes do que precisamos, também hás de ajudar, prometo-te colocar todas as casas da Sociedade sob tua especial proteção e que todas as Irmãs deverão venerar-te devidamente" (HENDGES; HETZEL, 2008, p. 30). Até os dias atuais São José é mantido como o pai e protetor da Congregação e uma imagem sua sempre está presente no altar das capelas dos colégios no Brasil.

Após um ano de funcionamento a Sociedade de Francisca Lechner, necessitava de uma normatização. Em 30 de abril foram ratificados, pelo Real e Imperial Governo do Estado, os estatutos da sociedade, o que foi um passo importante e propício para a sua continuidade. Vários outros Institutos Marianos foram inaugurados, cada um com sua especificidade: uns próximos à sede, outros mais distantes, todos faziam parte do sonho de Francisca; muitos passaram a ser realidade graças à ajuda de muitas pessoas, inclusive de famílias que queriam fazer o bem aos mais necessitados e ofertavam o espaço físico para as Irmãs, ou o vendiam por um valor irrisório. As casas recebiam a permissão da Madre, que não se negava a enfrentar novos desafios, principalmente os de ordem financeira, juntamente com suas Irmãs da comunidade religiosa, pois ela não recebia dinheiro de suas hóspedes, o que explica o fato de elas viverem esmolando, atividade que desempenhavam com alegria, apesar das dificuldades que enfrentavam.

Madre Francisca viajou por vários lugares, com o propósito não só de esmolar, mas também de conhecer outros conventos ou casas que funcionavam com o mesmo fim. Porém, apesar de saber que a sua era mais uma experiência, nenhuma das que foram visitadas lhe satisfez, visto que elas cobravam de seus hóspedes algum valor, ainda que ínfimo, fato que não lhe agradava.

A cada dia as casas tornavam-se pequenas por causa do número de hóspedes que nelas adentravam, o que requeria a busca de casas maiores e a abertura de outras. A compra dessas casas, todavia, não era tarefa fácil, pois

geralmente não havia a quantia necessária para efetuar a compra, embora sempre aparecesse algum benfeitor para concluir a transação econômica, ou então era realizado um empréstimo. Porém, o que realmente importava era efetuar a compra, pois, segundo a fundadora, tudo estava alicerçado na fé em Deus. A esse respeito a Madre dizia: “Sendo obra de Deus, persistirá; não sendo obra sua, há de desintegrar-se” (HENDGES; HETZEL, 2008, p. 38). Assim, houve uma sequência de aberturas de novas casas, das quais se cita, em 1º de maio de 1870, a inauguração do Instituto Mariano de Brünn. Ao evento estiveram presentes Sua Excelência, o Conde de Thun, governador do Estado, altos funcionários e damas da aristocracia.

Aos 02 de julho de 1871, aconteceu a inauguração do Instituto Mariano de Budapeste, tendo como presenças ilustres, o Governador do Estado de Thaisb, Prefeito Gempl, altos funcionários públicos, o Senhor Diretor, Padre Steiner e o Senhor Lang. A casa constava de uma repartição para as domésticas, internato para as educandas e uma seção destinada às crianças órfãs. Foi ainda implantada uma escola fundamental com oito séries, aberta também para alunos externos, uma escola de trabalhos manuais e um jardim de infância. Em Troppau, em 4 de setembro de 1872, foi inaugurada uma escola especialmente para domésticas, com instrução gratuita, mediação de empregos para as que estivessem desempregadas, educação para crianças, especialmente pobres e órfãos.

No mesmo ano, ainda inaugurou em Dornbach, próximo a Viena, um pequeno estabelecimento em atendimento a uma solicitação feita pelo Arcebispo de Gran. Mesmo já existindo uma creche fundada pelo pároco, a escola ficou sob a direção das irmãs; ela se destinava ao ensino do artesanato, pois já havia uma creche fundada pelo pároco. Mas, segundo os registros, aquela escola não prosperou e, em 15 de outubro, as irmãs saíram de lá. A Madre acreditava que era o momento oportuno para fundar um abrigo, pois, assim, daria continuidade ao plano de expansão, o que aconteceu em junho de 1873.

Desta feita era uma obra especial, pois seria utilizada para abrigar as irmãs que já estavam velhas e cansadas de trabalhar. Essas, em especial, precisavam, segundo a Madre, de um local onde pudessem rezar e realizar algumas atividades relativas ao seu cotidiano. A princípio foi adquirido um terreno no interior, lugar

agradável, principalmente para as irmãs de idade avançada, uma casa para as que estavam fracas e enfermas, tratava-se da casa principal de um Moinho desativado e dos terrenos ao lado.

Foto 3

Casa-abrigo para irmãs idosas (nela a Madre Francisca viveu seus últimos dias)



Fonte: acervo da Irmã Maria Antonia Franco, FDC

A inauguração deu-se no dia 27 de dezembro de 1873, pelo prelado Sebastian Brunner, de Viena. O asilo recebeu o nome de “Abrigo de São José”. Segundo os relatos textuais, inicialmente a Madre pensou em colocar o nome “Divina Providência”, visto que a Congregação realizou aquela obra por Sua intercessão. Mas as irmãs acharam que deveria ser São José mesmo, em homenagem ao santo que sempre esteve presente na vida das religiosas e da Sociedade como um protetor particular.

Era notório, segundo as obras existentes, que a Madre Francisca tinha preocupação e carinho especiais com os idosos, principalmente os enfermos, fato que pode ser legitimado através do relato de suas ações diárias. Ao visitar Breitenfurt, priorizava a visita à enfermaria das idosas, para saber o estado de saúde de suas irmãs, lembrando, sempre, que havia necessidade de paciência para suportar o sofrimento. Em meio a todas essas realizações, não ficava em segundo plano a educação. Às irmãs que apresentavam aptidão e gosto pelo estudo, a Madre Francisca mandava que se preparassem para a escola e para ensinar o Jardim de

Infância; as demais deveriam também ser preparadas para algum ofício, além de receberem a formação religiosa indispensável. Ela não tolerava gente desocupada, embora não quisesse que as irmãs e as candidatas ficassem escravas do trabalho e fazia com que o recreio na comunidade fosse um momento de descontração. Assim, apesar de todas as atribuições e preocupações, a Madre gostava de gente alegre, de religiosas sorrindo. A esse respeito, cita-se uma frase que ela costumava repetir: "Na tristeza, o diabo pesca facilmente" (HENDGES; HETZEL, 2008, p. 50).

Tais aspectos permitem observar a adoção, por parte da Madre Francisca, de uma pedagogia que adotava normas, com rigor e organização, atreladas à afetividade. A partir desse pressuposto se ergueu a Congregação das Filhas do Amor Divino. A educação católica, segundo Madre Francisca, deveria estar voltada para os propósitos de Deus, com veneração à Mãe de Deus e ao Santo Anjo, em forma de Congregação e Associação para as maiores e menores, respectivamente, incluindo os deveres da religião como uma forma de as crianças adquirirem resistências para enfrentar o mundo. No campo educacional, a Madre elaborou um plano pedagógico que deveria ser seguido com rigor. Não é demais lembrar que ainda fazia parte desse plano a preparação das irmãs professoras: diálogos, correções (quando necessário), e reuniões periódicas para o estudo do plano que, hoje, seria chamado de projeto pedagógico.

Em uma sociedade cheia de marcas do século anterior, na qual a desestruturação econômica predominava, a religiosidade começava a ruir, o poder concentrado nas mãos de poucos marcava a subserviência da população, a desigualdade social era imensa e ocasionava desemprego e/ou baixos salários. Registra-se, também, a existência do Iluminismo, no período que ficou conhecido como o 'século das luzes', quando o homem deixou de se alicerçar na esfera teológica, pois, a razão passou a ser a referência e o centro, e o cientificismo foi defendido por muitos estudiosos, a exemplo de Auguste Comte, Émile Durkheim, Karl Marx e Max Weber, entre outros que aguçavam essa temática. Para as mulheres desempregadas daquela sociedade o plano educacional da Madre não ficava restrito apenas às letras e à religião, mas, especificamente, ao comportamento, à conduta, ao discernimento e até ao modo de vestir-se; na questão econômica, aprendiam a economizar e utilizar-se da caderneta de poupança, dentre

outros ensinamentos para a vida cotidiana. A esse respeito cita-se uma discussão atual da Congregação da Educação da Escola Católica, quando faz referência à escola católica:

No projeto educativo da escola católica, não há por isso separação entre o momento de aprendizagem e momentos de educação, entre os momentos do conhecimento e momentos de sabedoria. Cada uma das disciplinas não apresenta só conhecimentos a adquirir, mas também valores a assimilar e verdades a descobrir. (SANTOS FILHO (Org.), 2008, p. 36).

A fundadora (Francisca Lechner) já havia evidenciado sua preocupação com a qualidade do ensino, com o grau de instrução de suas educandas e, principalmente, das educadoras – as religiosas. Como já foi citado, aproveitava os momentos oportunos para se fazer entender, ensinando e aprendendo também. A grande diferença é que, em todas as situações, a marca da escola católica estava presente, pois nunca lhe faltava a oração, ou mesmo um texto para interpretar e até mesmo a contação de histórias, atividade na qual a Madre era exímia; assim, através da educação católica as pessoas recebiam acolhimento, instrução e ensinamento científico. Até mesmo nas viagens aproveitava para orientar as irmãs, pois, para ela “ao viajar deveriam procurar aumentar seu conhecimento e a sua experiência, e assim incentivava suas filhas espirituais a fazerem o mesmo” (HENDGES; HETZEL, 2008, p. 66). Ainda a esse respeito, pode-se dizer que sua pedagogia era contemporânea, visto que adotava processos hoje considerados construtivistas.

Talvez não soubesse que se tratava de um processo pedagógico em sua totalidade; porém, tinha a intenção de que as irmãs aproveitassem não apenas o que era ensinado em sala de aula, ou por ela, mas, sim, tudo que estivesse ao alcance dos olhos e da mente no dia a dia, como leituras, observações, comentários... Assim as conduzia, sempre deixando claro que mesmo com o conhecimento não se podia abandonar a fé e a confiança em Deus. Para tanto, costumava ordenar alguns afazeres básicos para intensificar a leitura de mundo por parte de cada uma, através de atividades extraescola, não livrescas, através do que hoje chamamos de aula-passeio, visto que havia orientação para quase todos os momentos diários, sem uma sequência de conteúdos ou mesmo com a utilização de livros. A esse fato destaca-se que:

Em suas viagens de coleta, comprassem mapas e compêndios de geografia e os estudassem, visitando também diferentes coisas notáveis. Sempre com a finalidade de aprender algo a ser utilizado de alguma forma em benefício da Sociedade. Em tais ocasiões dizia, muitas vezes, às Irmãs: “Não viajem como malas ambulantes! Com isso queria dizer: sem pensar” (HENDGES; HETZEL, 2008, p. 66).

Ainda sobre a educação difundida pela Congregação das Filhas do Amor Divino, a Madre Francisca também se preocupava com a educação que as irmãs podiam transmitir para as crianças, pois, na sua concepção, essa tarefa estava atrelada ao grau de conhecimento adquirido por elas e, especificamente, no âmbito da educação católica, percebia que poderiam deter o ‘velho catolicismo’.

As escolas e/ou institutos que foram inaugurados ministravam a educação católica. Entretanto, um fato interessante pode ser citado quando da inauguração da escola de Dolnja-Tuzla, que teve como objetivo receber crianças católicas e evitar que elas fossem educadas em escolas de outro credo. Eram 23 crianças bosnianas e seis alemãs (HENDGES; HETZEL, 2008, p. 122), e as famílias de outros credos confiavam seus filhos às irmãs, o que pode ser traduzido, em uma linguagem contemporânea, como uma perspectiva de pluralismo religioso e, ao mesmo tempo, como evidência do respeito da sociedade para com o trabalho que aquelas religiosas desenvolviam.

1.5 CONGREGAÇÃO, ESCOLA CATÓLICA E SOCIEDADE

A Congregação cresceu em um território onde havia carência de educação; nela, a religião católica enfrentara algumas pequenas objeções que logo foram vencidas. Mais tarde, a situação mudou e a religião católica sentiu-se ameaçada pelo desenvolvimento da Europa, pelo surgimento de outros credos e pelo distanciamento da sociedade. Naquele cenário, uma opção seria migrar para outros países; em tal perspectiva, o continente americano era contemplado, mais especificamente o Brasil e os Estados Unidos, países semelhantes em extensão territorial, embora fossem divergentes no povoamento, colonização, exploração e desenvolvimento.

Após ter-se expandido em 27 pontos estratégicos da Europa, teve necessidade de encontrar novos espaços onde o credo religioso e a educação católica pudessem atingir seu propósito. Na verdade não se observa nenhum indício de que Madre Francisca tivesse anseios de chegar até o Brasil. E isso é fato, apesar de possuir uma visão macro, ela não explicitou que a Congregação deveria se expandir por outros continentes. Certamente isso se deve ao fato de que ela ficou restrita a uma região na qual a Igreja e o Império eram parceiros, visto que, em todas as memórias, consta que as irmãs sempre tiveram acesso aos membros do Império e esses tiveram constante respeito para com elas, bem como se sabe que nunca lhes faltou ajuda financeira ou mesmo autorização para esmolarem.

Nesse contexto, é salutar lembrar a influência do processo histórico, político e administrativo para a sociedade e para o credo religioso. É notória a participação do Império e, para tanto, cita-se algumas passagens que legitimam tal afirmação: “Suas Majestades, a Rainha Maria, viúva, o Rei Johann e a Princesa real, Karola mostraram-se sumamente benévolos com ela [a Madre]” (HENDGES; HETZEL, 2008, p. 50). “Sua Majestade acolheu o convite prometendo enviar em seu lugar, Sua Alteza Real e Imperial, a Sereníssima Arquiduquesa Gisela e doou-lhe 200 florins” (Idem, p. 52). “No dia 29 de novembro de 1872, Madre Francisca teve audiência junto a Sua Majestade, a Imperatriz Karoline Auguste, avó de Sua Majestade o Imperador Franz Josef I.” (Idem, p. 56). “A Princesa Friedrich Karl lhes apresentou até mesmo os seus Príncipes e Princesas, mostrando-lhes os seus aposentos e pinturas.” (Idem, p. 56). “A Senhora Condessa Festetics, de nascimento, Condessa Zichy, fundara sobre a sua propriedade de Toponár, Hungria, um jardim de infância e uma escola de artes domésticas, dirigindo-se à Madre Francisca com o objetivo de passar a direção do Instituto às Irmãs.” (Idem, p. 65).

Como a pobre Sociedade não dispunha de meio algum para tanto, tomou a resolução de se dirigir a Sua Majestade, o Imperador Franz Josef I, com o pedido respeitoso de destinar, benevolmente, para o Instituto Mariano uma parte do rendimento líquido da loteria estadual beneficente. Para isso solicitou uma audiência com Sua Majestade [...] Francisca obteve 10.000 florins da referida loteria para a construção do anexo previsto (HENDGES; HETZEL, 2008, p. 83).

Por ocasião das bodas de prata do Casal Imperial, Madre Francisca escreveu na crônica da sociedade: "Em todas as nossas casas, nomeadamente aqui, a festa imperial foi celebrada com máxima solenidade. [...] o monograma do Imperador e da Imperatriz, ladeados dos seus retratos e dos seus brasões, decoravam a fachada." (HENDGES; HETZEL, 2008, p. 82). "Visita de Sua Majestade, o Imperador Franz Josef I, ao Instituto Mariano de Troppau, realizada na tarde do dia 21 de outubro de 1880." (Idem, p. 89). "Madre Francisca dirigiu um requerimento a Sua Alteza Imperial, Princesa Stephanie, esposa do Príncipe Herdeiro, Condessa Zitta Nostitz, pedindo que aceitasse o protetorado do Instituto Mariano de Praga, e obtendo sem tardar uma resposta afirmativa." (Idem, p. 91). "No dia 13 de maio de 1893, Madre Francisca recebeu da administração dos bens do Sereníssimo Senhor Arquiduque a comunicação escrita do deferimento do seu pedido expresso por último, doando o Castelo à Congregação" (Idem, p. 185). "Sua Majestade concedeu a Madre Francisca 'a cruz de ouro com a coroa', condecoração por mérito, pela sua ação incansável e beneficente" (Idem, p. 234).

Foto 4
Medalha da cruz de ouro com a coroa

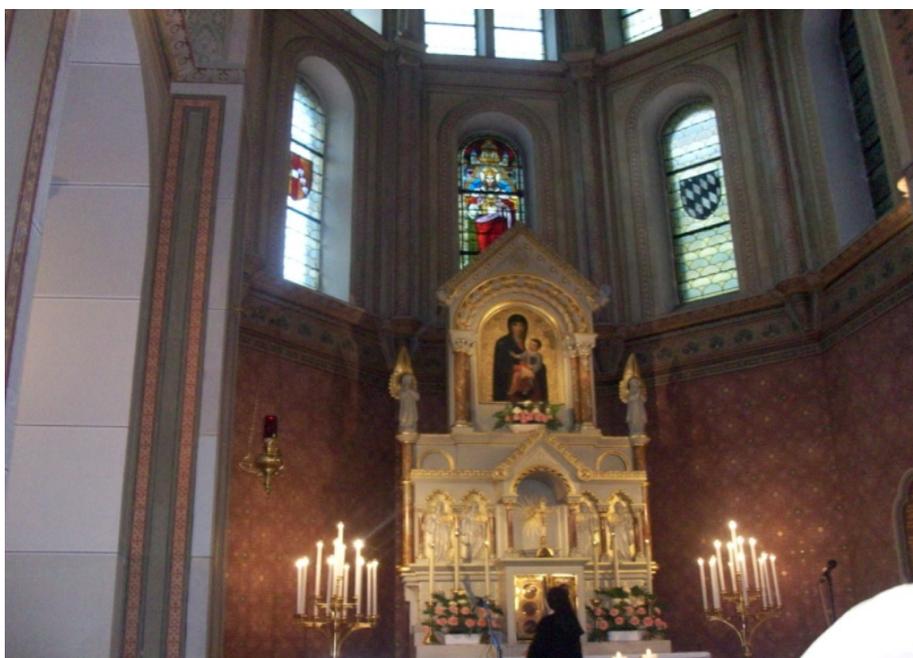


Fonte: acervo da Irmã Maria Antonia Franco, FDC

Em virtude da sua doença ficou impossibilitada de receber a referida comenda, o que ensejou a remarcação da data para o início do ano seguinte, por ocasião do seu aniversário. Mesmo assim, o planejado não aconteceu por causa de

sua morte. Foi então solicitado a Sua Majestade que ela fosse entregue à Congregação, o que não era permitido. Todas as citações transcritas permitem perceber a influência da realeza, para a Congregação, durante a caminhada de Madre Francisca. Outro fato que chama a atenção é a existência dessa consideração e respeito expressos por ambas as partes. A Madre geralmente não pedia dinheiro, mas, sim, liberação para esmolar. Quando recebia doações em dinheiro, elas eram usadas para comprar imóveis por causa da necessidade de aumentar o espaço físico de algum instituto pertencente às Filhas do Amor Divino, o que ocorria por causa do acréscimo considerável de pessoas no Instituto. Ainda a esse respeito, enfatiza-se a gratidão ao ponto de a Madre ter elaborado uma oração para ser rezada, pelas irmãs, nas intenções do Imperador. Apresenta-se, também, a Igreja, ou melhor, detalhes dos vitrais com o Brasão do Império, o que confirma a parceria existente.

Foto 5
Igreja que apresenta os vitrais com o brasão do Império



Fonte: acervo da Irmã Maria Antonia Franco, FDC

Foi após o falecimento de Madre Francisca Lechner, que a situação do Império Austro-húngaro mudou consideravelmente e, com ele, o quadro político da

Europa, causando algumas preocupações acerca das consequências, pois começava a surgir uma sociedade oriunda dos escombros. A Irmã Ignatia assumiu a Congregação, por indicação de Madre Francisca. E como não havia nenhum pronunciamento de Madre Francisca explicitando interesse de se instalar no Brasil, conseqüentemente a Madre Geral Ignatia não apresentou em seus planos de continuidade do trabalho, projetos de migração para o Brasil.

Porém, uma das irmãs, de nome Teresina Werner, que, para a época, era audaciosa e de uma visão crítica admirável, a cada momento fazia análise da situação pela qual estava passando a Congregação. Como não fazia parte da cúpula administrativa, começou um trabalho no qual se sentia praticamente só com Deus e com os ideais de Madre Francisca.

O que chama a atenção é que não consta que outras irmãs tivessem a mesma preocupação, pois elas continuavam realizando seus trabalhos, mesmo com muita dificuldade, no continente europeu. A Congregação contava com 1.100 religiosas distribuídas pela Áustria e pela Hungria em 46 casas, realizando um trabalho de educação da juventude e formação de domésticas, cuidando de hospitais, asilos de idosos e orfanatos (WERNER apud OLIVEIRA,1999,p. 78). Até o início do século XX, a Madre Geral Ignatia não havia deferido qualquer solicitação para o continente americano, o que, naquele momento deixava a Irmã Teresina impossibilitada de por em prática o seu projeto.

A princípio relatava que poderia se expandir para a África, a Inglaterra e para o continente americano, mais especificamente para os Estados Unidos e para o Brasil. A tarefa não era nada fácil, pois seria a primeira migração além-mar para um continente que apresentava vários pré-requisitos para que a Congregação fosse edificada. Sabia-se que, na Europa, a situação era incerta, mesmo com a estrutura que a Congregação possuía, pois, naquele momento enfrentava-se o liberalismo, o colonialismo e o nacionalismo, que dificultavam o trabalho das religiosas. Assim afirma Teresina Werner, em 1904, citada pela Irmã Vilma Lúcia de Oliveira."Isto tem bem mais seu motivo, no fato de que, de alguns anos para cá tenho uma visão profunda da vida de nossa Congregação e percebo diversos costumes que freiam o dinamismo religioso". (WERNER apud OLIVEIRA, 1999, p. 20).

A citação acima evidencia que a irmã Teresina estava preocupada com as mudanças que estavam acontecendo no continente europeu, e que, de certa forma afetava a Congregação, pois de um lado teria que seguir as normas da vida religiosa (obediência); por outro, como tinha uma visão muito crítica achava que esta obediência não podia ser maior do que os anseios da Madre em expandir a Congregação. Mas, caso isso não acontecesse, de acordo com Teresina, a Congregação estaria fadada a ficar entre os muros da Europa. A partir daí, ela lançou a proposta de uma nova missão, em outro território, mesmo que implicasse conviver com protestantes.

Para se estabelecer no Brasil, teve que apresentar justificativas lógicas e precisas e utilizar-se do poder de persuadir através da oralidade, tendo como primeiro dos argumentos as consequências da I Guerra Mundial. O segundo, era o desejo que tinha a Irmã Teresina de seguir a audácia de Madre Francisca no plano de expansão ditado pela necessidade de salvar almas, independente do credo religioso, pois, como escreveu em uma de suas cartas: "Brasil meu ansiado campo de trabalho" (WERNER *apud* OLIVEIRA, 1999, p.59). Segundo Oliveira (1999), para se entender melhor essa situação se faz necessário situá-la em duas fases: a primeira, nos Estados Unidos e Inglaterra, e a segunda, no Brasil.

Apesar das dificuldades enfrentadas e do silêncio da Madre Geral, aos poucos foram acontecendo fatos que contribuíram para a edificação da missão. Assim, cita-se a participação da Igreja e da sociedade que percebem o fenômeno da migração quando o Papa Pio X, criou o primeiro departamento da Cúria Romana para imigração, o que contribuiu para que os seus sucessores, também dessem ênfase ao processo migratório, visto que não era um problema isolado, mas, sim, crescente no mundo inteiro, necessitando da participação da Igreja. Com isso, a Igreja deixava clara a necessidade de participar das questões da sociedade.

Em uma das cartas de Irmã Teresina Werner, ela se utiliza de uma apelação para com a Madre Ignatia, rebuscando na memória a lembrança do espírito de luta de Madre Francisca e a conseqüente necessidade de se continuar a grande obra missionária. Cita, então, que sentia, pelo silêncio dado como resposta às suas perguntas, que buscavam ajudar na tomada de decisões, uma vez que, para ela, o

tempo era escasso e isso a impulsionava a, cada vez mais, questionar, discutir, discordar e, ao mesmo tempo, expor seus limites de humildade quando, por várias vezes, teve que pedir desculpas, embora sem deixar de apresentar seus argumentos em defesa da meta na qual acreditava.

É notável o comportamento de Teresina naquela época de muita obediência dentro da Congregação, o que atentava para um senso de hierarquia quase inviolável. Ainda deve-se lembrar de que a própria educação familiar e as normas da sociedade contribuíam para intensificar a obediência. Entretanto, como ensinara a Madre Francisca em seu programa de vida, “nenhum coração sofredor sem serena resignação e nenhuma ofensa sem perdão, pode ter sido um dois pontos referenciais para impulsioná-la a usar o poder da oratória para argumentar”. Assim sendo, cita-se uma das suas inúmeras argumentações:

A perigosa situação política [...] faz temer uma profunda mudança, que pode causar o naufrágio da nossa querida Congregação. Em todo caso seria aconselhável segurança e a América oferece rico campo de ação. Ver as Filhas do Amor Divino atuando nesta nação, foi também o último desejo de nossa Senhora Madre feliz memória; podemos portanto supor com certeza, que a realização deste desejo da Fundadora da nossa Congregação também agora ainda lhe será motivo de grande alegria. (Capítulo Geral, [Cracóvia] 26.VII.1912. Primeira parte do texto *apud* OLIVEIRA, 1999, p.54).

Nesse contexto, a sociedade é o ponto de referência que não se pode ignorar. O processo migratório, independente da instância em que ocorra, traz mudanças na sociedade e as adversidades e diversidades fazem parte desse processo. A História se encarrega de uma cronologia para intensificar a memória, a sociologia fica responsável pelo estudo dos fenômenos que ocorrem na sociedade, quer sejam de ordem política, social, econômica ou religiosa, pois todos ou qualquer um deles pode causar modificações na gênese dessa sociedade em que o homem está inserido, através de troca de experiências, novas palavras no vocabulário, adaptações, mudanças e acomodações sociais em vários aspectos, podendo-se considerar o aspecto religioso um dos mais importantes, pois ele tem o poder de nortear a vida da sociedade diante de suas ideologias e concepções.

1.6 PROCESSO DE IMPLANTAÇÃO DAS FILHAS DO AMOR DIVINO NO BRASIL

Após várias solicitações, finalmente foi decidido o envio das irmãs para o Brasil. Mas, como se tratava de um país com grande extensão territorial, qual seria o local ideal para o início da missão? Teria que se levar em consideração de onde partiram as demandas para elas atuarem. De acordo com os dados documentais (cartas de Irmã Teresina Werner) o local, ou melhor, a região mais propícia era a Sul, em virtude de que nela já havia uma forte concentração de imigrantes, dentre os quais se encontravam os húngaros e os alemães, o que poderia facilitar o convívio, o idioma e a cultura, além de existirem algumas escolas paroquiais ou que recebiam a colaboração direta da Igreja; a região tivera acréscimo de escolas em virtude da presença das Congregações religiosas.

Apesar de não haver relatos específicos, outro ponto forte para a imigração das irmãs foi a situação climática da região sul, com estações definidas, baixas temperaturas, situada abaixo do Trópico da Capricórnio, onde prevalece o clima subtropical, que na Europa é o temperado e tem as mesmas características. O que muda é apenas a nomenclatura, visto que a referida região brasileira situa-se abaixo de um grande espaço territorial onde impera a tropicalidade, com predominância de muito sol, altas temperaturas e, em algumas partes, chuvas escassas, verão e muito calor, sem risco de quedas bruscas de temperatura.

Além dos imigrantes que aqui estavam esses fatores podem ter sido preponderantes para a vinda das irmãs, destacando-se como muito fortes, além das solicitações dos padres – oriundas das necessidades vigentes – e da perseverança, da força de vontade e da irreverência da Irmã Teresina Werner. Assim sendo, diante de todos esses argumentos, as irmãs aguardavam a oficialização da Madre Superiora Geral legitimando a necessidade e importância das irmãs naquela região. Os responsáveis foram os Padres Schimmöller e Joseph Von Lassberg que há alguns anos haviam estado em Viena e, segundo Oliveira (1998, p. 77), solicitaram a presença das irmãs, desde 1913, em Passo Fundo ou Serro Azul, sendo que, naquele momento, o Padre Joseph ainda precisava falar com os bispos em virtude da existência de uma colônia polonesa em São Feliciano, RS. Com certeza não

faltaria local para as irmãs no Brasil; ao contrário, estava sobrando espaço para poucas freiras.

Nesse contexto se faz uma breve análise das interferências políticas e sociais que coincidem e colaboram para a vinda das irmãs. Além do espírito empreendedor de Irmã Teresina, que se assemelhava ao de Madre Francisca Lechner, vê-se nitidamente as questões políticas da época. Os efeitos da Guerra foram desastrosos. Os novos modelos de economia adotados afastavam o povo de sua religião, deixando-o atrelado às amarras do Estado, e este, através da força e do falso poder perseguia, castigava e praticava vários tipos de tortura para que as pessoas não seguissem o caminho trilhado pela Igreja Católica. No Brasil, ela estava presente desde o século XVI, e aqui não sofria perseguições.

Não foi tarefa fácil as irmãs chegarem ao Brasil, ou melhor, serem liberadas pela Madre Geral. Não se tem dados que comprovem as hipóteses formuladas a essa problemática, pois se for feita uma análise do propósito da Madre Francisca de expandir a Congregação, não há dados documentais explicitando que deveria seguir rumo às Américas (Brasil), e isso talvez tenha sido um sustentáculo para a Geral. Outra situação que de certa maneira serviu para contrapor foi a insistência de Irmã Teresina em persistir naquilo que queria. Em trecho de uma carta redigida por ela, citada por Oliveira, verifica-se esse comportamento:

A coisa, no entanto, não é sem esperanças; querida reverenda Madre está lembrada, que há alguns anos o Pe. Schimmöller, jesuíta, esteve especialmente três dias em Viena, para pedir algumas Irmãs para o Brasil. Foi em vão; todavia na sua atual atividade no Brasil ele ainda não esqueceu aquela dolorosa experiência e continua trabalhando neste sentido, tanto ele como o Padre Lassberg, jesuíta, escreveram que há perspectivas para o Passo Fundo e Serro Azul; este último quer tratar com dois bispos; também a Colônia polonesa, em S. Feliciano entra em questão, portanto, o meu estudo de polonês é mais importante do que o húngaro. (WERNER *apud* OLIVEIRA, 1999, p. 80).

Confirma-se que o clero desejava a vinda das irmãs há algum tempo, a princípio para a Paróquia de Santa Teresa Guarani, onde as irmãs poderiam assumir a administração de escolas ou hospitais; elas também poderiam ficar em Serro Azul, uma colônia povoada por católicos alemães. Quanto à tarefa das irmãs, além de

“salvar almas”, podiam trabalhar em hospitais e fundar escolas católicas, com regime de internato, para garantir a permanência das moças que moravam afastadas daquelas colônias. Mas, em meio à morosidade da Madre Geral que não decidia sobre a liberação das irmãs, vê-se a participação do clero como responsável pelas solicitações, justificativas, argumentações e providências da infraestrutura para que elas pudessem iniciar o trabalho. A esse respeito, apresenta-se trecho da carta da Madre a Dom Hermeto Pinheiro, na qual faz referência aos missionários acima citados, datada de 30 de dezembro de 1913:

A atividade colocada em projeto seria muito bela, mas a nossa Congregação por enquanto carece absolutamente das necessárias Irmãs e também de recursos materiais. Já temos a suportar tão grandes pesos com nossos Institutos existentes, que além destes, assumir outros mais nos é impossível. [...] Irmã Teresina tem a melhor boa vontade, mas no seu super zelo não reflete sobre as atuais circunstâncias, nem sobre o que se torna necessário para uma fundação desse gênero. [...] considere ser o melhor escrever-lhe abertamente sobre nossas condições; se estas melhorarem dentro de alguns anos, então não sou contrária às fundações aí. (EGGER *apud* OLIVEIRA, 1999, p.30).

A Madre Geral deixa clara a situação em que se encontravam as obras na Europa, apontando a grande responsabilidade de a Congregação dar continuidade ao seu trabalho, naquele continente, respeitando o propósito da Fundadora. É interessante destacar que em nenhum momento se vê algum trecho no qual a Madre cite estar preocupada com a possibilidade de extinção das Filhas do Amor Divino. Porém, ao mesmo tempo, ela usa de sabedoria e faz elogios à possibilidade da obra no Brasil, embora reafirmando que ainda não era o momento para a missão ser iniciada. Pode-se levar em consideração que toda aquela resistência possa ter sido fruto da formação e das concepções de mundo da referida Madre, ou seja, o fato de ela estar alicerçada na Europa, com todos os problemas enfrentados desde o tempo de Madre Francisca, não contribuía para que ela tivesse um olhar mais crítico para ousar seguir para o além-mar, visto que deixava claro estar ciente de que era preciso dar continuidade ao plano da fundadora, ainda que não achasse justificativas para, naquele momento, iniciar os trabalhos no Brasil.

Para se entender melhor, apresenta-se o significado de migração, que, segundo a Geografia, é o deslocamento de pessoas, podendo ser externo ou

interno. O Brasil, alvo de muitas migrações, foi, por muito tempo, uma referência nesse processo que é responsável por mudanças, transformações, adaptações e acomodações da sociedade em vários aspectos.

As Filhas do Amor Divino participaram desse processo: tinham origem europeia e aqui chegaram com o intuito de fundar missões que atenderiam a uma necessidade da sociedade em que estavam inseridas. A princípio, elas haviam expandido o trabalho apenas na Europa, mais precisamente na região do Império Austro-húngaro. Com o início da Primeira Guerra Mundial iniciou-se, então, a luta incansável da Irmã Teresina Werner para fundar outras casas fora daquele espaço geográfico, estando como prioridades a Inglaterra, no continente europeu e, no americano, os Estados Unidos e o Brasil. Em sua época, a Madre Francisca enfrentou outras situações, também difíceis, no processo de implantação das casas, o que fez com que a ajuda dos que acreditavam naquela missão fosse imprescindível.

Pode-se afirmar que a chegada das irmãs ao Brasil foi sinuosa e tortuosa. Sabe-se que era o sonho de Irmã Teresina Werner trazer a Congregação, mas os obstáculos foram inúmeros, a começar pela aceitação da Madre Geral que foi responsável pelo retardo na vinda das irmãs. Todas as vezes ela impunha inúmeros obstáculos que dificultavam o processo de expansão para as Américas; contudo, isso não tirou o entusiasmo de Irmã Teresina, a quem se credita o mérito de ter sido a responsável direta pela presença das Filhas do Amor Divino no Brasil.

1.7 IMPLANTAÇÃO DA CONGREGAÇÃO NO BRASIL: BREVE ABORDAGEM DO CONTEXTO EDUCACIONAL BRASILEIRO

Apesar de a implantação ter ocorrido em 1920, há documentos que comprovam que a missão de vir para o Brasil é anterior à Carta de recomendação do Bispo de Cracóvia, emitida no dia 16 de agosto de 1913. Dois padres jesuítas atuantes no Rio Grande do Sul tiveram uma grande participação: Joseph Von Lassberg e Maxmiliano Von Lassberg – este último, fundador da colônia de Serro Azul. Eles entraram em contato com Dom Hermeto José Pinheiro, bispo de Uruguaiana, e foram imprescindíveis no processo.

Entretanto, nem tudo dependia da vontade dos padres, de Irmã Teresina Werner ou mesmo de Madre Ludovica, uma das conselheiras que também contribuiu. Faltava a autorização da Madre Geral, que não era a favor e alegava questões como a inexistência de irmãs suficientes para a missão; a necessidade de uma estrutura adequada para recebê-las; as irmãs não dominarem a língua portuguesa. Após quase sete anos de luta da Irmã Teresina e de resistência da Irmã Ignatia, finalmente foram liberadas as irmãs para iniciarem a missão no Brasil, tendo sido escolhida como superiora da casa a Irmã Teresina Werner, conforme trecho de carta datada em 19 de abril de 1920, em Viena.

Vê-se que a carta incentiva Teresina, mas enfatiza a responsabilidade de sua função e a importância das suas ações que deviam servir de exemplo para as demais. Além disso, deixa claro que a decisão somente foi tomada após madura reflexão, embora isso seja subtendido pelo longo espaço de tempo. Ainda a respeito da carta não há citação explícita dos motivos que teriam contribuído para que ela tivesse resolvido o impasse acerca do estabelecimento da missão no Brasil, e redigido o chamado “envio”. Apresenta-se, a seguir, alguns trechos da referida carta:

Após madura reflexão em oração diante de Deus cheguei à decisão, de nomear a Sra. minha filha espiritual como superiora para a casa fundada no Brasil. [...] Seja modelo de virtudes para as irmãs e para as pessoas que lhes forem confiadas e lhes seja mãe no verdadeiro sentido da palavra. Enumerar todas as obrigações que lhe competem nessa missão, não é necessário; a Sra. encontra estas registradas na nossa Santa Regra. Reze diariamente para que Deus a assista com a sua Graça. [...] Caso a Sra. por algum motivo for exonerada, deverá devolver este decreto. Pedindo a Deus a sua proteção e bênção para a Sra., sou sua mãe solícita pelo seu bem estar espiritual e corporal. (EGGER *apud* OLIVEIRA, 1999, p. 105).

Segundo Oliveira, no dia 29 de abril de 1920, Irmã Teresina e suas companheiras partiram para o Brasil, estabelecendo-se na terra das “Missões” região também conhecida como “Reduções”, tendo Nossa Senhora Conquistadora como padroeira da Diocese de Uruguaiana, trazida pelos antigos missionários; as irmãs do Amor Divino trouxeram a devoção a Nossa Senhora do Rosário.

A educação católica, no Brasil, desde o século XVI teve participação no processo de formação do povo brasileiro, pois, além das atividades que eram

desenvolvidas, como ensinar a ler, a escrever e contar, adotava-se a formação religiosa como fio condutor dessas atividades escolares, a princípio desenvolvidas pelos jesuítas. A educação é um direito de todos, mas, desde o início de sua história em nosso país, ela foi organizada em uma perspectiva de processo excludente, do qual alguns participavam e, mesmo entre esses, nem todos aprendiam.

Na época colonial [...] já não era somente pela propriedade da terra e pelo número de escravos que se media a importância ou se avaliava a situação social dos colonos: os graus de bacharel e os de mestre em artes (dados pelos colégios) passaram a exercer o papel de escada ou de ascensor, na hierarquia social da Colônia, onde se constituiu uma pequena aristocracia de letrados, futuros teólogos, padres-mestres, juizes e magistrados. (AZEVEDO apud ROMANELLI, 1986, p. 36).

As irmãs Teresina Werner e Constantina Resch e as postulantes Erna Eck, Hedwig Hardegg e Margarida Engel desembarcaram em São Paulo e seguiram em direção a Hamburgo, no Rio Grande do Sul, local em que mantiveram contato com o Padre Schimmöller; depois, tomaram destino para Serro Azul (Cerro Largo) onde ficaram hospedadas no Colégio Santa Catarina.

As irmãs enfrentaram algumas situações delicadas: houve demora na decisão da Madre Ignatia, pois, como visto, desde 1913 a Igreja as esperava. Tal aspecto, possivelmente agravado pelo desencontro de comunicações, fez com que, ao chegarem, as irmãs não tenham encontrado um local definido para se estabelecerem, mesmo que existisse o anseio explicitado pela comunidade. Para resolver o problema foi necessário um encontro com o Bispo, D. Hermeto José Pinheiro.

Após todos esses trâmites, as irmãs foram encaminhadas para a Colônia de Serro Azul, que, fundada há 18 anos, era composta de alemães católicos. Para chegarem ao lugar determinado viajaram por vários dias, de carroça, por estradas de barro. Foram recebidas com muita alegria pelo povo e por um casal – José e Thereza Gallas – responsável pelo acolhimento das irmãs. Como o clero estava diretamente ligado àquela missão, foi construída uma Escola Paroquial onde elas fixaram residência.

Naquele momento, década de 20, o processo educacional brasileiro já havia passado por várias situações na tentativa de melhorar, mas, ainda não existia uma base legal específica da educação. Era grande a desigualdade social, oriunda da estrutura do Brasil Colônia, e estava fragilizada a educação católica – implantada pelos jesuítas, que atuaram no Brasil por mais de dois séculos e tinham sido expulsos a partir de medida tomada pelo então ministro, Marquês de Pombal. A continuidade do trabalho iniciado pelos jesuítas acontecia de forma fragmentada e fragilizada, a partir da chegada de imigrantes europeus, quando a Igreja começou a assumir a responsabilidade pela educação nas colônias. Na época, o analfabetismo tomava conta do país e, apesar do trabalho das religiosas vindas da Europa para administrar hospitais e escolas, as medidas governamentais ainda eram insuficientes.

Uma questão estava em pauta no país, o ensino religioso, o que gerou alguns embates por parte dos defensores da Escola Nova, pois estes travaram uma luta a favor da laicidade e da expansão da escola pública. Era, de fato, uma saída para tornar o ensino laico, dar oportunidade a todos sem distinção, para ingressarem na escola pública, ficando as escolas privadas, e inclusive, as católicas em sua maioria para as elites. Porém, segundo o Anuário do Ministério da Educação e Saúde Pública (1º ano) a matrícula do sexo feminino nas escolas particulares aumentara consideravelmente entre 1909 e 1929, respectivamente de 5.579 para 23.233, considerando-se que estas, geralmente, ou na maioria dos casos, eram católicas. Foi através das Congregações religiosas que foram criadas as escolas católicas masculinas e as femininas em todo o Brasil, e esse fato contribuiu para a aproximação com as classes médias e altas, a atuação dos religiosos e religiosas nas escolas públicas realizando trabalho de catequese com os jovens. Nesse mesmo espaço de tempo, registra-se trabalhos com os pobres, bem como, a presença de algumas meninas estudando gratuitamente nos conventos em troca de trabalhos domésticos juntos às religiosas. Era sem dúvida uma forma de tentar ignorar que realmente a escola católica era para a elite. Quanto ao grande índice de matrículas nas escolas femininas, associa-se ao fato de que elas (mulheres) podiam sair da casa dos pais sem se casar e um dos únicos lugares, ou talvez o único que

poderiam ficar literalmente “guardadas” sem contato com o mundo profano, era sem dúvida em um colégio interno.

A respeito do ensino religioso nas escolas públicas, a Igreja se pronunciou, dando a entender que deveria ser ponto facultativo nas escolas públicas como uma alternativa para que o ensino religioso não fosse extinto das escolas. A polêmica continuou, segundo o Pe. Laércio Dias de Moura, SJ, durante o governo de Artur Bernardes (1922-1926), quando foi feita uma proposta de alteração da Constituição então vigente, a de 1891. Cinco alterações foram aprovadas em 1926, à exceção da que fazia referência ao ensino religioso facultativo nas escolas públicas. Em Minas Gerais, dois anos depois, as escolas públicas puderam introduzir o ensino religioso, de forma facultativa, segundo autorização do Presidente Artur Bernardes. Para tanto, cita-se Riolando Azzi:

Esta Assembleia tinha como meta afirmar a presença católica na sociedade por meio da promoção de sua doutrina. Em 12 de outubro do ano seguinte, mediante a autorização para o ensino religioso nos estabelecimentos de ensino, dentro do horário escolar, era oficializado pela Lei nº 1.092. (1997, p. 33).

Foi, de fato, uma década marcada por grandes acontecimentos sociais, políticos, econômicos e educacionais que seguiram uma sequência nos anos de 1923, 1925, 1927, 1928, 1929 e 1930, visto que alguns estados estavam passando por reformas na educação, baseadas nos princípios da Escola Nova, principalmente nos centros urbanos mais desenvolvidos do país, como Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco. Era uma questão do próprio contexto que o país estava vivendo. No período havia um tripé que servia de base para grande parte das decisões: a Igreja, a política e a educação, uma vez que havia a consciência de que para ser alcançado certo nível de desenvolvimento, as três peças não podiam descarrilar. Mesmo sendo aquele um momento de tensão, a Igreja mantinha sua autoridade e autonomia na zona rural que cada vez se fortalecia. É notório que havia forças contrárias à escola católica, assim como defensores; as decisões dependiam de acordos, amizades e trocas de favores, para ser atingido o propósito de atender os anseios da população.

É notório que tal fato chamou a atenção, mas o projeto Dom Sebastião Leme apenas atingiu a dimensão desejada quando foi transferido para o Rio de Janeiro, como arcebispo-coadjutor, em 1921, e a escola católica, mais especificamente o ensino religioso nas escolas públicas, ganhou uma grande liderança. O que estava em pauta para a Igreja Católica era que o laicismo não tinha nenhuma identidade e, apesar de todas as questões políticas, como poderia o Estado declarar total ou parcial aversão ao Ensino Religioso. A defesa de Dom Leme estava tão embasada, que, para Maria Regina Santo Rosário (1962, p.61) era como “um clarim de guerra – de guerra santa” (Mais tarde (1938), sobre esse mesmo documento – de defesa do ensino religioso – o Padre Ascânio Brandão se referia chamando-o de “a carta pastoral”. A importância do documento de Dom Leme é um fato incontestável. Para tanto, se cita trecho da referida carta:

Que se entende por ensino leigo? – Quer dizer: ensino neutro. Ensino neutro quer dizer não confessional, ensino que não professa religião alguma. Ora, se é sem religião alguma e anti-religioso” E mais adiante completava: “Em nossa pátria, mais que em qualquer outra nação, o ensino leigo está em flagrante contradição com os sentimentos do povo. (AZZI, 2008, p. 13).

Foi nesse patamar que as Filhas do Amor Divino iniciaram o processo de implantação da educação católica no Brasil, baseadas nos ensinamentos de Jesus Cristo e da Madre Francisca Lecnher. A proposta não tinha ligação direta com os jesuítas, mas, naquela região, havia uma influência muito grande das missões fundadas por eles. Desse modo, as irmãs chegaram ao Brasil e seguiram em direção ao interior, em um período de transformações sociais, políticas e econômicas, como já foi citado, no qual também havia heranças do próprio contexto anteriormente vivido, como os reflexos da Guerra, que foi responsável por uma lacuna nas relações entre Brasil e Alemanha, o que coincidiu com a chegada das irmãs e, conseqüentemente, com um clima de indecisão, ou melhor, de preocupação, em virtude de que havia sido proibido o idioma alemão, o que implicava os meios de comunicação, a exemplo de jornais, e escolas, uma vez que as professoras ficaram impedidas de ministrar aulas em alemão. Para elas era, de fato, um problema, pois ainda não dominavam a língua portuguesa, problema que só foi possível solucionar com o passar do tempo.

Com a liderança da Igreja, as escolas católicas contavam com uma situação diferenciada, visto que ela era um instrumento para as massas. Pode-se dizer que aquele foi um período nevrálgico de decisões e transformações. O surgimento do Partido Comunista, em 1922, a realização da Semana de Arte Moderna, que se utilizou da arte e da literatura para explicitar suas reivindicações, e as questões sobre o campo educacional, principalmente o ensino religioso.

Pode-se afirmar que palavra chave para esse momento era insatisfação, uma camada da população estava dando um grande passo em prol de uma mudança político, social e administrativa através das Artes no sentido amplo da palavra e, portanto, travou uma batalha para a quebra dos velhos paradigmas. E, é nesse patamar que ,também, se desenvolveram as discussões acerca das escolas públicas, quando seus defensores argumentavam que se era pública não devia ter partido, leia-se também credo religioso. A situação era delicada, pois, era a busca desenfreada pela liberdade, cultural, artística, literária e religiosa. Esta última que estava atrelada aos dogmas da Igreja e ao ensino religioso católico ministrado também nas escolas públicas, fato que feria diretamente ao movimento de liberdade que estava acontecendo no Brasil. Notadamente não se pode sucumbir esses dois movimentos, em virtude de que, eles foram o ponto de partida para uma reestruturação em vários aspectos no nosso país.

A educação também foi contemplada com esse movimento efetivamente em 1932, com a publicação do manifesto dos pioneiros da educação. Fica difícil de se entender o papel da Igreja nesse contexto. As propostas eram para que o aluno passasse a ser um o ator principal e não coadjuvante ou meramente expectador. O país precisava de pessoas que atuassem e tivessem coragem de expressar suas ideias e ideologias, entender-se como sujeito do processo, consciente das suas responsabilidades e direitos. A ciência precisava ocupar o seu lugar, na verdade precisava cada um ocupar seu lugar, respeitando o espaço do outro sem tantas imposições.

Mas, apesar de todos esses fatos que estavam acontecendo, o propósito das Filhas do Amor Divino ainda era expandir a Congregação. Assim as irmãs se dedicaram a uma grande obra missionária no Rio Grande do Sul, edificando

fundações como o Colégio Maria da Anunciação, hoje Instituto Nossa Senhora da Anunciação, em Serro Azul, atual Cerro Largo, no dia 09 de outubro de 1923, o colégio Nossa Senhora da Visitação, em Santo Ângelo e, em abril de 1924, outro colégio em Rosário do Sul.

No ano seguinte, Teresina chegou a Natal, no Rio Grande do Norte e, logo em seguida, dirigiu-se para Caicó (RN), onde fundou o Educandário Santa Terezinha, o primeiro da Congregação na Região Nordeste, tendo o início das aulas marcadas para o ano seguinte. Ainda dando continuidade às obras das Filhas do Amo Divino, registra-se a fundação do Colégio Nossa Senhora das Vitórias, em Açú (RN), sendo que neste último Teresina não participou, uma vez que precisou regressar para a Europa por questões pessoais.

Mesmo sem a presença de Teresina as irmãs deram continuidade à obra missionária na Região Nordeste do Brasil. Fundaram o Colégio Nossa Senhora das Neves, em Natal, e foram até Patos, na Paraíba, onde fundaram o Colégio Cristo Rei. A partir desse momento a história se volta especificamente para o objeto de estudo desta dissertação: o Centro Educacional Cristo Redentor, fundado em Palmeira dos Índios, Alagoas, em 1944.

2 EDUCANDÁRIO, GINÁSIO E COLÉGIO CRISTO REDENTOR: ESCOLA CATÓLICA, PROCESSOS E RETROCESSOS

2.1 ASPECTOS POLÍTICOS, RELIGIOSOS E EDUCACIONAIS DO BRASIL (1920-1940)

As décadas de 1920 a 1940 são marcadas por transições e reformas educacionais que refletiam nos pilares da sociedade, na Igreja, na educação e na política. Na década de 1920 registra-se a chegada das irmãs ao Brasil, no pós-Primeira Guerra Mundial caracterizado pelos entraves ocorridos a partir das rupturas políticas. Porém, isso não foi suficiente para impedir a expansão das religiosas do sul ao norte do país como já relatado no capítulo anterior.

Não é por demais lembrar que, durante quatro séculos de história a economia do Brasil era voltada para a monocultura que agregava duas classes sociais: a dos dominadores, composta por proprietários de terras, e a dominada, formada pelos escravos, responsáveis pelo trabalho braçal. Quanto a estes, não tinham direito de ser educados, de receber um mínimo grau de escolaridade, uma vez que o ensino era destinado à elite.

Tomando por base Azzi (2008), a década de 20 é de grande importância para se fazer uma análise com o propósito de se entender o processo histórico do tripé sociedade, educação e Igreja. Assim, é fato que a Igreja ignorou a mobilidade urbana, bem como, o crescimento da urbanização em decorrência do desenvolvimento do país, espaço de tempo que se estende até os anos 50. Foram trinta anos de resistência, ignorando os acontecimentos, sempre tendo como trunfo os ensinamentos de Jesus Cristo. Mas, os padrões de vida começaram a mudar, a sociedade iniciou literalmente uma corrida em busca de novos conhecimentos, já não tinham tanto medo dos castigos pregados pela Igreja, contribuindo para houvesse uma mudança na vida das pessoas a partir dos hábitos. Na verdade, para Igreja, era mais cômodo a sociedade tradicional, que mantinha os mesmos padrões, e, portanto preocupante aquela sociedade que gritava por igualdade, melhores condições de vida; continuando a busca pelo bem estar social. Todos esses fatos,

ao longo dos anos contribuíram para que a partir dos anos 50 a Igreja deixasse um pouco de lado a condenação e começasse um trabalho com o povo, pois lá era seu lugar. A violência, a miséria, a condições precárias da população estava em toda parte e esse quadro, fez com que a Ela atuasse com a base, em movimentos pastorais, de forma diferenciada, não mais só pregar os ensinamentos, mas se preocupando com suas condições de vida, educação dentre outras necessidades.

No período da crise de 1929 o Brasil adotou uma nova política econômica, o que poderia também se refletir na educação, sobretudo através da Igreja que, na época, exercia grande influência na sociedade e na política. A partir de 1930, Getúlio Vargas assumiu o país, no auge da crise, e lançou a proposta de retirar o Brasil da situação de marasmo econômico. Todo esse contexto aconteceu simultâneo ao golpe e/ou Revolução, pois, independente das contradições históricas, o fato é que foi um momento nevrálgico para a educação católica, pois o que iria prevalecer era a ciência (positivismo) como fio condutor das ações da sociedade e não mais a moral religiosa, que pode ser entendida aos dogmas, as normas, as exigências de cumprir os mandamentos de Jesus Cristo, onde os possíveis pecados cometidos pelo homem poderiam ser revertidos em castigos. A discriminação para com as mulheres, estas, que deveriam ser preparadas para donas de casa ou professoras principalmente as que pertenciam a classe média e alta. Não se pode omitir que o Movimento Socialista no Brasil já era realidade e contava-se com a presença de Luiz Carlos Prestes, líder que, de certa forma, representava uma ameaça.

Diante de tais entraves, a Igreja teve que se precaver e, mais uma vez, a educação católica foi um dos sustentáculos, visto que ambos trabalham com a “massa”; porém, naquele momento, precisava traçar metas para que fossem intensificados os laços com o poder vigente e os grupos em ascensão na tentativa de não perder sua identidade conservadora, mas acompanhar momentos de lutas no país com o propósito de adquirir espaço e lutar para alcançar e conquistar seus interesses.

Segundo Riolando Azzi (2008,p.198), “os bispos fazem frequentes declarações de acatamento às autoridades políticas, exortando os fiéis a uma atitude de respeito e obediência”. Era uma tentativa de readquirir o prestígio com o

poder público. Assim, a Igreja e a educação católica teriam que acompanhar e se inserir no processo, em virtude de a clientela brasileira não ser mais a indígena e a afro (numerosa, analfabeta e escrava). Tratava-se de uma sociedade com características diversas, onde, apesar do grande índice de analfabetismo, o sistema socioeconômico brasileiro provocava a necessidade de reestruturação, e um dos caminhos possíveis seria através da educação. Riolando Azzi afirma que o problema não era apenas a laicização e faz uma crítica aos prelados:

Incapazes de perceber que a laicização progressiva da sociedade brasileira era resultado de diversos fatores, como a progressiva urbanização do país, o desenvolvimento industrial em curso, o progresso tecnológico e científico, os novos meios de comunicação social, bem como a influência do pensamento liberal e positivista entre as elites dirigentes, os prelados imaginavam poder mudar o rumo da história através de alterações no texto jurídico da constituição, e mediante o apoio do poder público (2008, p. 206).

É importante ressaltar que o que estava em jogo era o poder da Igreja diante do Estado, e isso não seria resolvido apenas com alguns escritos, mas, sim, com tomadas de decisões. O assunto em pauta, nesse duelo, era o ensino religioso nas escolas públicas. No entanto, o clima de euforia por parte dos pensadores da educação e defensores da Escola Nova estava em alta: o ensino religioso nas escolas representava tão somente as amarras do antigo regime, do qual eles estavam tentando se libertar. Enquanto os reformistas elencavam um rol de argumentos em defesa de suas reivindicações, os líderes religiosos também elencavam suas necessidades.

As reformas educacionais estavam sendo implantadas, e elas tinham o objetivo de atender aos anseios de um grande grupo da sociedade; o povo. Enquanto isso acontecia, a Igreja, com seus simpatizantes, tentava neutralizar os ideais reformistas. Porém, apesar de todo o processo, a normatização do sistema educacional brasileiro aconteceu no período de 1930 a 1940. Pode-se imaginar que uma década pode ser um longo período quando não se faz uma breve análise dos quatro séculos que antecederam aquele momento que então se vivenciava no país. Tornaram-se imprescindíveis as tentativas de reforma no campo educacional, mesmo com todas as ameaças à educação católica.

Numerosas escolas católicas foram abertas nas décadas de 1920 e 1930. Segundo uma pesquisa realizada pelo Centro de Estudos Religiosos e de Investigações Sociais (CERIS), foram fundados 212 estabelecimentos de educação católica de 1930 a 1945 (MOURA, 2000, p. 124), o que facilitava tanto a difusão do credo através do ensino religioso nas escolas, quanto a presença da Igreja no cenário político nacional, principalmente nas questões inerentes ao processo educacional. Naquele período, registra-se a presença de várias entidades religiosas femininas no país, inclusive as Filhas do Amor Divino que chegaram em 1920 e continuavam em expansão, fato que já foi citado. As mulheres buscavam um lugar na sociedade que estava em processo de crescimento, trazendo desconforto e preocupação para a Igreja. Apesar da abertura de escolas católicas privadas, o Brasil ainda não tinha legislação específica da educação, ficando, pois, sob as normas contidas na Constituição de 1891.

Em 1930, foi criado o Ministério dos Negócios da Educação e Saúde Pública, tendo como primeiro titular Francisco Luis da Silva Campos, autor da reforma educacional em Minas Gerais, de 1920. Para intensificar essa situação, aconteceu a IV Conferência Nacional de Educação, de 13 a 20 de dezembro de 1931, na qual o Presidente da República (provisório) e o Ministro da Educação e Saúde colocaram como ponto de referência a resolução do problema que estava em pauta: a laicidade do ensino público no país como uma forma de grito de liberdade dos reformadores da educação. Para a área educacional, foram vários os decretos, entre eles o de nº 19.350, de 11/03/1931, que criou o Conselho Nacional de Educação e estruturou o ensino secundário, e o de nº 1890 de 18/04/1931, além do que reestruturava o ensino comercial – nº 20158 – de 10/07/1931. (MOURA, 2000, p. 119).

Estava clara a impossibilidade de unidade de ideias; era impossível se chegar a um consenso a partir do qual o governo estivesse de acordo e que também agradasse ao povo. Pode-se dizer que foi um momento nevrálgico na política brasileira. O que chama a atenção, é que não há ênfase quanto à qualidade do ensino, e acerca da preparação dos alunos para a vida cotidiana, além dos muros da escola. Na verdade o que estava em jogo ainda era a discussão do ensino religioso nas escolas públicas, pois desde o decreto do Governo Provisório de Vargas, que instituiu o ensino religioso facultativo nessas escolas, criou-se uma série de

embates. O decreto atendia uma reivindicação da Igreja, mas gerava grande discussão, pois os reformadores defendiam a laicidade do ensino público.

Como deveria se comportar a política do país diante de tal circunstância? Afastar-se da Igreja não era um caminho viável, pois havia muitos fiéis e defensores importantes o que poderia afetar a camada social (a massa), com a qual o governo deveria manter uma relação de parceria amigável. Do outro lado estavam os defensores da Escola Nova, que discutiam novos caminhos para a educação brasileira. Mas, será que o gargalo era mesmo o ensino religioso nas escolas públicas? A princípio sim, mas, não era só isso. Percebe-se que a laicidade das escolas públicas representava o início da concretização de um sonho; a liberdade e uma condição de uma vida melhor para a população. Em meio a todas essas discussões surgiu o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, em 1932, do qual Fernando Azevedo apud Azzi (2008) foi o redator; "Lançaram-se diretrizes de uma política escolar, inspirada em novas ideias pedagógicas e sociais e planejada para uma civilização urbana e industrial". É nesse momento que se enfatiza a liberdade e integridade da escola para que a mesma não seja mero instrumento de manipulação de instituições políticas e/ou religiosas, com o propósito de adquirir confiança das famílias, sem distinção de sexo, credo, cor e poder aquisitivo. O ideal e o real ainda estavam distantes, visto que, toda essa luta encontrava um grande entrave; a hierarquia eclesiástica e as elites rurais conservadoras.

Nele foi destacado que o manifesto estava a favor da laicidade do ensino público, o que teve como consequência, além das discussões, a convocação do Governo para a Assembleia Constituinte, no ano seguinte, o que resultou na promulgação da Constituição de 1934, destacando a definição de uma política educacional para o país.

Notadamente, é nesse contexto que se pode destacar a política da Igreja em controlar o ensino religioso das escolas no país. Torna-se contraditório, para o Brasil que é uma democracia. Pelo que se entende, a grande questão, era como poderia lutar pela imparcialidade se a igreja mantinha seu domínio no campo político, principalmente com as velhas oligarquias, assim sendo, a política partidária se mantém com votos, e, por isso, deveria mostrar-se a favor do grupo até então,

majoritário (católico), mas também não podia ir de encontro com a oposição. Assim, tentava agradar as duas partes, ou seja, deixando o ensino religioso facultativo e obrigatório em todas as escolas. Mas, os reformistas deveriam inserir outra preocupação a forma como seriam ministradas essas aulas, pois, dependeria muito das concepções de quem iria realizar a referida atividade.

Não se pode negar as inovações contidas na Constituição de 1934 na área educacional, quando, em seu conteúdo, atribuiu à União a tarefa de fixar as Diretrizes e Bases da Educação no Brasil; além disso, no intuito de organizar, criou o Conselho Nacional de Educação (CNE) e deu autonomia para os Estados e Distrito Federal organizarem seus sistemas de ensino, bem como para que implantassem seus respectivos Conselhos de Educação. Ainda não era o que o país necessitava para atender ao sistema educacional, mas eram mudanças significativas, enquanto a Constituição de 1946 deu continuidade às mudanças organizacionais, tendo como ponto marcante a descentralização pedagógica e administrativa.

2.1.1 Escolas Privadas Católicas, Escolas Públicas Laicas, Escolas Privadas

As escolas católicas tiveram seu momento de ascendência até 1950, que segundo alguns autores com Azzi e Moura, destacam que o principal objetivo além de ministrar aulas, era impedir o avanço das escolas leigas e das protestantes alegando que se não fosse ensino católico era ateu. É claro que uma afirmação dessas, tinha uma força muito grande para uma população que ainda estava arraigada aos dogmas da Igreja. Nesse contexto destaca-se a atuação dos bispos que também se encarregavam de multiplicar as referidas informações, bem como, condenar os pais que não mantinha seus filhos das escolas católicas.

A era de Vargas, de certa forma, deu força as ações da Igreja, a exemplo, a aprovação para ensino religioso nas escolas públicas, tal fato repercutiu de forma positiva principalmente para os bispos. Havia outra preocupação, quanto às escolas privadas, pois essas também representavam um entrave, pelo fato de não ter credo religioso.

Precisa-se entender quais os verdadeiros motivos que levaram a Igreja católica agir dessa forma, e, infelizmente nos deparamos com a situação econômica, ou seja, caso as famílias ignorassem o que os bispos pregavam, conseqüentemente

muitos alunos, principalmente os que pagavam a escola com muito sacrifício iriam optar pela escola pública, mesmo laica, e assim, a escola católica iria perder muitos alunos. Fato que veio acontecer no final do século XIX. Para a Igreja, formar a elite dentro dos princípios cristãos, seria uma forma de criar um Estado católico brasileiro. Foi sem dúvida uma medida impactante para a escola católica e para a escola laica, pois através dos movimentos políticos, aos poucos a população foi conquistando seus lugares. A meu ver o grande problema é que apesar de tantas lutas a educação no Brasil ainda não está compatível com a evolução do país na qualidade de ensino, na formação dos professores e na estrutura física das escolas, contribuindo para que, os pais, até mesmo os diretores das respectivas escolas tenham seus filhos nas escolas privadas católicas ou não.

2.2 CARACTERIZAÇÃO DA CIDADE DE PALMEIRA DOS ÍNDIOS E IMPLANTAÇÃO DO EDUCANDÁRIO CRISTO REDENTOR (1944)

A cidade de Palmeira dos Índios tem sua história alicerçada na Igreja católica, mesmo com uma forte influência de Índios da etnia Xucuru Kariri, que ainda moram na região (espalhados em 08 aldeias) e realizam seus rituais dentro da mata. Quanto à questão étnica, Palmeira dos Índios também é marcada pela presença da sociedade afro descendente, responsável pela construção da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, em 1805, transformada em museu desde a década de 1970, com o apoio do 1º Bispo da Diocese, Dom Otávio Aguiar. Existe uma sociedade quilombola que foi reconhecida durante o Governo Lula e habita na região serrana da cidade. Diante dos fatos acima citados, torna-se necessária uma breve abordagem acerca da caminhada da Igreja na cidade, visto que ela foi responsável pela implantação da 1ª escola católica (feminina), através das Irmãs Filhas do Amor Divino ali se instalaram para atender aos anseios da sociedade.

Em 1944, o então pároco de Palmeira dos Índios, Monsenhor Francisco de Macedo, estava com a incumbência de instalar, na cidade, uma Escola Normal para jovens do sexo feminino. Ele conhecia o trabalho daquelas religiosas que, na mesma década tinham fundado o Colégio Cristo Rei, em Patos, na Paraíba. Todavia, a

decisão não dependia apenas da sua vontade, pois, para implementá-la, era necessária a aprovação de Dom Fernando Gomes, Bispo da cidade de Penedo.

No período, a cidade de Palmeira dos Índios pertencia à Diocese de Penedo e, por causa dessa vinculação, a solicitação para a escola ser implantada foi feita ao então Bispo daquela circunscrição eclesiástica, supracitado, que, tomou as medidas cabíveis para oficializar a vinda das Irmãs. Constata-se, no processo, que a Igreja e a sociedade tiveram um papel fundamental, ênfase que se justifica a citação, seguinte, de Peter Berger:

Pode-se dizer, portanto, que a religião desempenhou uma ponte estratégica no empreendimento humano da construção do mundo. A religião representa o ponto máximo da auto exteriorização do homem pela infusão dos seus próprios sentidos sobre a realidade (1985, p. 41).

Nesse contexto de construção do homem, era a escola católica quem atendia o perfil daquela sociedade na qual o credo religioso era ponto de referência. No que tange à fé católica, o Brasil pode ser considerado terreno de muita fertilidade. Como já foi mencionado, desde a vinda dos jesuítas a religião utilizou-se da educação como fio condutor para algumas atuações na sociedade, então carente de educação de qualidade, rígida o suficiente para manter a ordem e a disciplina e que, ao mesmo tempo, ministrasse aulas para a promoção pessoal e profissional das jovens.

Assim, em meio a um período conturbado, em um mundo que estava enfrentando a Segunda Guerra Mundial, a cidade de Palmeira dos Índios recebeu, em 20 de fevereiro de 1944, a visita da Madre Geral, acompanhada por outras religiosas: Irmã Maria Anunciada Caldas, como Superiora; Irmã Maria Adelaide Pinto de Queiroz, para ficar responsável pelo internato, Irmã Maria Zélia Nóbrega, para os trabalhos domésticos e Irmã Maria Cornélia Antunes de Souza, para ministrar aulas.

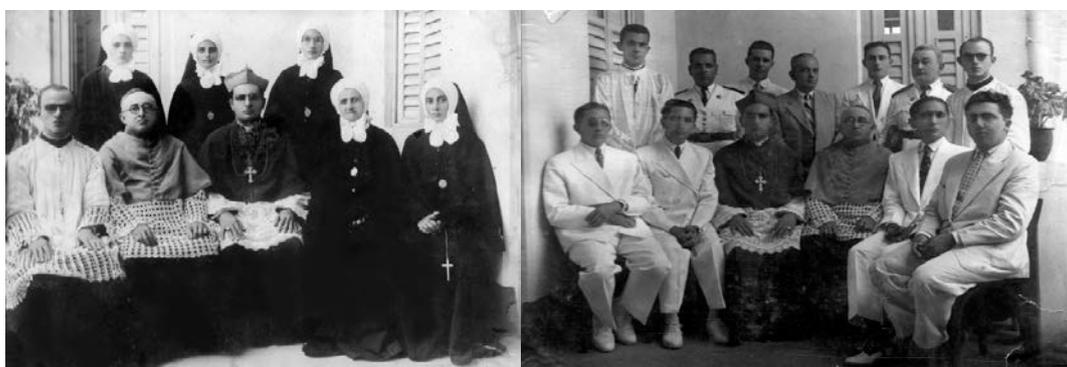
As irmãs estavam em Patos, na Paraíba onde haviam fundado o Colégio Cristo Rei, chegaram às 20 horas, conforme o livro de tombo em uma sôpa². Para esperá-las, estavam a postos o Reverendo Pároco, Cônego Francisco Xavier de Macedo, o Pe. Luiz Cirilo, designado capelão, as alunas de uma escola normal que

² Ônibus da época (1944) que circulava na cidade.

já existia, algumas famílias e pessoas da sociedade. Todos acompanharam as irmãs até a residência do pároco. Na ocasião, foram saudadas pelo professor Pedro Teixeira; em agradecimento pela acolhida, a Irmã Cornélia Antunes de Souza falou representando a Superiora que, em virtude de gripe, estava impossibilitada de se pronunciar. Após o momento de acolhida, as irmãs ocuparam a residência paroquial, onde permaneceram até a inauguração da escola. (LIVRO DE TOMBO, 1944, p. 1).

Foto 6

O clero, as religiosas e uma representação da sociedade palmeirense



Fonte:Acervo do Centro Educacional Cristo Redentor

A partir daquele momento muitos se empenharam, dividindo-se em pequenas comissões, trabalhando com o intuito de contar com a boa vontade das pessoas, pedindo uma doação de 50 contos para as obras de reconstrução e organização do prédio da diocese, no qual iria funcionar o Educandário Cristo Redentor. Nesse trabalho, destaca-se a participação da comunidade que teve papel fundamental juntamente com a Igreja: além de contribuir para a vinda das irmãs, contou-se com apoio e disponibilidade, garantindo a estabilidade das religiosas, fato que é enfatizado nos documentos do Educandário.

A necessidade da sociedade, aliada à força da Igreja, só aguçava a vontade de ajudar as religiosas, explícita no livro de tombo nº 1 quando se refere ao trabalho realizado pelas “senhoras e senhorinhas” que organizaram os arranjos dos apartamentos e de tudo conseguiram até mais que o necessário”, Livro de tombo, (1944). Para intensificar o assunto em pauta cita-se:

A sociedade é constituída e mantida por seres humanos em ação. Não possui ser algum, realidade alguma, independente de tal atividade. Seus padrões, sempre relativizados no tempo e no espaço, não são dados da natureza e de nenhum modo específico podem ser deduzidos da “natureza do homem” (BERGER, 1985, p. 20).

Desse modo, constata-se a influência da sociedade nas questões inerentes aos seus anseios e necessidade aliados aos da igreja. Em 27 dias de fevereiro deu-se a inauguração da nova escola, sob a presidência de Dom Fernando Gomes, oficializando a casa de educação com o nome de Educandário Cristo Redentor, o segundo colégio da Congregação com nome masculino no Brasil. Havia o abrigo São José na Europa, devido a devoção das religiosas para com o santo citado; no Brasil, existia o Colégio Cristo Rei, na Paraíba, e as irmãs já haviam fundado o Educandário Santa Teresinha, Nossa Senhora das Vitórias e Nossa Senhora das Neves (atual sede da Província do Norte), no Rio Grande do Norte.

O livro de Tombo (1944) traz, em sua abertura, uma citação bíblica de (Miqueias 5,2 e Mateus 2,6), que pode dar uma explicação acerca da escolha do nome, quando faz referência a Belém como pequena cidade de Judá, podendo-se fazer uma analogia com Palmeira dos Índios. Para tanto, é citado o trecho bíblico: “E tu, Belém, és pequenina entre as milhares de Judá, mas de ti há de sair Aquele que há de reinar em Israel”.

Não se sabe qual foi a religiosa responsável pela redação da crônica, em 1944, que foi legitimada através da assinatura da Madre Cristina Wlastinik, em 08 de junho de 1945. Na primeira página, há uma breve explicação sobre a citação que faz referência ao versículo bíblico.

Bem feliz era a pequena Belém, gleba humilde incrustada nas terras benditas de Israel, porque dela havia de nascer o Salvador do mundo. Não menos feliz porém pode e deve se considerar a pitoresca e acolhedora cidade de Palmeira dos Índios, pois esse mesmo Salvador quatro mil anos depois [...] através da palavra autorizada e viva de seu Pastor, naquela terra abençoada, vem pedir um novo berço no coração ardente e puro de sua mocidade feminina. (LIVRO DE TOMBO, 1944, p. 1).

Foi nesse clima de festa que aconteceu a inauguração da nova escola com a celebração da Santa Missa, presidida por Dom Fernando Gomes. As presenças das

famílias e de autoridades locais marcaram o evento, além dos membros das comissões, que também se fizeram presentes. Deixaram como lembrança a memória fotográfica em um álbum, como forma de gratidão. Após o evento, as irmãs passaram a residir no Educandário Cristo Redentor, cujo prédio atualmente abriga o Colégio Sagrada Família, pertencente à Diocese.

2.3 O COTIDIANO NO EDUCANDÁRIO CRISTO REDENTOR E NO INTERNATO

O início das aulas aconteceu o dia 1º de março de 1944, com os cursos primário e normal atrelados legalmente à Escola Normal Rural “D. Joaquim Diégues” de Viçosa. Devido ao fato de o início das aulas ter sido marcado logo após a inauguração foi necessário um espaço de tempo maior para legalizar o Educandário. Até então, só as irmãs realizavam as atividades na escola; porém, no dia 13 do mês citado chegou a senhorita Nadir Brandão Lima, 1ª professora pensionista que, além de ministrar aulas nos cursos primário e normal ajudava na fiscalização do internato (LIVRO DE TOMBO.1944,p.2). Segundo Irmã Helena Guimarães, atual Diretora do Colégio Jesus Menino, em Currais Novos - RN, ex-aluna interna, religiosa, natural de Palmeira dos Índios, a vida no internato era regada de afazeres, responsabilidades e oportunidades de sempre aprender mais.

As internas ajudavam as irmãs em várias tarefas, inclusive na evangelização. A oratória era das religiosas, mas, as internas saíam fazendo visitas a alguns bairros, divulgando os ensinamentos de Cristo. As alunas internas geralmente não eram provenientes da cidade, a maioria vinha da zona rural e de cidades circunvizinhas; assim, o internato era muito bom para as famílias, visto que suas filhas ficavam seguras e com a garantia de uma educação de qualidade. Em entrevista, Irmã Gilberta Marques, aluna da 1ª turma, expressou que:

O ensino da Escola católica era rígido, com muita disciplina, mas as alunas aprendiam; até hoje agradeço a Deus a oportunidade de ter sido da 1ª turma e entrar para o convento, fato que atribuo aos ensinamentos dos meus pais, católicos fervorosos, e às irmãs, pois o modo de rezarem, os cânticos, a forma de vida, tudo chamava a atenção³.

³ Entrevista concedida em março de 2013.

São sempre evidenciados o ensino, a oração e a disciplina. O Educandário implantou o curso Normal; todavia, para nele ingressar, as alunas faziam seu exame de admissão, que consistia em um pré-vestibular, regido pelo rigor de normas muito exigentes. A Irmã Maria Nivalda Vasconcelos Montenegro, natural de Tanque D'arca – AL, ex-aluna e atual Superiora Provincial, em entrevista afirmou que isso contribuía para que as alunas ingressassem em um novo período da escola, tendo segurança naquilo que estavam se predispondo a fazer, ou melhor, estudar, tendo a leitura, a escrita, a disciplina e os valores cristãos como seus referenciais.

As normalistas, como eram chamadas as alunas do curso normal naquela época, eram privilegiadas a ponto de irem a Maceió, acompanhadas por Irmã Cornélia Antunes, então Superiora, para participar do 1º Congresso Educacional de Alagoas, por determinação do Departamento de Educação.

O final do primeiro semestre (1944) se aproximava e, com ele, as provas parciais do curso normal; logo em seguida viriam “as férias de São João”⁴ retornando às atividades, os dois cursos – Ginásio e Normal, no dia 1º de julho. Apesar do regime de internato, as alunas foram a Santana do Ipanema acompanhadas pela superiora e por Irmã Adelaide com o intuito de angariar fundos em benefício do Educandário por meio de um festival. Segundo Dona Lourdes Monteiro, aluna da 1ª turma de normalistas, “tudo era muito bom e bonito, pela primeira vez teve contato com uma freira e desde as vestes, as aulas de religião, orações e o ensino chamavam a atenção das jovens”. Ainda comentou sobre a importância da escola católica:

Ser normalista era muito importante, a roupa de gala, a disciplina máxima era preciso beijar a mão das freiras e o crucifixo do terço delas, a música era uma coisa linda, o coral contava com a voz maravilhosa de Lourdes Neves e as apresentações [...] tudo era ensinado, desde o trabalho de artes manuais, às discussões sobre situações gerais [...] fui entendendo que o que as irmãs ensinavam, não era para nota, não era para ficar anotado no papel, era para levar para a vida.⁵

⁴ Termo utilizado em virtude das comemorações juninas na região.

⁵ Entrevista realizada em março de 2013.

Em janeiro de 1945, a Madre Provincial confiou a direção da Casa de Palmeira dos Índios a Irmã Maria Ângela Tavares, Maria Julia Costa e Irmã Helenita Cure para lecionar, Irmã Cacilda para o internato e Irmã Matilde para os serviços domésticos.

Em 1945, a Igreja, no Brasil, já havia passado por uma série de embates em vários aspectos. Ela, então, manifestou o propósito de fundar uma associação capaz de criar uma política de unidade entre as escolas católicas do país. Vê-se que a unidade seria impossível, porém, seria uma oportunidade de aproveitar o ensejo de tantas escolas tentando falar um só idioma. Assim, ficariam explícitos todos os seus propósitos, e ela ganharia forças em nível municipal, estadual e nacional. Em meio a essas expectativas, foi criada a Associação de Educação Católica (AEC), “reunir pessoas, em defesa da escola católica e aumentar a força das instituições escolares em vista da promoção da educação, à luz dos valores evangélicos que caracterizam um tipo de sociedade e um tipo de homem.” (LIMA, 1995, p. 47). A partir daquele momento o Educandário passou a fazer parte da caminhada da AEC.

Em janeiro do ano seguinte, 1946, a Madre Provincial confiou a direção da Casa de Palmeira dos Índios à irmã Maria Ângela Tavares que trouxe as Irmãs Maria Julia Costa e Maria Agostinha de Abreu para lecionar, Maria Salésia Fernandes para aulas de piano, Maria Joaquina Pires Galvão para ficar responsável pela capela e portaria, Laurita para a cozinha e mais duas noviças Maria Estanislava e Maria Bejamina.

Em 1946, vivia-se o pós-guerra, período marcado pela Guerra Fria, quando a educação passou a ser considerada um direito de todos, inspirado nos princípios da liberdade e nos ideais de solidariedade humana, posta como livre à iniciativa privada. As famílias das classes média e alta assumiram a responsabilidade pela educação de seus filhos, conduzindo-os para as melhores escolas, dentre as quais se incluíam as escolas católicas. Embora nos anos 1930 a Igreja Católica tenha tentado assumir o controle da educação pública do país, ela limitou-se a administrar apenas as suas escolas. Não foi diferente em Palmeira dos Índios, onde as famílias de melhor poder aquisitivo contribuíram para a implantação do Educandário Cristo Redentor, objetivando que suas filhas tivessem uma educação de qualidade.

Naquele ano já havia 17 alunas no primeiro ano normal, 15 no segundo ano, e 22 no terceiro (LIVRO DE TOMBO, 1946, p. 4.). Mesmo com a chegada de várias alunas todos os anos, o Educandário ainda não dispunha de um fundo, para despesas extras. Em virtude disso as alunas levavam um festival a algumas cidades como Viçosa, Quebrangulo e Santana do Ipanema. Também receberam convite do Bispo, Dom Fernando, para visitar Penedo; como na ocasião a Madre Geral estava no Educandário, ela mesma as acompanhou. Na visita receberam um “broche” que simbolizava uma ação dos jovens e, dessa forma, foi fundada a Ação Católica no Educandário Cristo Redentor. A esse respeito, disse a Irmã Josefa:

A ação católica era um movimento que reunia as jovens, as freiras que o coordenavam e o padre Ludugero, que era o diretor espiritual. Nas reuniões, além das orações, eram discutidos alguns assuntos da época. Todas as discussões tinham o objetivo de mostrar às jovens a importância da religião católica.⁶

Em 1947, a comunidade religiosa já contava com 9 irmãs. A Irmã Ângela continuou com a direção da casa e compondo a comunidade religiosa ficaram as irmãs Maria Agostinha, Maria Gabriela dos Santos, Maria Jacinta, Maria Salésia Fernandes, Maria Rafaela Romeiro, Maria Júlia Costa, Maria Estanislava e Benjamina. Houve uma pequena diferença no calendário letivo. Nos primeiros dias de fevereiro tiveram início as aulas do Primário, e no final do mês citado, aconteceu o exame de admissão com uma turma de 30 alunas, sendo 25 aprovadas. O início das aulas para essa turma foi marcado para o dia primeiro de março. Nesse ano foram matriculadas 165 alunas, sendo 78 no Normal e 87 para o Primário.

Pode-se enfatizar que um acontecimento marcante foi o encerramento do mês mariano, pois além da homenagem a Maria, foi fundada a Pia União de Maria: um grupo de jovens consagrou-se e tomou Maria Santíssima como Mãe, com o propósito de ter sua maior proteção. Sobre essa atividade as normalistas Ione Branco, Lourdes Monteiro, Noêmia Marques (Irmã Gilberta) e Teresinha Ferro (Irmã Josefa), foram entrevistadas e destacaram a importância, para suas vidas, o terem feito parte da Pia União, destacando que havia as rosaristas, cuja fita era cor de

⁶ Terezinha Cavalcante Ferro (Irmã Josefa) em entrevista concedida em março de 2013.

rosa, que distinguia as devotas de Nossa Senhora do Rosário, das que usavam a fita de cor azul: as devotas de Maria, mãe de Jesus. Nos encontros rezavam o terço e participavam das procissões usando as fitas que identificavam os dois grupos de alunas/devotas. (LIVRO DE TOMBO,1947, p.4-5)

Mesmo o Educandário sendo administrado por religiosas com regime de internato, as irmãs sempre estavam presentes em festas religiosas e comemorações cívicas com uma representação de alunas. Após as férias juninas, tinham início os ensaios da marcha⁷, em preparação para o desfile cívico. No dia 07 de setembro, as alunas estavam preparadas para apresentar-se diante da sociedade na Praça da Independência. Por causa da disciplina, do uniforme e do porte das alunas, conquistavam o 1º lugar. Segundo Irmã Maria Salésia Fernandes, a disciplina era rigorosa e a escola era dinâmica. Ela ainda enfatizou alguns fatores importantes, como a ação pedagógica, a sociedade, a Igreja e a música sempre presente; como foi professora de música, falou com conhecimento de causa.

Cheguei em 1946, iniciei aulas de piano no colégio de Maceió, depois segui para Palmeira dos Índios, lá o povo tinha o maior respeito às irmãs, a disciplina era rigorosa, os horários eram cumpridos nas horas certas e as alunas obedientes. Na carência de professoras freiras, para algumas áreas eram convidadas pessoas leigas que tivessem o domínio do conteúdo para ministrar as aulas, mesmo que fossem do sexo masculino: lembro-me, por exemplo, de um médico que ministrava aulas de Biologia e Ciências. A Igreja estava presente, mas nas questões pedagógicas e sociais atuávamos espontaneamente. Uma dessas tarefas era ensinar o catecismo às crianças dos bairros pobres; nessa atividade, sempre estávamos acompanhadas das alunas internas.⁸

O estudo empreendido permitiu constatar que era desejo da sociedade a presença das religiosas, assim como que fossem realizadas atividades como a catequese, trabalhos manuais, aulas de ginástica⁹ ministradas por religiosas, bem como o incentivo à música (piano) com aulas ministradas por irmã Maria Salésia Fernandes, o que contribuía para as alunas aprenderem a tocar não só o piano, mas acordeom, bateria, outro instrumento ou fazer parte do coral que era bastante solicitado para apresentações na cidade e em outras localidades. Irmã Maria

⁷ Nome atribuído ao passo do desfile cívico com a banda Marcial do Educandário.

⁸ Entrevista com Irmã Maria Salésia Fernandes, em 21 de março de 2013 – Emaús – RN.

⁹ Aulas de ginástica referem-se às aulas de Educação Física.

Nivalda Vasconcelos Montenegro, enfatizou a importância da música e da pedagogia de Madre Francisca com as seguintes palavras:

Fiz parte do primeiro grupo de música preparado por Irmã Salésia, e percebi que a música contribuía para que as alunas gostassem mais da escola, permanecessem mais tempo; também a postura da professora (Irmã Salésia) contribuiu. 'A disciplina com amor' era uma espécie de síntese dos ensinamentos de Madre Francisca. [...] a freira responsável pelo internato ocupava a função de prefeita, e esta era de grande importância na vida das alunas. Um grande exemplo foi Irmã Olívia, que tratava as alunas com respeito, rigor e amor. Sempre estava atenta quando realizava alguma atividade que nos deixasse alegres, e uma delas era sair dos muros do educandário... Ora, para uma aluna interna o maior presente era quando, todas as tardes, saíamos com ela pela praça ao lado da Catedral, víamos o mundo. Era uma atitude muito simples, mas valiosa.¹⁰

O ano de 1947 foi marcado por acontecimentos de cunho social, além dos já citados. Ao final do mês de outubro a 1ª turma concluinte se preparava para a grande festa de encerramento; para tanto o Exmo. Governador do Estado de Alagoas, Silvestre Pércles de Góes Monteiro (1947-1951) ofertou, como presente, a quantia de cinco mil cruzeiros, para que pudessem realizar uma excursão, ao Recife, que iria contribuir para intensificar os conhecimentos pedagógicos adquiridos no curso do Magistério. No dia 02 de outubro foram a Maceió e depois ao Recife (no dia 05) onde ficaram por um período de oito dias, acompanhadas pelo Sr. José Soares Filho (fiscal), e pelas Irmãs Ângela Tavares, Agostinha e Julia Costa. No retorno, realizaram as provas finais no período entre 23 e 27 de outubro, nas quais 04 alunas foram reprovadas. O encerramento do ano letivo aconteceu no dia 19 do mês seguinte. (LIVRO DE TOMBO, 1947, p.4-5).

Em novembro (dia 26), aconteceu a festa magna de colação de grau da primeira turma de professoras do Educandário; a sociedade palmeirense estava em festa. Segundo o livro de tombo (1947,p.5), "além de várias autoridades civis e religiosas como também a fina flor palmeirense"¹¹. Também foram registradas as presenças do Bispo, Dom Fernando Gomes, do Monsenhor Francisco Xavier de Macedo, do Fiscal de Ensino José Soares Filho e a comunidade religiosa: a Superiora Provincial, Madre Cristina Wlastnik, Madre Ângela Tavares - Diretora da

¹⁰ Irmã Maria Nivalda Vasconcelos Montenegro, em entrevista concedida em março de 2013.

¹¹ Termo utilizado para designar a mais alta camada social da época - Livro de tombo, 1947, p. 5.

Escola e a Madre Anunciada Caldas - Superiora do Ginásio Imaculada Conceição, de Maceió.

No ano seguinte, 1948, no início de mais um ano letivo foi registrada a chegada de Irmã Lídia, para estudar e realizar alguns afazeres domésticos, e de Irmã Ligória, para lecionar no curso Normal. No período tiveram início os trabalhos de equiparação do curso ginasial; para tanto, Madre Ângela Tavares e Irmã Julia Costa (secretária) foram a Maceió para providenciar a planta do prédio do Educandário. Logo em seguida foram enviados os documentos para o Rio de Janeiro, destinados ao Ministério da Educação e Saúde/ Departamento Nacional de Educação da Divisão do Ensino Secundário, solicitando o reconhecimento do Ginásio Cristo Redentor. Em 12 de abril de 1948, conforme Portaria nº 206, foi concedido o reconhecimento ao Ginásio Cristo Redentor, de Palmeira dos Índios. A referida Portaria consta de dois artigos, citados a seguir:

Artigo 1º- É concedido reconhecimento, sob regime de inspeção preliminar, ao Ginásio Cristo Redentor, com sede em Palmeira dos Índios, no Estado de Alagoas.

Artigo 2º- A denominação do estabelecimento de ensino secundário de que trata o artigo anterior continua a ser Ginásio Cristo Redentor. (BRASIL, 1948, nº 206).

Porém, ao observar as datas contidas no Livro de tombo (1944, p. 5), verifica-se que o exame para o ingresso no 1º ano ginasial, para 25 alunas, aconteceu durante o processo de reconhecimento do referido curso.

A cada ano a história ia sendo alicerçada em acontecimentos marcantes que iriam fazer parte da memória do Educandário, então Ginásio. Assim, no ano de 1949 a colação de grau da segunda turma teve como paraninfo o Monsenhor Francisco Xavier de Macedo, pároco da cidade e grande defensor da educação. Outro acontecimento marcante foi o Congresso realizado em comemoração ao centenário da fundação do Apostolado do Coração de Jesus em Palmeira dos Índios. Para esse evento o Ginásio Cristo Redentor, recebeu 12 religiosas de Maceió.

2.4 A DÉCADA DE 1950 EM SUAS DIVERSAS FACES

Na década de 1950 vários acontecimentos marcaram a Igreja católica no Brasil o que pode ter contribuído para o seu fortalecimento: foi fundada a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), e a cidade do Rio de Janeiro sediou um grande evento católico – o XXXVI Congresso Eucarístico Internacional – que contou com o apoio do Governo Federal, evidenciando que a parceria entre Estado e Igreja continuava. Segundo o Livro de Tombo (1944), as irmãs acompanharam atentamente o evento, através do rádio, ressaltando que o momento foi de grande importância para o Brasil. Na solenidade de encerramento estavam presentes as autoridades eclesiais e civis, inclusive o Presidente da República do Brasil, tendo como momento magno a fala do Papa, através da rádio Vaticano. Para enfatizar a importância do acontecimento, cita-se:

A comunidade brasileira viveu momentos da mais intensa espiritualidade e patriotismo, à hora solene da consagração oficial do Brasil, ao Sagrado Coração de Jesus, o que foi feito, numa fórmula pública, proferida pelo Sr. Presidente da República, Ministros de Estado, Deputados e Senadores. (LIVRO DE TOMBO, 1944, p. 15-16).

Fica evidente a relação de respeito que existia entre a Igreja e o Estado quando se associa a participação do povo naquele evento religioso como um momento de patriotismo. Não se sabe se as irmãs tinham uma percepção nítida acerca do que significava aquele patriotismo.

No campo educacional, Anísio Teixeira comentava a situação da educação no Brasil, fazendo uma retrospectiva que abrangia desde os anos 30 até aquele momento. Suas análises apontavam para um período de retrocesso educacional, visto que a década de 1930 se encarregou de não permitir nenhuma evolução. O ensino era livresco, conteudista, e a democracia ainda era sonho (TEIXEIRA *apud* AVELAR, 1978, p.71). Os países, de um modo geral, estavam evoluindo e/ou evoluídos nessa área, enquanto o Brasil ainda carecia de um método que fosse eficiente e abrangente para as camadas populares: a educação de massa só podia lograr eficácia se vivenciada em um estado de democracia educacional.

Nesse contexto, a escola católica também já estava contribuindo, sobretudo através da Associação das Escolas Católicas (AEC), com a publicação da revista “Servir”, que também clamava pela liberdade de ensino e renovação de métodos. Para tanto, com o intuito de renovar, a AEC de São Paulo promoveu semanas pedagógicas, chegando a contratar estudiosos como Pierre Faure, de Paris (AVELAR,1978,p.72). A escola católica defendia as mudanças, porém, especificamente os seus anseios, sendo um deles o direito de ministrar aulas de educação religiosa a partir de sua ótica. Ainda naquelas “semanas” foram discutidos problemas inerentes à educação católica no Brasil. Como consequência, surgiram alguns novos métodos, a exemplo do Montessori, aplicado em muitas escolas católicas como proposta de melhoria na qualidade de ensino.

É necessário, fazer um breve relato a respeito dos métodos que eram adotados na escola católica. Em sua entrevista a Irmã Maria Nivalda Vasconcelos Montenegro mostrou-se convicta de que se aprendia muito, mesmo com a disciplina rigorosa, se fazia muita leitura, eram cumpridos os deveres, desenvolvidas as artes; contudo, faltava a discussão, ou seja, não havia espaço para o criar e o recriar. “A liberdade chegou e a aprendizagem foi reduzida.”

Em 1952, o colégio estava recebendo cada vez mais estudantes e o prédio cedido pela Diocese não mais comportava as alunas e as irmãs. Então a Madre Superiora efetuou a compra de um terreno para a construção de novo prédio para o Cristo Redentor, pois o no qual funcionava além de pertencer à Diocese já não estava atendendo à demanda. Naquele mesmo ano, o Educandário recebeu uma comissão de fiscais para conceder a equiparação definitiva do Ginásio, ficando a Irmã Cornélia Antunes de Souza responsável por encaminhar a documentação necessária. Em agosto, o Educandário recebeu Padre Dimas de Brito como seu novo capelão. Para encerrar o ano letivo aconteceu a festa de colação de grau de 17 alunas, tendo como paraninfo das professorandas, o Cônego Medeiros Neto, então Deputado Federal e o Ilustre Deputado Tenório Cavalcante (o famoso ‘Homem da Capa Preta’) como paraninfo da turma do Ginásio. (LIVRO DE TOMBO,1952, p.10).

Um fato interessante marcou o encerramento do ano de 1952. Há registros no Livro de tombo enfatizando que, ao encerrar o ano, o povo e as Irmãs da

comunidade religiosa não foram assistir às missas de Natal e de Ano Novo, celebradas à meia-noite, em virtude de determinação do Bispo diocesano, Dom Frei Felício da Cunha Vasconcelos, OFM, que ocupou o lugar de Dom Fernando Gomes. O bispo resolveu não celebrar as referidas missas, devido ao grande número de participantes em jogos de azar nos arredores da Igreja, registrado por ocasião da Festa de Nossa Senhora do Amparo. O sagrado e o profano não podiam ocupar o mesmo espaço. Como a festa da Padroeira acontece, todos os anos, no mês de dezembro ele decidiu que não fossem realizadas as referidas Missas na tentativa de proibir o abuso dos jogos de azar naquelas ocasiões.

Em 1953, foi Inaugurado o Jardim de Infância, sob a direção de Irmã Maria Antônia Mello, que passou a funcionar em uma casa, anexa ao colégio, pertencente à Diocese; além do Jardim, ali passou a funcionar mais uma classe e o dormitório de algumas irmãs, em virtude de o espaço físico do Ginásio ter-se tornado insuficiente para acomodar as crianças.

Em setembro de 1953 as alunas participaram do desfile, sendo destaques “a disciplina e garbo”¹²; no mesmo dia aconteceu uma tarde esportiva, com jogos de voleibol e bola pátria¹³ na quadra de cimento do Educandário. Com o propósito de arrecadar fundos para os cursos Ginásial e Normal, segundo o Livro de Tombo (1944), houve a participação, em massa, da sociedade, o que resultou em uma considerável renda, dividida igualmente entre os cursos. As normalistas venceram o voleibol e as ginasianas a bola pátria. (LIVRO DE TOMBO, 1953, p. 11).

No mês seguinte, na cidade de Viçosa, aconteceu a Semana Rural de Viçosa, promovida pela escola Normal Joaquim Diégues, daquela cidade, para as escolas Normais Rurais do Estado. Segundo o livro de Tombo (1944), na programação constava a simbólica competição da “Apanha do algodão” exclusiva para as princesas escolhidas entre as alunas, sendo vitoriosa a aluna Maria Alves Menezes. A coroação era considerada um momento magno: a aluna foi paraninfada pelo industrial Pedro Carnaúba presenteando-a com uma joia (pulseira). Na tarde

¹² Termo que se refere à elegância, costumeiramente utilizado com relação às alunas do Educandário.

¹³ Bola pátria era o nome atribuído ao jogo, comum na época, também conhecido de queimada. Pode-se entender que a nomenclatura pode estar ligada a duas situações: ao processo histórico vigente e à data festiva do 7 de setembro.

esportiva, o educandário obteve vitória e recebeu medalha de ouro e a taça Cidade de Viçosa.

Foto 7

A seleção das normalistas no antigo prédio do Educandário que pertencia à Diocese com o fardamento do esporte



Fonte: Acervo do Centro Educacional Cristo Redentor

No dia 17 de abril de 1954 foi instalada, em Palmeira dos Índios, uma sucursal da União dos Estudantes Secundários de Alagoas (UESA). Aquele foi também um ano de grande importância para a fé católica, visto que fora declarado Ano Mariano e estava sendo celebrado o Jubileu do Centenário da Proclamação do Dogma da Imaculada Conceição. O calendário da programação foi extenso, com muitas celebrações realizadas durante o mês de maio, na capela do Ginásio. No mês de agosto chegou, no trem noturno, a Irmã Fidélia Weninger, ex-Superiora Provincial, então recém-nomeada diretora do Ginásio e Escola Normal Cristo Redentor, em substituição à Ir. Leônia. (LIVRO DE TOMBO, 1954, p. 12-13).

No campo da política nacional se faz necessário evidenciar a repercussão da morte do presidente Getulio Vargas, relatada nos seguintes termos:

O impressionante suicídio do estadista e presidente da República, Getulio Vargas, às 8,30 da manhã do dia 24, provocado pelo desespero de violenta crise da vida nacional, agravou enormemente a situação política, vivendo a amada Pátria, dias de insegurança e dor. Graças a Deus e a proteção especial da Rainha e Mãe dos brasileiros - N. S. Aparecida, uma semana após o trágico desfecho, voltara o país à normalidade. (LIVRO DE TOMBO n. 01, 1944, p. 14).

É evidente que, em se tratando da morte do Presidente da República, o fato abalou a nação, principalmente pelo fato de Getúlio Vargas ter sempre aparecido como um aliado da Igreja, mostrando boas perspectivas quanto à sua ação na sociedade. Durante seu governo não rompeu com a Igreja, mas, sim, lhe deu liberdade em determinadas situações e, em outras, a manteve em silêncio; em ambas as situações usou a oratória para intensificar seu apoio e confiança. Segundo a citação, tudo voltara à normalidade na vida dos brasileiros, na política e também na vida na comunidade religiosa.

Em 29/08/1954 a Superiora, Irmã Fidélia Weninger, e a Irmã Elygia Rêgo, segunda assistente, foram a Maceió com a finalidade de conseguir um empréstimo para a construção do colégio. Em novembro, a Superiora participou de reuniões deliberativas do Conselho Provincial, em Natal; ao regressar, deu continuidade às negociações relativas à aquisição de um terreno para a construção da nova sede do Ginásio. Ao final do ano de 1954, as irmãs participaram do retiro pregado por um jesuíta do Colégio Nóbrega, do Recife. (LIVRO DE TOMBO, 1954, p. 14).

Iniciou-se o ano de 1955 e, ainda em janeiro, a Irmã Cornélia Antunes, junto com a Superiora, participou, em Maceió, da 4ª Semana Regional da Juventude Estudantil Católica (JEC). Alguns autores explicitam que a JEC não funcionava com o propósito para o qual foi fundada, com mais criticidade e atuação nas questões que envolvessem a juventude. Em entrevista, disse a senhora Lourdes Monteiro:

Como integrante da JEC fui exemplar, não faltava às reuniões, e atuava quando era solicitada. A nossa tarefa era, na verdade, a de evangelizar os jovens juntamente com as irmãs, para combater as coisas erradas, como o espiritismo e o protestantismo.¹⁴

Constata-se a partir do depoimento da ex - aluna (normalista), que naquela época (1955), ainda não se falava em pluralismo religioso ou a possibilidade de diálogo de credos. Notadamente as orientações eram para adotar o catolicismo como o único credo, acentuando de certa forma o desrespeito a outros credos. No dia 13 de janeiro, as irmãs receberam a autorização da Madre Geral para realizar a troca do terreno de propriedade da Congregação, situado à Rua das Flores, atual

¹⁴ Entrevista realizada em março de 2013.

Rua Pedro Barbosa, pelo aviário pertencente ao município. A negociação do terreno ocorreu dentro das normas vigente e sua oficialização deu-se no dia 31 de janeiro. (LIVRO DE TOMBO,1955, p. 14).

O terreno que pertencia à prefeitura seria utilizado para a construção da nova sede, situada no quadrilátero delimitado pelas Av. Deputado Medeiros Neto, Av. quinze de Novembro, Rua Sete de Setembro, e Av. Vieira de Brito, abrangendo um quarteirão do bairro São Cristóvão. Para dar continuidade às negociações relativas à nova sede, a Irmã Superiora e a irmã Elygia Rêgo foram a Maceió, no dia 02 de maio, de onde retornaram no dia 5 (cinco), para tratar dos negócios relativos à planta do Colégio.

Ainda no mês de maio, dedicado a Maria e às mães, a Irmã Superiora lançou a ideia de fundar a Associação das Mães, que tendo sido aceita foi aplaudida e logo oficializada. De acordo com Azzi (2008,p.236) naquele mesmo ano de 1955, Juscelino Kubitschek assumiu o governo do Brasil e Dom Helder Câmara manteve-se amigo do Presidente – ele que era um grande líder eclesiástico, atuava como um conselheiro do Presidente da República. De certa forma, isso tornava a situação da Igreja mais cômoda quanto aos possíveis privilégios. Tal fato também contribuiu para que a Igreja e o Estado continuassem mantendo relações amigáveis. É necessário destacar que a ligação entre a Igreja e o Estado se dava através da educação católica. No mesmo ano, o sociólogo Thales de Azevedo afirmava: “as relações entre a Igreja e o Estado, de fato, melhoraram extraordinariamente nos últimos decênios, e parecem mais íntimas ou próximas nos anos mais recentes”. (AZEVEDO *apud* AZZI, 2008, p. 21).

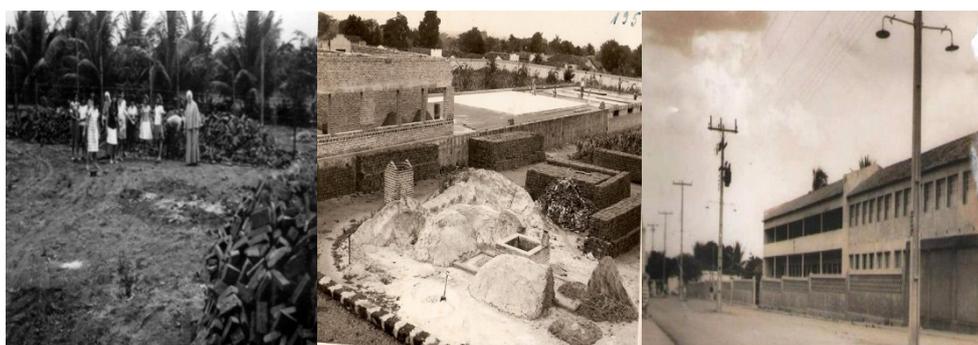
Em 13 setembro de 1955 aconteceu a bênção da pedra fundamental do novo prédio, realizada pelo Bispo Diocesano, Dom Felício da Cunha Vasconcelos, com a presença de várias pessoas. Os trabalhos para a construção foram iniciados no mês de novembro, dia 07. Segundo o Sr José Teixeira Apolinário (Zé Galego), mestre de obras, que permaneceu no colégio por mais tempo – de 1955 a 2012 – “ a Irmã Superiora enterrou uma medalha no local que seriam construídas as instalações do colégio, onde funciona a cantina”¹⁵. A primeira escavação dos alicerces foi assistida

¹⁵ Entrevista com José Teixeira Apolinário, mestre de obras, em 2012.

por irmãs e alunas que declamaram, cantaram, fizeram apresentação com acordeom, bem como homenagearam os operários e, simbolicamente, os ajudaram nos trabalhos da construção. Para dar continuidade à construção, foram necessárias várias iniciativas para angariar fundos, dentre elas um pastoril que rendeu CR\$ 16.413,00 (dezesesseis mil quatrocentos e treze mil cruzeiros). Encerrando o ano de 1955 aconteceram as solenidades de formatura no Aero Clube, em 11 de dezembro. Na solenidade foram paraninfos do Ginásial e do Normal, respectivamente, o Bispo Diocesano e o Pe. Dimas Gomes de Brito; concluíram 13 ginásianas¹⁶ e 17 professorandas.¹⁷ (LIVRO DE TOMBO, 1955, p. 16).

Foto 8

Visita da Superiora à construção quando foi enterrada uma medalha, o início da construção e a primeira etapa da fachada do colégio em fase de conclusão.



Fonte: Acervo do Centro Educacional Cristo Redentor

No ano de 1956 chegou ao Cristo Redentor a Irmã Albertina e as turmas concluintes tiveram como paraninfos, respectivamente do ginásio e do magistério o Cônego Luis Medeiros Neto e o então recém-formado jurista e conterrâneo Dr. Geraldo Sampaio. A solenidade aconteceu nas dependências do Cine Palácio, cedida pelo proprietário. (LIVRO DE TOMBO, 1956, p. 20-21).

Em janeiro de 1957 aconteceu, em Aracaju, a V Semana Regional da Juventude Estudantil Católica (JEC) da qual participou a Irmã Cornélia Antunes. Na primeira semana de maio aconteceu a Assembleia Popular da JEC, com vasta programação, destacando-se um júri sobre leitura e apresentações, em inglês, sob a

¹⁶ Termo utilizado para as alunas que estudavam o ginásio

¹⁷ Termo utilizado para as alunas que estavam concluindo o curso Magistério, destinado à formação de professores.

responsabilidade da 3ª série. No período, finalmente a Superiora recebeu empréstimo no valor de CR\$ 45.000,00 (quarenta e cinco mil cruzeiros) que havia solicitado à Caixa Econômica Federal para dar continuidade à construção do novo prédio. No mesmo ano foi admitida a professora Nanete Macedo, irmã do Monsenhor Xavier de Macedo. Em agosto as irmãs receberam grande ajuda do Ministério da Educação e Cultura, no valor de CR\$ 150.000,00 (cento e cinquenta mil cruzeiros). Em setembro, iniciaram a venda de uma rifa de um JEEP, iniciativa de um grupo de comerciantes. Cada aluna também ofertou a importância de CR\$ 100,00 (cem cruzeiros). (LIVRO DE TOMBO, 1958, p. 24-25).

No dia 02 de fevereiro de 1958 teve início um retiro espiritual das irmãs o qual teve como pregador o Pe. Andrade, jesuíta do Recife de acordo com o livro de tombo (1958, p. 25). Enquanto isso, as campanhas continuavam e as irmãs não mediam esforços para dar prosseguimento à construção do prédio; para tanto, foram a Penedo com o objetivo de vender bilhetes de uma rifa. Obtendo êxito nas vendas, com o mesmo propósito foram a Vitória de Santo Antão – PE, em companhia da senhorita Maria Ferro. Ainda para a construção foi recebido um auxílio federal de CR\$ 255.000,00 (duzentos e cinquenta e cinco mil cruzeiros) sendo CR\$ 127.500 (cento e vinte sete mil e quinhentos cruzeiros) referentes ao auxílio de 1957, e igual montante referente a 1958. Também foi recebido outro auxílio federal de CR\$ 30.000,00 (trinta mil cruzeiros). (LIVRO DE TOMBO, 1957, p. 26-27).

Finalmente chegou o dia do sorteio do JEEP, realizado através da loteria federal de Pernambuco. No dia marcado, 20 de junho, foi sorteado o número 1.479 comprado pelo Dr. João Toledo, Deputado Estadual; ao receber o prêmio, ele fez uma doação de CR\$ 10.000,00 (dez mil cruzeiros). A rifa contabilizou um lucro de CR\$ 413.640,00 (quatrocentos e treze mil, seiscentos e quarenta cruzeiros). Em julho daquele mesmo ano foi retirada a hipoteca do terreno onde estava sendo construído o colégio, pelo empréstimo feito via da Caixa Econômica em 1956. (LIVRO DE TOMBO, 1957, p. 26-27).

No mês de agosto de 1958 foram registradas as admissões dos padres Ludugero e Roberto, da senhora Raquel e da senhorita Hilda Rocha Ramos para ministrarem aulas de Matemática e Inglês; eles eram professores renomados e

respeitados em toda a sociedade palmeirense. Em setembro, mais um auxílio recebido; desta feita, do Fundo Nacional do Ensino Médio: CR\$ 179.400,00 (cento e setenta e nove mil e quatrocentos cruzeiros). Outros movimentos aconteceram em prol da construção do colégio dentre os quais um festival no Aero Clube, sob a direção de Irmã Antônia Mello que rendeu CR\$11.400,00(onze Mml e quatrocentos cruzeiros). (LIVRO DE TOMBO, 1958, p. 28-29).

2.5 A EDUCAÇÃO CATÓLICA E A 1ª LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NO PAÍS

Chegada a década de 1960 eram boas as expectativas para a área da educação. Era desejo dos brasileiros ligados à área que fosse promulgada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, visto que ela tramitava há treze anos. Além das questões educacionais, o Brasil passou a vivenciar uma situação de conflitos e estratégias para assegurar o poder das elites. Segundo Gramsci (1979,p.37) o golpe de 1964” expressou o rompimento de uma situação histórico – política caracterizada por um equilíbrio de forças de perspectiva catastrófica [...].É nessa perspectiva que durante 20 anos o Brasil viveu o regime militar, ou melhor, ditadura, esta, que fez opção pela repressão, para tentar silenciar os que não queriam calar. Assim, essa política não conseguia enxergar a educação como um dever do estado e um direito de todos. Acumulou capital, aumentou o índice de analfabetismo e quase extinguiu as poucas políticas públicas existentes, e, a educação foi destinada aos que faziam parte do ápice da pirâmide social.

Em janeiro de 1960 a Irmã Maria Salésia Fernandes retornou para substituir a Irmã Hildegardes nas aulas de música. Em 08 de abril, foi realizada a compra de uma casa em Paripueira - AL, por CR\$ 100.000,00 (cem mil cruzeiros), destinada para veraneio. A compra foi feita em nome das Filhas do Amor Divino, acolhida por toda a comunidade com alegria. No dia 22 de abril a Irmã Maria Salésia Fernandes viajou para Maceió, em companhia da Superiora, para realizar a compra de um piano, de segunda mão, no valor de CR\$ 70.000,00 (setenta mil cruzeiros). No mês seguinte, a festa das mães foi realizada no Cine Palácio, dividida em dois momentos: uma apresentação das crianças do “Jardim de Infantil”, destacando-se o

minueto executado por Maria das Graças Sampaio Malta e José Geraldo Sampaio Malta, seguida de uma parte organizada por Irmã Cornélia Antunes de Souza e ensaiada por Irmã Maria Salésia Fernandes. (LIVRO DE TOMBO, 1960, p. 33).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação 4024/61, que, como afirmado, há treze anos tramitava, foi então promulgada em 21 de dezembro de 1961; era a primeira LDB do Brasil. Trazia a síntese da luta de educadores, durante os treze anos de tramitação até ser oficializada. Devido ao longo espaço de tempo, houve processos e retrocessos na sua elaboração, mas ela trouxe uma estrutura simples dos níveis de ensino, que ainda não atendiam aos anseios da área educacional. No que se refere aos níveis de ensino não houve mudanças e sim a oficialização:

O pré-Primário era composto de escolas maternas e jardins de infância; o Primário de quatro anos, com chance de ser acrescido de 2 ou mais, com programa de artes aplicadas; o Ensino Médio, subdivido em dois ciclos: o ginasial de quatro anos e o colegial de três anos, ambos por sua vez compreendendo o ensino secundário e o ensino técnico (industrial, agrícola, comercial e de formação de professores); o Ensino Superior com a mesma estrutura já consagrada antes. (ROMANELLI, 1986, p. 181).

No Cristo Redentor, o Normal era uma referência devido à formação de professoras: era um curso profissionalizante bastante concorrido, pois refletia a classe social dos alunos; ou seja, o científico para quem iria ingressar no Ensino Superior e o Normal para quem desejava ou necessitava de uma profissão (professor).

A lei promulgada foi um grande passo para a educação no Brasil, apesar das lacunas:

A Lei de Diretrizes e Bases representou uma conquista para a Educação no Brasil, dando às escolas maior autonomia em sua organização administrativa, disciplinar e didática, desafiando a Escola Católica a se reorganizar. (ALVES *apud* MOURA, 2008, p. 3)

Em 1961 a Irmã Maria Antonia Mello, coordenadora do Jardim de Infância, foi transferida para uma cidade do Ceará. Naquele momento a LDB estava em seus trâmites finais no processo de aprovação e as irmãs estavam atentas às mudanças no processo educacional do país. No mês de fevereiro, a Irmã Maria Dolores

Wanderley viajou a Maceió para resolver questões ligadas à equiparação do Curso Pedagógico, pois, para tanto, era necessária a presença da Superiora: houve êxito e o decreto solicitado foi expedido. Em março foram iniciadas as aulas do Curso Primário e Ginásial com grande número de matrículas, o que levou as irmãs a acreditarem que o elevado fluxo de alunos estava ligado ao fato de o colégio ser católico. Assim, deixaram registrada a seguinte frase: “Graças a Deus, as famílias estão cada dia compreendendo melhor o valor da educação com princípios cristãos, e procuram especialmente os colégios católicos”. (LIVRO DE TOMBO, 1944, p. 46).

A Congregação estava implantada em vários países com conjunturas política e econômica diferentes. Os sistemas de economia aliados aos regimes de governo contribuíram para situações nevrálgicas, principalmente em países comunistas, onde não havia liberdade e o credo religioso passava a ser um entrave. Algumas irmãs enfrentavam essa situação. Sobre isso, no dia 26 de março 1961, a Madre Superiora Geral e a Secretária falaram à comunidade sobre a situação da Congregação nos países que gravitavam em torno da órbita comunista.

Quantas coisas tristes ouvimos! Quanto sofrem as nossas queridas Irmãs, a Santa Igreja! E que amor a Deus nestes sofrimentos. Muito nos impressionaram aquelas tristes notícias. E vimos como são abnegadas aquelas nossas Irmãs! Que Deus Nosso Senhor as fortifique e as santifique sempre mais. (LIVRO DE TOMBO, 1961, p. 36).

O clima era de muita tristeza devido aos relatos de como as outras religiosas estavam vivendo em países comunistas. A esse respeito o Brasil vinha lutando, tendo a Igreja Católica como fiel aliada.

As festas cívicas eram obrigatórias, a marcha com disciplina, cantar o Hino Nacional na íntegra, em posição de sentido e, na maioria das vezes, com a presença de uma autoridade da cidade e/ou representante do exército (Tiro de Guerra) da cidade. (LIVRO DE TOMBO, 1944, p.37). Entende-se, que apesar das religiosas não serem a favor da ditadura, de certa forma assumem o civismo e o patriotismo como sinônimo de respeito, e o grito de guerra contra o comunismo.

Simultaneamente a esses acontecimentos, a Superiora do Cristo Redentor e toda a comunidade não media esforços para adiantar a construção do prédio o que

requereu constantes deslocamentos até Maceió. Com o intuito de adiantar a obra, as irmãs a entregaram a uma construtora, que assumiu o compromisso de quinze mil de cruzeiros para a construção do térreo e da fachada do primeiro andar. Como o prédio era grande, seria suficiente para se pensar em mudança no ano seguinte, assim que ele oferecesse condições de ocupação. As atividades letivas foram desenvolvidas, bem como as viagens (pesquisa de campo) realizadas com a presença das irmãs no Recife, João Pessoa e Campina Grande. (LIVRO DE TOMBO, 1944, p. 37).

O ano de 1962 teve início com muitas atividades, inclusive de transferências das irmãs, como é costume no princípio de cada ano. Houve planejamento do ano letivo com as irmãs e, no dia 18 de março, aconteceu a 1ª reunião com a nova Superiora e com os pais das alunas, na qual foi apresentado plano visando a fundar a Associação de Pais e Mestres. Na pauta também constava uma fala de Irmã Stella, que fez uma explanação sobre o trabalho de Orientação Educacional. Dando continuidade aos trabalhos do ano letivo, foi marcada uma reunião para o dia 25 do mesmo mês com o intuito de reunir os ex-alunos, através da Associação que já existia. Na reunião foram discutidos e planejados os trabalhos por equipes. Como o número de alunas sempre aumentava foi necessário a Diocese ceder três salas ao Cristo Redentor: uma para o funcionamento do Jardim Infantil, uma para Orientação Educacional e outra para o diretório das ex-alunas. (LIVRO DE TOMBO, 1944, p. 38).

No mês de abril (1962), houve eleição de representante de classe para todas as turmas, dia 6, eleição e posse da Diretoria do Diretório Estudantil. Nos dias 7,8 e 9 do referido mês a Madre Superiora dirigiu um “Cursinho por um Mundo Melhor” para as alunas da primeira série ginásial. Nos dias 9,10 e 11 o Pe. Odilon Amador ministrou um tríduo sobre cerimônias litúrgicas da Semana Santa. No dia 14, dedicado ao aniversário de morte da Fundadora da Congregação, houve palestra sobre a vida dela e a instalação do Banco da Providência e do Curso de Alfabetização para as domésticas. Para encerrar o mês aconteceu o retiro para a JECF sendo a Assembleia Geral marcada para 14 de junho. (LIVRO DE TOMBO, 1944, p. 38).

O mês de agosto de 1962 ficou marcado, na história do colégio, pois, como é de costume, comemora-se, no dia 11, a festa do estudante: houve palestra e show, mas o calendário foi alterado em virtude da grande festa da Diocese. A cidade estava organizada para receber Dom Otávio Aguiar, o 1º Bispo de Palmeira dos Índios. As irmãs participaram intensamente na organização da festa de posse no Primeiro Bispo, que aconteceu no dia 19 agosto de 1962, com a presença do Núncio Apostólico. No dia 30 do mesmo mês Dom Otávio Aguiar celebrou uma 1ª Missa por ele presidida na capela do Colégio.

Após o café, foi saudado por uma das alunas que lhe desejou boa viagem, visto que naquele mesmo dia ele iria viajar à Europa para participar da primeira sessão do Concílio Ecumênico do Vaticano II. Em setembro, de 23 a 30, aconteceu a Semana do Concílio, com intensa participação das comunidades religiosas e da escola. O encerramento foi com uma apresentação artística sobre o Concílio. (LIVRO DE TOMBO,1944, p. 39).

Depois de tantos esforços para dar continuidade aos trabalhos da construção do novo prédio, chegou o ano de 1963 e, com ele, aumentou o trabalho das alunas e o das irmãs para que fosse concluído o básico da obra, de forma que fosse possível a realização da tão sonhada transferência; como não foi possível deram continuidade aos trabalhos e o grande acontecimento deu-se em março do mesmo ano. Chegaram as Irmãs Geórgia, Mercês de Andrade, Patrícia e ainda estava sendo aguardada a Irmã Estefânia, que havia ficado em Natal. No dia 03 de março de 1963, aconteceu a bênção e a instalação no novo prédio; logo após, foi celebrada a Missa pelo Bispo Diocesano, Dom Otávio Aguiar. O evento contou com a presença da Madre Provincial, das alunas, religiosas e autoridades da cidade. A mudança definitiva ficou para o dia 05. No campo pedagógico aconteceram as reuniões para os pais e professores, acampamento para ex-alunas e manhã de formação para a JEC.

Foto 9

Inauguração do colégio e 1ª missa na varanda do prédio celebrada por Dom Otávio Aguiar



Fonte: Acervo do Centro Educacional Cristo Redentor

No mês de abril de 63 foi reaberto o curso de formação para as domésticas, que tinha a Irmã Stella como supervisora. Houve, também, um encontro do Bispo com as ex-alunas e a festa das “novas”. No mesmo período teve início um programa radiofônico a cargo da diretoria do Diretório Estudantil, sob a supervisão da Irmã Geórgia. Sobre esse programa não se tem dados minuciosos, mas vale destacar a importância dos meios de comunicação, principalmente do rádio no Brasil, que segundo Azzi (2008, p. 462) teve o primeiro pronunciamento em 1922, com o Presidente Epitácio Pessoa. Desde então, passou a ser utilizado pela rede católica, tendo sua expansão em 1950, e nos anos 60 com o Movimento de Educação de Base (MEB), desenvolvido no Nordeste que foi significativo por evidenciar que as rádios poderiam ser utilizadas nas áreas da educação e da evangelização.

Em setembro, dia 07, as alunas desfilaram e mais uma vez receberam prêmio das autoridades locais; na mesma semana houve um encontro das escolas no pátio interno do colégio. Encerrando o ano houve a grande festa das turmas concluintes, daquela vez com um toque especial, pois se tratava da primeira Turma do Pedagógico.

Em 1964, de 13 a 19 de março, as alunas do Pedagógico participaram do “Curso por um Mundo Melhor”. Em abril, as alunas do 3º ano do Magistério

participaram do Clube de Arte Culinária, enquanto as alunas do 1º e 2º anos do Pedagógico e da 3ª série ginásial frequentaram o Clube de Artes Aplicadas e para a 4ª série do Ginásial iniciou-se o Clube de Corte e Costura. Na época, a Juventude Estudantil Católica (JEC) estava sempre em atividade: realizou encontro em uma fazenda, no dia 06 do mês citado. No dia 12 houve a Festa dos Novos intercolegial que aconteceu no colégio Pio XII; já para o curso primário a Festa dos Novos aconteceu no dia 12, no Cine São Luiz. Durante o mês de agosto de 1964, foi ministrado um curso para a comunidade sobre a nova liturgia da Missa que passou a ser rezada em português, pois antes era rezada em latim (a substituição era decorrente do Concílio Vaticano II). (LIVRO DE TOMBO, 1944, p. 42-43).

A festa junina do ano de 1965 foi realizada no dia 13 do mês. Além de festejar o tradicional São João e intensificar a cultura nordestina, as alunas do curso primário objetivavam angariar fundos para a compra de um toca-discos. No mês de julho as irmãs participaram de um curso de Psicologia da Espiritualidade realizado na Universidade Católica de Pernambuco. (LIVRO DE TOMBO, 1944, p. 45).

A comemoração da festa dos pais (65) teve início com uma Missa; em seguida, foi servido um café. No pátio interno houve uma apresentação das alunas das turmas concluintes para seus pais. Segundo o Livro de tombo (1944,p.46), dando continuidade à programação, à tarde houve sorteio de uma tômbola¹⁸ em benefício do colégio, cuja renda foi de CR\$ 1.800,00 (um mil e oitocentos cruzeiros). No mês de outubro Irmã Lucilia participou da Audição de Piano, executando “Les Myrtes”, como aluna do Conservatório de Música de Alagoas, durante a VI Semana Musical.

A festa de Formatura de 1965 teve um convidado especial para o Curso Pedagógico: o Governador do Estado de São Paulo, Ademar de Barros, que foi representado pelo Dr. Antonio Araújo, secretário da Prefeitura de Maceió. Na ocasião, foram diplomadas 27 alunas. Enquanto a turma do ginásio noturno foi paraninfada pelo Governador Aloísio Alves, do Rio Grande do Norte, que aproveitou a ocasião para fazer uma visita às irmãs potiguares do Cristo Redentor. O retiro

¹⁸ Termo utilizado para designar uma espécie de loteria para fins beneficentes.

anual foi pregado por Padre Arnaldo de Souza, da Arquidiocese de Recife. (LIVRO DE TOMBO, 1944, p. 47).

O ano de 1966 teve início com a festa do jubileu de prata de vida religiosa da Irmã Auxiliadora Nóbrega de Almeida, que contou com a participação de várias irmãs de outras casas. A Missa em ação de graças aconteceu na Matriz de São Cristóvão, concelebrada por Dom Otávio Aguiar e pelo Diácono José Nascimento.

Ainda no mês de janeiro de (66), o Colégio recebeu, em clima de festa, a Madre Fidélis Weninger, Superiora Geral, eleita em julho do ano anterior. Foi recebida por várias autoridades e famílias, na entrada da cidade, formando um cortejo de 18 automóveis até o colégio, onde já estavam as alunas, ex-alunas, pais, alguns padres e Dom Otávio Aguiar. Na ocasião, Dr. José Rebelo (advogado renomado) saudou a Revma. Madre Geral em nome do Município, e sua filha, a professora Amélia Rebelo discursou em nome da Associação das ex-alunas; na ocasião, as alunas homenagearam a Madre, com um *script*. Para encerrar o momento a Banda Marcial, executou alguns dobrados. No dia 14 de fevereiro de 1966, a Irmã Marcela chegou para assumir como Diretora e Superiora, e a Irmã Albertina Azevedo veio transferida, para assumir a Orientação Educacional do colégio. No dia 10 de março foram reiniciadas as atividades da JEC e da Associação das ex-alunas, ficando sob a responsabilidade de Irmã Albertina Azevedo, enquanto a Irmã Marieta Câmara ficou com a coordenação da Escola Noturna. (LIVRO DE TOMBO, 1944, p. 48).

No mês de março de 1966 os jecistas¹⁹ viajaram a Maceió, acompanhados por Irmã Fábria (adjunta técnica). As alunas internas fizeram um *pic nic* na Granja Ana Clara, de propriedade de um “benfeitor do colégio”²⁰. Em comemoração da 1ª Missa no Brasil, foi celebrada, na Igreja Matriz de São Cristóvão, uma Missa em ação de graças, com a participação das alunas do primário que rezaram especialmente pela Igreja no Brasil. No dia 12 de abril de 1966, houve o Dia de Estudos Jecistas com a participação de uma equipe de Maceió. (LIVRO DE TOMBO, 1944, p. 49).

¹⁹ Termo utilizado para designar os jovens que faziam parte da JEC.

²⁰ Pessoa que ajudava o colégio, em geral ajuda financeira.

A posse do Diretório Estudantil do Colégio foi feita, em sessão festiva, no dia 05 de abril de 1966; no mesmo dia aconteceu a posse da primeira diretoria eleita da Associação de Pais e Mestres (APM). A solenidade foi à noite tendo uma programação recreativa apresentada pelas alunas. A JEC teve sua manhã de formação na festa litúrgica da Ascensão do Senhor, no dia 19 do mês acima citado.

No dia 27 de maio o colégio recepcionou a ex-superiora, Madre Auxiliadora, recém-nomeada Provincial do Sul do Brasil, em sua primeira visita ao colégio, acompanhada por Madre Gertrudes Oliveira, superiora Provincial do Sul do Brasil e da ex-superiora provincial, Madre Anunciada Caldas, 2ª Assistente da Província e Superiora do Colégio Nossa Senhora das Vitórias, em Açu (RN). As Madres foram saudadas na entrada da cidade pela banda marcial do Colégio que veio à frente da kombi até a fachada do colégio onde estavam reunidas as irmãs, alunas, representações de ex-alunas e da Associação de Pais e Mestres. Houve discursos e apresentação da Banda Marcial. (LIVRO DE TOMBO, 1944, p. 51).

No mesmo mês a agência local da Wolksvagen entregou ao colégio uma Kombi, modelo *standard*, de cor azul piscina, 0 km, ano 1966, adquirida por subscrição popular como presente da cidade à Madre Auxiliadora Nóbrega, pela passagem dos seus 25 anos de vida religiosa. Foi efetuado o pagamento de CR\$ 3.500.000,00; uma vez que o custo total era de CR\$ 6.300.000,00 o restante seria amortizado pelo colégio. A benção do veículo foi realizada pelo Bispo Diocesano, Dom Otávio Aguiar. (LIVRO DE CRÔNICAS, 1966, p. 2)²¹.

Em junho de 1966 a turma da 4ª série ginásial promoveu o “São João na Roça” que foi realizado no Aero Clube devido ao inverno rigoroso. Segundo o Livro de crônicas (1966,p.2-3), a quadrilha foi bastante animada por causa da participação de rapazes convidados pelas alunas; houve também apresentação de danças do folclore local. A renda da festa foi destinada à turma concluinte para que ela realizasse uma excursão. Na noite de São João as alunas do internato promoveram uma quadrilha e várias danças, não faltaram os fogos, a fogueira e o milho assado. Ainda no mês de junho a JEC do colégio realizou um acampamento na “Granja Ana Clara” nos dias 4,5 e 6 tendo como orientadores a Irmã Superiora, Irmã Fábria

²¹ Em abril de 1966 foi encerrado o 1º livro de Tombo, a partir de maio de 1966, foi utilizado o 2º livro sendo utilizado o termo Livro de Crônicas até os dias atuais.

(Adjunta Técnica) e o Assistente Eclesiástico, Pe. João Lemos. Dando continuidade aos encontros da JEC, em agosto, dia 07, foi realizada uma manhã de formação.

No dia 20 de agosto comemora-se a emancipação política de Palmeira dos Índios; na ocasião, o colégio se fez presente às homenagens à cidade e à despedida do Interventor Federal em Alagoas, General José Batista Tubino, e ao Presidente do Banco Nacional de Habitação Popular, que estava na cidade para a cerimônia de lançamento da pedra fundamental de um conjunto de casas populares no Bairro da Vila Maria. As alunas foram aplaudidas e elogiadas pelas autoridades e demais presentes pela apresentação e disciplina. Em setembro (1966) a banda Marcial do Cristo Redentor contabilizava 26 membros e apresentaram um novo blusão esportivo. (LIVRO DE CRÔNICAS, 1966, p. 3).

Também em setembro, dia 16, data em que se comemora a emancipação do Estado, o colégio se fez presente no desfile realizado na capital alagoana com a participação de 125 alunas. Em outubro foi evidenciada a devoção a Nossa Senhora do Rosário: em atendimento à solicitação do Papa para que o terço fosse rezado, organizaram uma programação que constava da reza diária do terço antes do horário das aulas, pela manhã, e, a tarde; cada turma rezava um mistério e a comunidade religiosa, rezava o terço em comum na oração da tarde. Mais uma vez a JEC esteve presente nas festividades e, desta feita, realizou a Festa do Anjo da Guarda, com uma noite de formação. (LIVRO DE CRÔNICAS, 1966,p. 4).

A festa da criança (1966) do “Jardim da Infância” foi realizada no Parque Infantil do Aero Clube e as crianças do curso primário²² tiveram um dia feriado: por motivo superior, não revelado na documentação consultada, não foi possível a realização da festa costumeira. Em novembro, dia 21, o Pe. Jorge Tobias²³ celebrou uma missa na Igreja de São Cristóvão, em ação de Graças pela turma concluinte do Curso Ginásial; na mesma ocasião, foram entregues os certificados e, em seguida, foi servido um coquetel no colégio para os concluintes, familiares, religiosas e professores. A turma dos Doutores de ABC realizou uma grande festa que teve o Dr. Valdomiro Motta como paraninfo. Para encerrar o ano letivo, aconteceu a tão esperada festa das professorandas que foi realizada no dia 08 de dezembro, com

²² Nomenclatura utilizada para um dos níveis da estrutura de ensino da LDB 4.024/61.

²³ Atualmente bispo emérito da Diocese de Nazaré da Mata (PE).

uma variada programação: pela manhã, houve Missa festiva na Capela do Colégio, em seguida foi servido um café e, para encerrar, o professor Pe. João Lemos falou ao público. A noite aconteceu a sessão solene de entrega de diplomas para 30 professorandas, no auditório da Associação Atlética Banco do Brasil (AABB); foi paraninfo da turma o então prefeito José Duarte Marques (Jota Duarte). (LIVRO DE CRÔNICAS, 1966, p. 5).

No início do ano de 1967, as irmãs mudaram de hábito ²⁴ a partir do dia 02 de fevereiro conforme determinação para todas as casas da Província do Norte. Em março, dia 19, foram iniciadas as atividades da Legião de Maria enquanto a festa dos novos aconteceu na primeira quinzena daquele mês em virtude das aulas de canto orfeônico. No dia 26 de abril, em comemoração à primeira Missa no Brasil, o Curso Primário participou de uma celebração eucarística. (LIVRO DE CRÔNICAS, 1966, p. 6).

Em Novembro de 1968, a Irmã Gilberta Marques chegou ao colégio, e toda a Província se preparou para festejar o primeiro centenário de fundação da Congregação das Filhas do Amor Divino. A programação foi extensa e constou com pregações em torno do tema “Espiritualidade nova da religiosa na Igreja de hoje”... (LIVRO DE CRÔNICAS, 1966, p. 13).

No dia 21 daquele mês, dia do centenário, estiveram presentes Dom Otávio Aguiar e mais sete padres da cidade (não constam os nomes): a pregação do Bispo ressaltou a obra evangelizadora das irmãs, no mundo e, especialmente, em Palmeira dos Índios, através da educação católica desenvolvida no Colégio Cristo Redentor. A solenidade foi bastante concorrida com a presença de muitas religiosas e representação de ex-alunos, Associação de Pais e Mestres, as Irmãs de Santo Antonio – do Colégio Sagrada Família, pertencente à Diocese – o prefeito da cidade José Duarte Marques (Jota Duarte), e outras autoridades e convidados da comunidade. Ainda dentro das comemorações, aconteceu um café de confraternização (no refeitório do colégio), e uma Missa em ação de graças com a participação dos Doutores do ABC e seus familiares, para solenizar o encerramento das atividades do Curso Primário.

²⁴ Hábito se refere às vestes das freiras que, até então, era composto de uma peça única, tipo vestido longo, com pregas e mangas compridas, que foi substituído por saia, blusa e jaqueta.

A emissora local Rádio Educadora Sampaio, o Semanário da cidade, Correio do Sertão e a Gazeta de Alagoas (de Maceió), deram cobertura com publicações e transmissões. Em 1969, o Colégio estava comemorando suas Bodas de Prata. No mesmo ano chegou a nova coordenadora e diretora, Irmã Maria Salésia Fernandes, que foi recebida com muita alegria pela sociedade palmeirense. Como amante da música, no Dia das Mães estreou os Corais do Curso Primário, com duas apresentações: uma no Cine Palácio, e outra no colégio. Durante o ano foram homenageados os enfermeiros (Dia do Enfermeiro) do Hospital Santa Rita, que contou com a presença de Dr. João Neto (Provedor) e Dr. Valdomiro Motta. Aconteceram três festas juninas, no Parque São José, sob a responsabilidade das professorandas, na AABB. (LIVRO DE CRÔNICAS, 1966, p.16).

A cidade de Palmeira dos índios também estava em festa, no dia 20 de agosto comemorou seus 80 anos; mais uma vez o Cristo Redentor estava presente nas festividades, fazendo uma exposição histórico-comemorativa na Rádio Sampaio; na missa em Ação de Graças na Catedral; no desfile com um grupo de alunas vestidas de índios que, em suas evoluções formavam o número oitenta; em um carro alegórico com o Brasão de Armas da cidade, além de na participação do coral nas reuniões do Lions Clube e Rotary. (LIVRO DE CRÔNICAS, 1966, p. 16).

No ano de 1969 a Irmã Tadea Moreira fundou a Escola Noturna Castro Alves, que funcionou gratuitamente com a colaboração das alunas que generosamente atenderam o apelo da Irmã para levarem aos menos favorecidos as luzes do saber.

Ainda naquela década foi construída a quadra de esportes, de tamanho oficial. De acordo com o Livro de crônicas (1966,p.18) a Irmã Marcelina Dantas dinamizou o esporte do colégio: iniciando o voleibol, o futebol de salão e mantendo o handebol, ela conseguiu organizar os primeiros jogos internos de Palmeira dos Índios. Na inauguração da quadra estiveram presentes, além das religiosas, o prefeito José Duarte, técnicos, atletas, alunos. Na mesma década houve a comemoração dos 25 anos do Colégio com uma vasta programação sendo um dos destaques uma peça cômica apresentada por Maria José Marques e Maria Augusta Vieira (ex-alunas).

Foto 10
Equipe de esporte treinada por Imã Marcelina na quadra recém-inaugurada.



Fonte: Acervo do Centro Educacional Cristo Redentor

A escola só feminina estava prestes a desaparecer, após um longo período de obediência à Igreja, que desde 1929 por determinação do Papa Pio XI, em sua encíclica enfatizava a educação, tendo alguns pontos cruciais. Segundo Azzi (2008, p.308) o de condenar o naturalismo pedagógico, a possibilidade da educação sexual e dos colégios mistos ficando a responsabilidade única de educar às escolas católicas. No Cristo Redentor percebe-se uma pequena abertura nesse aspecto, haja vista, era um período em que a Igreja ainda condenava a mulher exibir-se., mesmo no esporte, aconteceram os jogos internos femininos desde 1944, e, após a inauguração da quadra (1969,) aconteceram os primeiros jogos internos mistos. Na mesma ocasião várias escolas católicas femininas não introduziram educação física em sua matriz curricular. As ações da Igreja no Brasil e as incompatibilidades com as necessidades do povo foram discutidas em Medellín e em Puebla, na tentativa de mudar essa situação dentre outras.

3 COLÉGIO CRISTO REDENTOR: PROCESSOS E MUDANÇAS QUE PRECEDERAM A VIRADA DO SÉCULO (1970-1999)

3.1 A DÉCADA DE 1970 E A IMPLANTAÇÃO DA LDB 5692/71.

Os anos 1970, no Brasil, foram marcados por vários acontecimentos de ordem econômica, social, política e educacional. A escola católica continuava com o propósito de sair do marasmo educacional em que estava vivendo o país; para tanto, desde o final da década de 1960, já havia iniciado um processo de renovação nas suas ações pedagógicas, através de cursos e palestras para apresentar novos métodos na tentativa de melhoria da qualidade no ensino e da eficácia na aprendizagem.

Durante o Governo de Emílio Garrastazu Médici, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, sofreu alteração passando para a 5692/71, que revogou 59 artigos da lei anterior. Após dez anos da primeira lei, foi promulgada a segunda LDB, em 11 de agosto de 1971, que fixou as diretrizes e bases para o ensino do I e II Graus, com o objetivo de “proporcionar ao educando a formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades como elemento de autorrealização, qualificação para o trabalho e preparo para o exercício consciente da cidadania” (MOURA, 2000, p. 166-167). Dessa forma, o I Grau destinava-se à sondagem profissional e à iniciação para o trabalho, enquanto o II Grau preparava para o trabalho. A lei não foi tão impactante, pois algumas das suas mudanças estavam sendo reivindicadas, o que não significa ter sido aceita em sua totalidade.

Ainda a respeito das mudanças, registra-se a extinção do exame de admissão, tido como entrave, pois consistia em um teste seletivo aplicado a todos os alunos que tivessem interesse em ingressar no ginásio. Dentro do princípio da relatividade era contraditório, pois, o que para uns era grande gargalo – o ponto nevrálgico da educação – para outros era uma forma de preparar melhor os alunos, uma preocupação das escolas e, principalmente, das famílias de preparar seus

filhos para que alcançassem boas notas. Em entrevista, Lourdes Sá, aluna da primeira turma do colegial e ex-professora de Didática do Magistério, afirma:

Eu não considero o exame de admissão como exclusão. Era uma maneira de chegar ao colégio melhor preparado, e de acordo com a nota entrava para o Ginásio. O número de vagas era reduzido para frequentar o Ginásio, e nem todos podiam pagar o colégio. O exame era difícil e havia receio de alguns alunos se iam passar ou não. Eu achei muito bom ter sido abolido, pois as escolas se preocuparam em preparar melhor os alunos. Ser aluna da 1ª turma de ginásio foi uma maravilha, me senti privilegiada, era tida como uma boa aluna. Ainda hoje, me sinto lisonjeada. O colégio é um pedaço da minha história e da minha vida e tenho muito orgulho. Começamos no prédio onde hoje funciona o Colégio Sagrada Família e terminamos no outro. Tenho uma foto da turma na escadaria inacabada. Quem tinha o Curso Normal, só poderia ensinar até a 4ª série, e com o Pedagógico tinha uma preparação melhor. Três anos depois fiz o vestibular e passei. Só não se prepara bem no Cristo Redentor quem não quiser. Eu fiquei pouco tempo como professora do Pedagógico, mas adorava ensinar. A escola católica Cristo Redentor, significa um baluarte em Palmeira dos Índios, é uma instituição que não veio para aparecer, mas, sim, para ajudar na formação e, com todo o atual modernismo e abertura, ainda está voltada para a formação moral, intelectual e espiritual dos alunos.²⁵

Para os alunos do Cristo Redentor era uma honra ser aprovado do exame de admissão. Mas, com a extinção do exame, a nova lei assumiu o princípio da continuidade e da terminalidade, com o propósito de que cada nível de ensino fosse concluído e tivesse uma preparação para o mercado de trabalho, contando com o apoio e participação das empresas. Na verdade era o que propunha a lei, mas isso não assegurava que o aluno realmente recebesse o que ele necessitava, em termos de conteúdos, para enfrentar o mercado de trabalho. Para tanto, se faz necessário lembrar a discussão constante, na área educacional, acerca de algumas lacunas entre a teoria e a prática.

Quanto aos currículos, havia as disciplinas chamadas obrigatórias, dentre elas Educação Religiosa, não só para as escolas católicas, mas, também, para os estabelecimentos oficiais, embora ela fosse optativa para os alunos.

²⁵ Entrevista com Lourdes Sá, ex-aluna e ex-professora de Didática do Colégio Cristo Redentor, realizada em setembro de 2013.

Foto 11

Alunas da 1ª turma do colegial, na escadaria, acompanhadas por Irmã Geórgia.



Fonte:Acervo do Centro Educacional Cristo Redentor

É obvio que a preocupação não estava apenas em transmitir conteúdos que preparassem o aluno para o mercado de trabalho e para a vida, mas em cumprir o que estava escrito na lei. A ex-aluna da primeira turma do Colegial, Maria Luiza Oliveira comenta:

Naquela época e ainda hoje ser aluna do Cristo Redentor significa ser de certa forma preparada para a vida. A única coisa que hoje vejo como negativa era a obrigatoriedade exagerada em participar das atividades da Igreja, principalmente da missa, pois cada domingo era obrigação de uma turma e, caso faltássemos, éramos suspensas por três dias. Estudar Magistério era um curso para a vida, visto que, oferecia disciplinas que hoje não existem mais, como música, canto orfeônico, economia doméstica, aulas de religião, higiene e as comuns a toda a matriz curricular. A escola oferecia atividades que ocupavam os alunos, como retiros, encontros, reflexão e música, fato que contribuía para menos violência do que os dias atuais. É difícil encontrar algum aluno do CECR que não esteja bem sucedido na vida, ocupando cargos importantes na cidade, no estado e no país. A escola católica foi e continuará sendo uma referência.²⁶

A escola além de ministrar os conteúdos também incluía os alunos nas atividades da Igreja. O que é ressaltado como ponto negativo é a obrigatoriedade e

²⁶ Entrevista com Maria Luiza Oliveira, ex-aluna da primeira turma do Colegial do CECR e ex-funcionária do Colégio Cristo Redentor durante 27 anos, realizada em 05 de outubro de 2013.

as punições desnecessárias. A mesma entrevistada ainda afirma que a educação católica é um grande referencial, pois, apesar das exigências de antes e da liberdade de hoje, os alunos ainda recebem conteúdos nas aulas de Educação Religiosa e o próprio cotidiano difere da escola laica.

3.2 O CONTEXTO VIVIDO PELA ESCOLA CATÓLICA (1968-1990)

Segundo Pe. Laércio Dias Moura (2000, p.156), “o grande destaque com relação à Igreja no Brasil foram os documentos elaborados nas reuniões do episcopado latino americano em Medellín, na Colômbia (1968) e em Puebla, no México, em 1979”. Ele enfatiza que os dois documentos trabalharam pontos comuns, apesar de ter havido um espaço de tempo considerável de um para o outro. Sobre esse assunto cita-se:

A II Conferência do Episcopado Latino Americano em Medellín (1968) foi marco na história da Igreja. [...] No âmbito educacional, a conferência favoreceu a abertura para novas possibilidades, novos valores e nova filosofia de trabalho. A necessidade de um direcionamento aos pobres gerou crises internas e reorganização do projeto educativo, de modo que priorizasse uma educação libertadora (PASSOS; ITABORAHY, 2012, p. 87).

Foi nesse momento, que a Igreja reconheceu que precisava sair do pedestal, para ir à busca das bases. A tônica das discussões naquelas reuniões foi justiça e igualdade para todos. Sobre esse assunto, cita-se Fernando Bastos Ávila apud Moura:

Não é assim no nível de uma estratégia econômica, ou de uma convocação guerrilheira que se situa a linha de ação apontada pela igreja para superar a alternativa capitalista ou marxista. É no nível da formação de um homem novo, que será o verdadeiro agente de uma autêntica mudança social (2000, p. 157).

Nota-se que, naquele momento, estava sendo travada uma luta na busca de uma linha que adotasse o homem novo, e isso significava livre de amarras impostas pelo capitalismo ou pelo socialismo. Talvez a Igreja quisesse buscar sua própria identidade. Nesse contexto, aparece a educação escolar, e a Igreja começa a ter

mais clareza de todos os trâmites vividos por ela, arraigada aos sistemas e regimes incompatíveis com a missão da Igreja de Jesus Cristo. Diante dos fatos, a escola católica teria que ser referência em um processo de mudança, e o ponto de partida, era absorver as decisões legitimadas através dos documentos elaborados em Medellín e Puebla.

A terceira Conferência Geral dos Bispos se manteve na mesma linha da segunda conferência; porém, com um destaque: fazer tudo pelos pobres, junto deles. O Documento de Puebla afirma: “Para a Igreja, educar o homem é parte integrante de sua missão evangelizadora, continuando a missão de Cristo Mestre” (n. 1012). Entende-se, pois, que a meta era tão somente a evangelização e a libertação do homem em uma dimensão global, e não era tarefa fácil deixá-lo pleno, social e espiritualmente.

Para por em prática o que havia sido proposto pela Igreja, a escola católica precisava preparar seus educadores de modo que entendessem esse propósito. Perceber que a questão não estava em apenas ministrar aulas, mas, sim, em preparar não só os jovens, mas a humanidade, através de encontros religiosos, palestras e tudo que contribuísse na preparação do ser humano em seu duplo papel de cristão e cidadão. Com a aplicabilidade das atividades propostas, essas escolas foram adaptando suas ações, proporcionando um trabalho em parceria com a Igreja, pois só assim poderiam conseguir conjugar o binômio fé e vida. A ex-aluna interna Elizabeth Carvalho Nascimento, primeira Desembargadora do Estado de Alagoas, afirma sobre o Colégio:

O Colégio Cristo Redentor foi, literalmente, uma redenção na minha formação intelectual, religiosa e social. No tempo que estudei no Cristo, éramos uma grande família. Os princípios morais ali fortalecidos me fizeram seguir sempre no centro do caminho, sem nunca procurar as margens. Aprendi a voar como os pássaros, em lugar de rastejar como as ratazanas. E foi um tempo feliz! [...] Hoje agradeço sempre ao bondoso Deus, de ter passado por esse Colégio, que me fez crescer como pessoa humana e a profissional que sou.²⁷

²⁷ Entrevista com a Sr^a Elizabeth Carvalho, realizada em setembro de 2013.

Tomando por base o depoimento da entrevistada, percebe-se que a formação religiosa e a filosofia da escola são pontos de referência para o que é chamado de preparação para a vida. Apesar da disciplina rígida, há um saudosismo e reconhecimento do trabalho realizado pelas religiosas. Assim ainda afirma Elizabeth Carvalho, a respeito da escola e da sociedade atual:

O Cristo Redentor é um ponto de referência dentro da sociedade, como exemplo de Instituição de Ensino, formando alunos sem uma educação religiosa rígida, mas eficiente. A sociedade ganha em bons frutos, saídos dessa frondosa árvore de raízes profundas na ética, moral e dignidade.²⁸

O Centro Educacional, foi obrigado adotar uma postura que difere de algumas décadas anteriores em alguns aspectos, principalmente no que diz respeito à disciplina rígida em que professor falava e aluno calava, tudo era aceito e nada era questionado. O que é ressaltado é a ética, moral e dignidade segundo a entrevistada.

3.3 A EDUCAÇÃO CATÓLICA ELITIZADA E A OPÇÃO PELOS POBRES.

A situação era um tanto paradoxal: como escola católica, privada e elitizada, poderia ter preferência pelos pobres? Como isso seria possível? Nesse contexto se faz necessário um breve comentário acerca do sistema econômico socialista, de inspiração marxista, que mostrava que a massa tinha força e podia ir de encontro à elite, e esse era um grande problema para a escola católica saber driblar tal situação, pois se não era adepta do socialismo nem do capitalismo, que linha deveria seguir? Na verdade, era a opção pelos pobres através da formação do jovem que fosse seu aluno, oportunizando-lhe a condição de conhecer, analisar e até realizar ações com classe sociais diferentes da sua.

Há alguns registros que explicitam o descontentamento de famílias que tinham seus filhos nas escolas católicas e eles haviam visitado bairros pobres com seus professores e religiosas, com o propósito de conhecer uma nova realidade de vida. Alguns pais preferiram retirar seus filhos da escola a aceitar essa situação; parecia que não havia perdão para o fato de um aluno de escola católica privada

²⁸ Idem.

poder perceber o que acontecia nas favelas ou bairros periféricos de sua cidade. A intenção não foi entendida em sua totalidade. Estava evidente, diante da ação dos pais, que a maioria daqueles alunos não precisava conhecer a miséria e a pobreza.

As Filhas do Amor Divino atuantes no Cristo Redentor não passaram por essas situações tão constrangedoras. Acredita-se que, o fato de sempre terem recebido alunos de todas as classes sociais, bem como terem ajudado aos pobres, inclusive como parte do seguimento da missão de Madre Francisca, pode ter contribuído para que não enfrentassem grandes problemas a esse respeito. O colégio adotou uma forma de trabalho que, de certa forma, contribuía para a aceitação e/ou tolerância das mais variadas classes sociais. Isso pode ser também atribuído à existência de duas escolas destinadas aos pobres funcionando no mesmo espaço físico. Pode-se citar outra ação, que é a doação de alimentos para mendigos e andarilhos que chegam à porta de suas escolas, desde o tempo de Madre Francisca. Todos os dias o colégio ainda recebe essa clientela para o café da manhã e almoço. Além disso, nas celebrações de Páscoa, Semana da Criança e Natal geralmente o ofertório é com donativos para quem deles necessita, donativos que são, logo depois, distribuídos pelas freiras, professores e alunos nas periferias.

A ex-aluna Rita de Cássia Barros Barbosa ex-professora de História e ex-Coordenadora Pedagógica, em entrevista enfatizou o trabalho das irmãs nas áreas periféricas:

As irmãs convidavam as alunas para serem catequistas, e eu sempre queria estar presente. Saíamos numa kombi para as “Beatas” no bairro São Francisco, para o hangar que hoje é a COHAB e para Ilha das Cobras onde é a Casa de Show Aquário. Ficávamos numa casa, rezávamos, cantávamos e depois tinha o momento de lazer. Fui legionária e frequentava as reuniões na Igreja do Rosário, tínhamos tarefa na periferia, e uma vez minha colega e eu recebemos a incumbência de pintar uma sala da cadeia, atualmente a Delegacia Regional. Cheguei em casa toda suja de tinta, mas pintei a sala de azul claro. Algumas pessoas criticavam, mas outras apoiavam e nós gostávamos do que estávamos fazendo. Como Missionária, sempre pedi a Deus o dom da palavra, mas achava que a minha pregação era fraca, mesmo assim me esforçava e certo dia disse em uma turma: sem Deus, tudo na vida é vazio e desesperador, e muito tempo depois uma aluna ainda estava lembrada e disse que aquelas palavras foram importantes para ela. E isso é gratificante.²⁹

²⁹ Entrevista realizada com a Sr^a Rita de Cássia Barros Barbosa, em outubro de 2013.

Diante do depoimento da ex-professora, observa-se que, de certa forma, alguns pais e parcelas da sociedade apoiavam o trabalho que era realizado, porém o maior apoio vinha das próprias alunas. Apesar de receberem algumas críticas, percebe-se que elas não surtiam muito efeito. Atualmente ainda é realizado esse tipo de trabalho para levar donativos, nas festas das crianças, das mães e por ocasião do Natal, principalmente no lixão e na vila do idoso.

Especificamente no lixão, algumas professoras, pais e religiosas dedicavam algumas horas de trabalho toda semana, para trabalhar a importância do cooperativismo, noções básicas sobre higiene, iniciação à alfabetização e trabalho com material encontrado naquela área. Havia, também, momento para orações, atividades recreativas e confraternização.

Algumas dessas atividades fazem parte do cotidiano do Centro Educacional Cristo Redentor, e são sempre regadas por muita oração, conselhos e disciplina. As famílias e as alunas que desfrutaram dessa educação reconhecem que, apesar de não ser um trabalho no qual se estava aprendendo conteúdos curriculares acadêmicos, as atividades com os mais pobres fortalecia o lado humano, uma vez que era embasado nos ensinamentos de Jesus Cristo. Acredita-se, pois, que era um elemento que marcava diferenças entre o Cristo Redentor e outras escolas.

O que mudou ao longo dos anos foi a forma como realizam os trabalhos sociais, é inadmissível a obrigatoriedade e conseqüentemente as sanções pelo não cumprimento das tarefas propostas pela escola. Os alunos e professores realizam os trabalhos de forma voluntária no horário contra turno às aulas, para não interferir nas atividades letivas. Mas é uma ação constante para crianças, idosos e jovens.

Ainda a esse respeito enfatiza-se a presença de jovens de classe média baixa como alunas do Cristo Redentor. Na verdade, elas faziam parte do plano do governo pois, segundo Germano (2000, p. 196), foi a partir do golpe de 1964 que as empresas educacionais alcançaram notável expansão. Isso ocorreu na medida em que o Estado criou mecanismos, de ordem legal. Legitimando essa situação, a ex-aluna Lourdes Sá citou:

Eu mesma fui falar com o prefeito Juca Sampaio, para solicitar uma bolsa de estudos. Ele ficou surpreso, pois achava que meu pai era um homem de posse, mas disse que ia tentar e se a Câmara de Vereadores aceitasse eu receberia a bolsa. Após 15 dias recebi a referida bolsa. Havia uma espécie de convênio com a escola privada e a Prefeitura, quando o aluno era carente a Câmara de Vereadores aprovava a bolsa de estudo. No meu caso, talvez tenha sido mais rápido devido a amizade do prefeito com o meu pai. Fiquei muito feliz, pois as irmãs e o colégio são maravilhosos, com professores preparados e exigentes a exemplo das irmãs Geórgia e Estella.³⁰

Nota-se que havia certo interesse por parte do poder público, desde a LDB de 1961, em financiar bolsas de estudos para alunos carentes. Nesse contexto, os professores da rede pública eram cedidos à rede privada em troca de um número de alunos bolsistas, não necessitando o aluno restituir valores ao governo. As professoras gostavam dessa situação em virtude de poderem ensinar em uma escola de qualidade, que dava todas as condições para que elas desenvolvessem seus trabalhos. E ainda existiam as bolsas federais para alunos órfãos e/ou situações que merecessem uma atenção especial. Sobre esse assunto, ressalta-se:

O estímulo à privatização é visível, pois, apesar de reconhecer que a “educação (...) é direito de todos e dever do Estado...” (Art. 176), assegura logo a seguir que “o ensino é livre à iniciativa popular a qual merecerá o amparo técnico e financeiro dos Poderes Públicos, inclusive mediante bolsas de estudo” (parágrafo 2º) (GERMANO, 2000, p. 198).

Atualmente, o colégio ainda mantém alunos filhos de pais de baixa renda, com gratuidade nos estudos, em virtude de ter sido oficializado como filantrópico. A situação desses alunos é analisada por uma assistente social do colégio, que faz um acompanhamento do rendimento escolar junto à coordenação, como também da frequência, ficando a permanência deles, no colégio, com gratuidade, atrelada à aprovação para a série seguinte. O que mudou após a filantropia é que não há professores da rede pública ensinando pelo sistema de bolsas. Há uma cobrança mais acentuada no rendimento escolar colocando a família como corresponsável. Na verdade, tudo isso desobriga o governo de melhorar a escola pública.

³⁰ Entrevista com Lourdes Sá, realizada em outubro de 2013.

3.4 A MISSÃO DAS FILHAS DO AMOR DIVINO NA ESCOLA CATÓLICA SEGUNDO DOCUMENTO EPISCOPAL E O CONCÍLIO VATICANO II

As Filhas do Amor Divino participaram do Encontro da Diocese para religiosas, sob a responsabilidade de Dom Epaminondas José de Araújo que expôs a temática da missão da religiosa segundo o Concílio Vaticano II. O objetivo era, além de aprofundar as palavras de Paulo VI, sobre a união com o “Senhor,” também refletir sobre o trabalho realizado pelas religiosas, pois elas estavam diretamente ligadas à ação educativa escolar e à evangelização. Para tanto, era missão da Igreja, a oração, a caridade e a estreita relação com Cristo: base para assegurar o cumprimento das metas.

Em 1979, houve um encontro das religiosas com o tema “Catequese e Educação no Documento de Puebla”. No mês de junho aconteceu a maratona catequética e cultural, promovida pela Província do Norte das Filhas do Amor Divino, cujo objetivo foi divulgar a devoção à Virgem Aparecida, em comemoração ao aniversário da Padroeira do Brasil. Na maratona cultural, a aluna Airles Duarte da Costa obteve o primeiro lugar. Também foram classificados os alunos Hermes Balbino e Luiz Tenório, ambos do científico, e Antonio Luiz Gonzaga, da 8ª série ginásial, todos do CECR. Esses acontecimentos estavam embasados no Concílio Vaticano II, visto que era a presença da Igreja na escola. Sobre essa temática se cita:

A presença da Igreja no setor escolar manifesta-se com especial evidência através da escola católica. Não menos que as demais escolas, visa ela os fins culturais e a formação humana dos jovens. É, porém, característica criar uma atmosfera de comunidade escolar animada pelo espírito evangélico da liberdade e da caridade, auxiliar os adolescentes a que no desdobramento da personalidade também cresçam segundo a nova criatura que se tornaram pelo batismo (VIER (Coord.), 1969, p. 590).

A tarefa proposta à escola não era fácil, porém, tudo deveria fazer parte da vida cotidiana de cada uma religiosa, principalmente acerca da educação, que deve ser entendida, segundo o Concílio, como uma responsabilidade não só dos pais, da família, da escola, mas também da igreja. Em março de 1980, as irmãs participaram de outro encontro baseado no Documento de Puebla na Conferência Geral do

episcopado latino-americano (*apud* MOURA, 2000, p.158) que afirma: “Para a Igreja, educar o homem é parte integrante de sua missão evangelizadora, continuando assim a missão de Cristo Mestre”. Evidencia a importância do homem, colocando-o como ponto referencial na tarefa de evangelizar. Aquele seria de certa forma, o fio condutor dos ensinamentos do Cristo Redentor aos jovens e às famílias.

3.5 COLÉGIO CRISTO REDENTOR

Em 1970, a comunidade religiosa contava com 25 freiras, cada uma delas com uma atividade específica, tendo destaque o trabalho da Irmã Salésia, como professora de música e de algumas classes dos cursos Ginásial e Pedagógico. O trabalho desenvolvido pela Irmã Sofia atendia ao que a Igreja havia solicitado mais recentemente: trabalhava com as comunidades de base ensinando o catecismo nos bairros pobres e fazia aconselhamento para que aquela clientela estudasse e trabalhasse honestamente, principalmente no Bairro São Francisco, na comunidade “Beatas³¹”, hoje popularmente conhecida como Baixada Fluminense³². Na época, 11 irmãs ministravam aulas, atividade que intensificava o projeto da Igreja em parceria com a escola.

Ainda estava em curso o trabalho realizado para e com os pobres na área da educação com cursos de alfabetização, corte e costura para jovens e empregadas domésticas, então coordenados pela Irmã Marieta. Nas entrelinhas era a preparação para o trabalho, a inclusão na escola através da alfabetização e a evangelização.

O Colégio Cristo Redentor continuava sua missão: educação, formação religiosa, humana e social. De acordo com o 2º livro de atas, o número de alunos matriculados foi de 282 do Jardim de Infância ao 4º ano primário, da 1ª a 4ª série Ginásial, 183, e, no curso Pedagógico, 67. Na mesma época, Irmã Mercês de Andrade, professora de Didática do Curso Magistério, fundou uma escola para crianças, dos 7 aos 14 anos, distribuídas em classes do pré-escolar ao 3º ano primário. As professoras, além das aulas das matérias propostas, ministravam aulas de religião, educação física e recreação. Na hora do intervalo era distribuída a

³¹ Termo atribuído em virtude de várias moradoras serem assíduas às atividades da Igreja.

³² Termo utilizado em virtude do alto grau de violência naquela localidade.

merenda, fornecida por um Departamento do MEC. A escola se esforçava para intensificar suas ações em consonância com a Igreja. A elite e a classe pobre, estavam ocupando o mesmo espaço físico do Cristo Redentor, em situações diferentes no que se refere ao fardamento, às salas de aula, gratuidade da merenda e da mensalidade. Sobre essa situação a AEC se pronuncia:

Nesse período a Igreja relegada pelo regime militar que ousa criticar, cresce em sua aproximação com as classes populares, partindo para um compromisso efetivo com elas. Há um descrédito do desenvolvimento e crescimento que se faz favorecendo pequenos grupos de elite e com a exclusão das grandes massas. Isto favorece a passagem do “momento sujeito” para o “momento social” (LIMA (Coord.), 1995, p. 55).

O trabalho da Igreja estava em consonância com o da escola, pois essa tarefa de preparar o “sujeito” não era atividade apenas da Igreja, mas também, da escola. Assim, em Batalha - AL, as Irmãs Leonarda dos Santos e Nilda Barros iniciaram um trabalho de catequese na Residência João XXIII, com o Vigário Jorge Tobias de Freitas, com círculos bíblicos, formação de professoras para o ensino religioso e liturgia, sendo extensivo em outras capelas da paróquia da cidade. Para ajudar nas despesas, o vigário equipou uma sala para que funcionasse o Jardim de Infância, com mensalidade, no horário vespertino, sob os cuidados de Irmã Nilda, ajudada por uma moça pobre que se dedicou às atividades definidas pela referida irmã, que constavam de aulas de bons hábitos, recreação e aprendizagem escolar.

Em 1971, o Colégio mais uma vez registrou o aumento de alunos matriculados, desta feita, do Jardim da Infância ao 4º ano primário, 297 alunos, da 1ª à 4ª série Ginasial, 173, e 71 alunos no Curso Pedagógico, o que, internamente, legitimava a ascensão da escola católica. Segundo o Livro de crônicas (nº 2, p. 21). Naquele ano as aulas foram iniciadas no dia 05 de março, momento em que alunos e professores participaram da Missa na qual, estavam “invocando as luzes do Espírito Santo, um trabalho eficiente e concreto, dentro do plano missionário da Igreja”, fato comum em todos os trabalhos realizados pelas irmãs. Durante o ano foram realizadas melhorias na estrutura física do colégio, podendo ser citadas a construção da cantina (no espaço entre o muro da quadra e as salas do térreo) e a Irmã Tadéa concluiu a construção da sala de Ciências, equipando-a com mesas e

cadeiras de fórmica que estão em uso até os dias atuais. Foi uma importante aquisição: na verdade tratava-se de um pequeno laboratório, haja vista ser a paixão da referida religiosa que era professora de Ciências Físicas e Biológicas. Durante muito tempo as pessoas esqueciam que aquele espaço era destinado às ciências e o chamavam “sala de Irmã Tadéa Moreira”. Ao longo do tempo, o laboratório foi recebendo investimentos para adequá-lo às necessidades atuais.

Em 1972, Irmã Leonarda dos Santos chegou de Batalha e ficou responsável pela catequese da Paróquia de São Cristóvão e pelas aulas de religião nas turmas do Ginásio e do Pedagógico. As matrículas do Jardim ao 4º ano primário contaram com 308 alunos, de 5ª a 8ª série, 232, e o Curso Pedagógico com 70 alunos. As duas escolas, a noturna Castro Alves e a Dom Bosco (diurna), estavam funcionando normalmente sob a responsabilidade das irmãs Tadéa Moreira e Mercês Andrade, respectivamente. Também, foi providenciada uma sala para as Ciências Religiosas, com o objetivo de oferecer melhores condições de trabalho para quem dela necessitasse. A esse fato chama a atenção a nomenclatura adotada – Ciências Religiosas, fato não comum nas escolas, pois normalmente usava-se, até aquela década, a expressão “sala de catequese”. (LIVRO DE CRÔNICAS, 1966, p. 21).

Para encerrar o ano de 1972 registra-se algumas mudanças no funcionamento do colégio: uma delas foi o fechamento do internato, pois já não era prioridade para as famílias que suas filhas morassem no colégio. Ficaram apenas as meninas pobres que não tinham condições de estudar morando em outras localidades e pagar deslocamentos da zona rural ou de outra cidade para Palmeira dos Índios. A sala onde eram alojadas as internas passou a ser uma sala de aula, as internas que ainda ficaram, devido à situação financeira foram transferidas para o subsolo do colégio, onde funcionava a sala de artes de Irmã Benilde Cassiano Cândido. A quadra de esportes foi utilizada também para a realização de eventos artístico-culturais, como pastoril e festa junina, entre outras promoções, sempre com a contribuição de Irmã Marcelina Dantas.

3.6 CENTRO EDUCACIONAL CRISTO REDENTOR

A partir de 1973, o colégio foi oficializado como Centro Educacional Cristo Redentor, ficando a Direção e a comunidade religiosa sob a responsabilidade de Irmã Maria Salésia Fernandes. Naquele ano, a matrícula obteve 106 alunos do Jardim ao pré-escolar, 153 alunos da 1ª a 4ª série, 236 de 5ª a 8ª série e, no Pedagógico 83 alunas. Na área pedagógica, houve a substituição de Irmã Márcia Monteiro por sua irmã, também religiosa, Arcângela Monteiro, para coordenar o Jardim de Infância. Irmã Gilberta Marques deixou de ministrar aulas no primário para ser bibliotecária, após ter participado de um curso acerca da nova atividade. As escolas que funcionam no prédio do Cristo Redentor, destinadas a crianças pobres (Escolinha Dom Bosco) e a noturna Escola Castro Alves, destinada especialmente para domésticas, continuaram suas atividades havendo uma pequena mudança nessa última, pois, a partir daquele ano, os alunos passaram a contribuir financeiramente com uma quantia ínfima de acordo com as possibilidades econômicas de cada um. Em entrevista realizada com a Srª Maria das Graças Vieira, ex-aluna, professora e coordenadora, durante 11 anos, dessa escola, ela afirma:

A Escola Castro Alves foi um grande benefício para muitos que aqui passaram, pois apesar de não ter condições econômicas satisfatórias, recebiam uma boa educação do 1º ao 4º ano primário, e em sua grande maioria ingressavam no mercado de trabalho, visto que, naquela época as exigências eram mínimas. Lembro-me de que, a pedido do então Provedor do Hospital Regional Santa Rita, o Dr. Valdomiro da Mota, ministramos aula para vários técnicos em enfermagem que sabiam ler e escrever, mas não haviam concluído o primário. Outros que eu encontro na rua, são motoristas, cabeleireiros, policiais etc. Quanto a mensalidade, não era fixa, eles pagavam o que podiam e se quisessem. Às vezes, o valor arrecadado era apenas repassado para o professor, pois a escola não tinha fins lucrativos e os professores em sua maioria eram alunas do pedagógico ou professoras que prestavam esse serviço.³³

Como foi relatado pela Srª Graça Vieira as atividades realizadas na escola noturna davam bons resultados. Então, fica a interrogação: se os alunos aprendiam e os professores realizavam suas atividades sem fins lucrativos ou trabalhistas, será

³³ Entrevista com a Srª Maria das Graças Vieira, ex-aluna, ex-professora e ex-coordenadora da Escola Noturna Castro Alves, realizada em setembro de 2013.

que isso fazia a diferença para alunos e professores? Talvez não fosse tema de discussão naquele momento, pois o que estava em pauta era oferecer educação àqueles que necessitavam para, assim, por em prática a missão da Congregação e as recomendações da Igreja. O que se tem certeza é que enquanto o Governo não lançou políticas públicas para atender a Escola de Jovens e Adultos (EJA), o colégio cumpriu com esse compromisso. Nas questões legais a secretaria do Cristo Redentor expedia os documentos necessários. A média e o sistema de avaliação eram unificados.

Quanto aos trabalhos de catequese realizados pelas irmãs registra-se o da Residência João XXIII, localizada na cidade de Batalha, que continuava com autonomia financeira, não necessitando da ajuda do Cristo Redentor. A Irmã Tarcísia Rodrigues, que desde a fundação do Seminário Menor, em Palmeira dos Índios, assumira a coordenação da copa e cozinha daquela instituição, após o fechamento do mesmo fez a opção de realizar atividades em comunidades carentes, escolhendo a Serra da Mandioca, onde coordenou uma equipe de voluntários que se deslocava até lá, uma vez por semana, com o objetivo de ensinar bordado, tricô, crochê, arte culinária, pintura em tecido, corte e costura. Sobre essa comunidade, há registros de que ainda continua muito católica. As religiosas estavam realizando trabalho de base, e a Irmã Marieta Câmara, atendendo a uma solicitação do Bispo, estava desenvolvendo atividades no Centro de Comunidade do Povoado Santo Antonio (Gavião). Uma vez por semana supervisionava o trabalho da equipe de voluntárias.

Na preparação espiritual dos jovens das turmas da 4ª série Ginásial e Pedagógico houve um dia de reflexão no Seminário Diocesano. Os encontros geralmente trabalhavam a formação moral e espiritual através de palestras, círculos de estudo, intercomunicação pessoal e oração, coordenados pelas irmãs Marcelina, e Mercês de Andrade, com a colaboração de um sacerdote. Um fato que aconteceu sem muitas explicações foi a saída das irmãs da Casa de Batalha, comunicada por Irmã Benigna Costa (Superiora Provincial), por telefone, causando um grande impacto. Sobre esse assunto não há registros.

Quanto à política nacional, em 1974, o Brasil tinha o General Ernesto Geisel na Presidência da República, e o que estava em pauta era a violência brutal, a força do poder através da violação aos direitos humanos. Na verdade era a continuidade da ditadura militar que, ao longo dos anos, deixou cicatrizes irreversíveis de ordem moral, sentimental e social. A igreja estava atenta e lançava dados estatísticos sobre a situação vigente.

A estatística do Regime Militar de 1964 registrava aproximadamente 10 mil exilados políticos, 4.682 cassados, milhares de cidadãos que passam pelos cárceres políticos, 245 estudantes expulsos das universidades por força do Decreto 477, e uma lista de mortos e desaparecidos tocando a casa das três centenas (*apud* GERMANO, 2000, p. 70).

Era um momento de muita turbulência e, de certa forma, a Igreja católica juntamente com outras entidades, foi para o embate contra a ditadura, pois a crise a cada dia piorava, a busca pelo poder era inevitável, a situação econômica contribuía para o acréscimo da dívida externa brasileira. Isso acarretava menos investimentos do governo em educação pública. Naquele período a comunidade religiosa contava com 24 irmãs. No mesmo ano, a Irmã Teonas Bezerra assumiu a direção do Centro Educacional Cristo Redentor. O período de matrículas foi proveitoso, contabilizando-se do Jardim da Infância ao pré-escolar, 121 alunos, da 1ª à 4ª série do 1º Grau, 162, 227 alunos da 5ª à 8ª série, e 71 no Pedagógico. Por determinação da diretora citada, foi fechada a Escolhinha Dom Bosco, enquanto a Escola Noturna (Castro Alves) continuou com suas atividades normais sob a responsabilidade da Irmã Tadéa Moreira. Foi feito um convênio com LBA, para ofertar cursos de datilografia, flores, corte e costura, e trabalhos em feltro, ministrados pelas irmãs Angélica Vieira Costa, Benilde Cassiano Cândido, Regina de Araújo e por D. Ilza Panta.

Percebe-se que, além das atividades pedagógicas, havia uma grande preocupação para intensificar os trabalhos manuais (artes) na escola, mas a novidade foi o curso de datilografia, um pré-requisito importante tanto para o comércio quanto para a indústria daquela época. Também foi ofertado, nas dependências do Centro Educacional, um curso de Saúde Mental, sob a coordenação do Psiquiatra George Sanguinete, juntamente com uma equipe de médicos de Maceió. O objetivo da realização do curso foi adquirir fundos para

equipar a biblioteca e, na ocasião, algumas pessoas também fizeram doações, destacando-se as dos usineiros e de empresários locais, como os senhores Brivaldo Medeiros, Aeraldo A. Carvalho e Dr. José Mauro.

Os trabalhos continuaram, sempre com o intuito de melhorar as instalações da escola. Irmã Arcângela Monteiro, que estava substituindo Irmã Márcia Monteiro no Jardim de Infância, passou a lecionar no pré-escolar e a Irmã Rosália Régis de Oliveira trabalhava com o Jardim, sendo necessária a organização de uma turma de maternal ficando esta, sob os cuidados de Irmã Nilda Barros e a orientação de Irmã Rosália Regis de Oliveira. Fazia parte das atividades do CECR, se fazer presente em comemorações cívicas e ou atender a convites de eventos do município, levando a banda marcial, bem como participando na Rádio Educadora Sampaio, fazendo breves palestras sobre eventos cívicos. A esse respeito dava-se ênfase ao respeito à Pátria. O Hino Nacional era cantado corretamente, ensaiado em sala de aula e estudado nas aulas de Moral e Cívica e Português. Geralmente havia um dia da semana para hastear a bandeira sendo professores e o Centro Cívico os responsáveis pelo momento.

Em 1975, Irmã Erotides assumiu o esporte do colégio, substituindo Irmã Marcelina. Nas matriculas pode ser destacado a mudança que a Lei 5692/71 estabelecia acerca da unificação do Segundo Grau, segundo o livro de ata nº 02 essa mudança foi acatada de forma positiva. (LIVRO DE CRÔNICAS, 1966, p. 25).

Dentro da Reforma de Ensino o 2º grau passou a ser unificado, dando oportunidade aos nossos alunos optarem por pedagógico ou científico a partir do 2º ano, quando as matérias diferem de acordo com o programa de cada curso (LIVRO DE CRÔNICAS do CECR, 2º volume - 1966 a1986, p. 25).

Como foi comentada, a mudança foi recebida como positiva, pois ela era uma forma de dar continuidade no, II Grau, aos conteúdos estudados no Ginásio, e ainda destaca-se o fato de, daquela forma, ser dado um espaço de tempo maior para o aluno optar pelo curso que queria estudar. A biblioteca adquiriu registro e os professores começaram a dar continuidade aos estudos buscando aperfeiçoamento. Em outubro daquele ano, a Banda Marcial foi a Caicó, no RN, a convite de Irmã

Josefa Ferro, onde participou da comemoração dos 50 anos do Colégio Santa Terezinha, além da banda, houve apresentações de um jogral e de canto.

No início do ano de 1976, aconteceram as transferências de religiosas, bem como algumas reuniões pedagógicas e as matrículas. Foi iniciada a Campanha da Fraternidade através de palestras, orações e doações dos alunos para os pobres. Quanto à música, continuava no auge, principalmente pelo incentivo dado pelas religiosas, destacando-se, na questão, a Irmã Maria Salésia Fernandes, que fundou o Teatro Cristo Redentor (TECRE) com finalidade educativa. Foram ensaiadas três peças: “A abelhinha sonhadora”, de Nati Cortez, “O consertador de brinquedos”, de Stella Leonardos, e “A revolta dos brinquedos”, de Maria Clara Machado. Para a montagem do palco houve a orientação de Irmã Agostinha que estava passando alguns dias no colégio. Foi um grande passo, no mundo das artes, a organização de um grupo de teatro. Os alunos tinham oportunidade de sair do mundo livresco e entrar na magia das artes cênicas, que desenvolve várias habilidades em quem dela faz parte.

Em 1977 havia 20 irmãs na comunidade religiosa e as matrículas tiveram início no dia 1º de março, concluindo com 175 alunos do Jardim ao pré-escolar, 178 da 1ª à 4ª série, 188 da 5ª à 8ª série, 102 do 1º ao 3º Científico e 29 no Pedagógico. Percebe-se que o curso Pedagógico estava com um número de alunas bastante reduzindo. Esse fato podia ser atribuído a LDB/71, que dava oportunidade aos alunos cursarem o 1º ano unificado e optarem, a partir do segundo, pelo Magistério ou Científico. O ensino da música continuava sendo uma das prioridades; para incrementá-lo, e atendendo um pedido da Srª Odete Torres, mulher conceituada na cidade, mãe de alunos, foi contratada a sua filha Odete Maria, exímia na música. Como eram muitos os alunos, a ex-aluna e atualmente funcionária Cícera Germana, também foi convidada para fazer parte da equipe das irmãs Salésia Fernandes e Marieta Câmara, para ministrar aulas aos 40 alunos de piano com iniciação musical, teoria e solfejo. (LIVRO DE CRÔNICAS, 1966, p. 27-28).

Na área de Educação Artística foi organizado o “Conjunto Christus”, com guitarras e bateria; entre os guitarristas figuravam Marcos Alcântara Brandão, Antonio Veras, Charles Veras e, na bateria, Orlando de Souza Lima. Havia também

um coral com as alunas de piano, tendo Eunície Canuto de Lima, como voz principal; enquanto isso, o TECRE continuava suas apresentações, sempre coordenadas por sua idealizadora. Naquele ano, a festa das mães foi bastante movimentada, com o grupo musical Christus, o TECRE e uma audição das alunas de piano.

Em junho de 1977, o colégio recebeu a visita do Secretário de Educação do Estado de Alagoas, Murilo Mendes, que ficou admirado com as instalações do prédio. Durante o ano, aconteceram as festas comemorativas ao dia das mães e dos pais com apresentações de música e dramatizações. A festa junina foi realizada na AABB e teve a participação dos alunos, com bilheteria, e a escola noturna optou pelo Parque São José com o propósito de angariar fundos, em benefício da construção da casa das irmãs.

Encerrando o ano letivo de 1977, além das festividades de conclusão de turma, festa dos Doutores do ABC, era tradicional a exposição dos trabalhos de artes que os alunos faziam durante o ano, como crochê, flores e tapeçaria, entre outros. No salão, houve apresentações artísticas em que as crianças explicitaram seus talentos, com os números de coco de roda, reisado, baianas e cirandas. Irmã Albertina F. de Azevedo, como mestra de turma da 8ª série, preparou uma solenidade de conclusão, e Irmã Mercês de Andrade proferiu algumas palavras sobre a missão do educador cristão e da grandeza do ministério escolar, na aula da saudade das professorandas. Na ocasião, a aluna Edna Siqueira proferiu o discurso de agradecimento. As aptidões dos alunos eram trabalhadas na tentativa de a educação não ser apenas livresca ou conteudista, pois se apresentava diversificada, dando oportunidade a eles desenvolverem as artes e a cultura atreladas à formação pessoal, espiritual e profissional. (LIVRO DE CRÔNICAS, 1966, p. 31).

O Centro Cívico (1977) e o conjunto Christus realizaram tardes recreativas e dançantes para os alunos, com entradas pagas em benefício da construção da residência das irmãs. No parque São José, durante a Vaquejada – festa tradicional na cidade – Irmã Tadea Moreira, professores e alunos da escola noturna ficaram com uma barraca de lanches e bebidas, com renda em benefício do colégio. Irmã Salésia, com o TECRE, apresentou uma peça infanto-juvenil: “A casa dos pirilampus”, de Stella Leonardos. As religiosas promoveram cursos de enfermagem,

datilografia e corte e costura para a comunidade e também para pequenos grupos de alunos do CECR, em convênio com a Secretaria do Estado, em benefício da biblioteca. Durante o ano pode ser constatado que tanto as religiosas, quanto a sociedade prestaram ajuda financeira, de diversas maneiras, em benefício do colégio, fato que pode ser visto como uma forma de ajudar o trabalho educativo que as irmãs estavam executando. (LIVRO DE CRÔNICAS, 1966, p. 29).

Ainda em 1977 foi colocada a pedra fundamental do pedestal onde depois foi posta a estátua do Cristo Redentor, no pátio do colégio. O evento contou com a presença das religiosas e de algumas pessoas da sociedade, entre elas o Sr. Geraldo Ribeiro, ex-vereador. Em 1978, Irmã Josefa Ferro chegou transferida para o CECR e, no mesmo ano, foi colocada a referida estátua no centro do pátio do colégio, um presente do Sr. João Lisboa, escultor residente na cidade de Pão de Açúcar - AL. (LIVRO DE CRÔNICAS, 1966, p. 33).

Na década de 1970 algumas modalidades esportivas estavam se destacando, entre elas o handebol masculino e feminino. Nesse mesmo espaço de tempo o colégio já havia contratado o Sr. Cícero Nemésio Bertoldo (Cassaco) em 1969; logo após a chegada da Irmã Marcelina. Aliás, ele foi o primeiro professor leigo do sexo masculino, para a área de esporte após a escola ter sido considerada mista. Em entrevista concedida discorreu sobre sua contratação, atuação e aceitação como professor:

Eu era professor do Colégio Estadual Humberto Mendes e fui apresentado por Ana Clara, que era professora de dança, balé e folclore do Cristo Redentor. As irmãs me deram autorização para implantar short abaixo do joelho com elástico na perna. Era uma necessidade os jogos internos. Os pais tinham confiança e, assim, fui professor polivalente, era de Educação Física, Ginástica de Solo, Natação e outras modalidades. Ser professor do Cristo Redentor para mim foi uma honra, tive o prazer de fazer parte da vida de muitos. Graças a Deus sinto-me realizado quando ao chegar ao Hospital Santa Rita sou recebido por vários médicos ex-alunos... Você, Cristina, também foi minha aluna e, por tudo isso, fico emocionado, me faltam palavras para expressar a dimensão da emoção e da minha alegria.³⁴

É interessante todo esse relato, pelo fato de que ele evoca um período de inovação que envolvia as concepções de moral e respeito que estavam em pauta.

³⁴ Entrevista com Cícero Nemésio Bertoldo, realizada em outubro de 2013.

As irmãs sempre colocaram o esporte como uma prioridade; a princípio, a Irmã Marcelina era a professora, mas, devido ao seu afastamento, foi necessária a contratação de Cícero Bertoldo, que chegou com a incumbência de quebrar barreiras. Na quadra de cimento idealizada e inaugurada, em 1969, por Irmã Marcelina, o referido professor deu continuidade ao projeto. O colégio inovou com balé, danças folclóricas, ginásticas - rítmica e de solo, além do handebol, futebol e voleibol.

As seleções do colégio jogaram com a equipe de Santana do Ipanema e foram vitoriosas, sendo a renda do jogo destinada à Campanha da Fraternidade. Os alunos do handebol e voleibol foram a Santana do Ipanema acompanhados dos professores Cícero Bertoldo (técnico), Irmã Armela e Irmã Tadea Moreira. O colégio recebeu, naquela década, alunos do sexo masculino, entre os quais Adenilson Gomes da Silva (Mimi), um dos primeiros alunos da turma do 3º científico. Eram apenas quatro alunos. Adenilson foi destaque como atleta, e como só havia jogos femininos, ele, juntamente com o Professor Cícero Bertoldo (Cassaco) e o apoio da Direção, promoveu os primeiros jogos mistos do colégio. Em entrevista, Adenilson destaca:

A família Cristo Redentor ficou preocupada em ver as meninas participarem de jogos internos no mesmo período dos atletas masculinos. A quadra tinha dimensão oficial, era a melhor do interior de Alagoas, as irmãs abriam e eram desenvolvidas várias modalidades de esportes. Lembro-me de um pai que, ao assistir aos jogos mistos, estava preocupado, daí eu disse a ele que não havia problema. E continuei dizendo que o respeito é muito grande, e as irmãs têm muita disciplina. A partir dos segundos jogos, os pais e a sociedade foram acostumando e aceitando. Quanto aos professores, a direção e as irmãs destacavam-se pela dedicação. Os alunos estudavam mais e havia mais respeito, pois consideravam os professores como seus pais, enquanto os alunos sentiam-se membros daquela família. Ainda continua assim: minha filha estudou lá e também falava a mesma coisa. Do pouco tempo que passei no Cristo Redentor, sei o quanto representaram para mim as aulas de religião, pois, ainda hoje, posso lembrar o quanto engrandecem o homem. Lá conheci Judith, minha esposa, mas não podíamos nem conversar nos intervalos, imagine namorar. A disciplina de ontem era rígida, mas o aluno sentia-se seguro, mais forte para enfrentar o futuro.³⁵

³⁵ Entrevista com Adenilson Gomes da Silva realizada em outubro de 2013.

Vê-se que, apesar da rigidez, as irmãs atentavam para as inovações. Tentavam manter a disciplina e ofereciam algo novo, que a princípio causava impacto, embora depois a sociedade aceitasse, sobretudo em decorrência da confiança depositada no colégio.

No campo espiritual (1978) foi realizado um tríduo coordenado por Pe. José Araújo e pelas Irmãs Áquila, Mercês de Andrade, Josefa Ferro, Salomé, Arcângela Monteiro e Gilberta Marques, além das noviças Socorro e Joelita, que trabalharam o tema: “Vocação sacerdotal e religiosa” para os alunos de 5ª série ao 3º ano do II Grau. É interessante ressaltar a importância desses encontros supracitados, principalmente a temática trabalhada com jovens a partir da 5ª série; leia-se que são alunos de faixa etária a partir dos 10 ou 11 anos. Trabalhar a vocação religiosa já fazia parte do cotidiano escolar. (LIVRO DE CRÔNICAS, 1966, p. 34).

No mês de agosto de 1978 aconteceu uma grande festa para os alunos, no dia do estudante, com a seguinte programação: saudação aos estudantes, pela aluna Helena Costa Guerra, o coral dos professores com a música “A onda vem a onda vai e não desista amigo”, um poema “Eu quisera” recitado por Irmã Josefa e, para finalizar, todos cantaram parabéns. No dia 19 de agosto a Diocese de Palmeira dos Índios, estava em festa com a chegada do segundo Bispo, Dom Epaminondas José de Araújo, que foi recebido pela sociedade, clero, autoridades, irmãs e alunos do CECR, responsáveis pelo coral, sob a regência de Irmã Salésia Fernandes. No dia seguinte foi comemorada a Emancipação Política de Palmeira dos Índios e, na mesma semana, as irmãs convidaram o historiador Luiz B. Torres para proferir uma palestra aos alunos sobre a história da cidade. O historiador é autor da lenda Tilixi e Tixiliá, que cognominou Palmeira dos Índios de Cidade do Amor.³⁶

Após a chegada do novo bispo, Irmã Salésia Fernandes iniciou um trabalho, aos sábados, na secretaria da Catedral, devidamente autorizado pela Superiora Provincial; para tanto, contou a ajuda da professora Cícera Germana. Aos domingos

³⁶ A lenda de Palmeira dos Índios foi escrita por Luiz B. Torres, também autor do Hino e Bandeira da cidade. A lenda refere-se ao amor impossível do casal de índios (Tilixi e Tixiliá), nas terras das frondosas palmeiras, tendo uma delas – a mais destacada – nascido entre os corpos do casal de índios, mortos por Etafé que deveria ser o esposo de Tixiliá. Por isso a cidade foi oficializada com o nome de Palmeira dos Índios e é cognominada Cidade do Amor.

participava da missa das crianças, ensaiando os hinos e dirigindo a liturgia. LIVRO DE CRÔNICAS, 1966,p.38)

Nas atividades cívicas da cidade, bem como em eventos públicos, o colégio se destacava com a apresentação da Banda Marcial Irmã Armela Lechner, com pelotões de bandeiras e, ainda, com as ginásticas: de solo, sob a responsabilidade do professor de Educação Física, Cícero Bertoldo; e rítmica, com a professora Ana Clara. Naquele ano (1978), a Banda foi convidada a se fazer presente na assinatura do convênio da estrada asfaltada de Palmeira dos Índios a Carié - AL (BR 316). Para acompanhar os alunos foram as religiosas, Armela e Mercês. Na festa dos 40 anos do colégio Cristo Rei, de Patos, na Paraíba, o colégio se fez presente com uma comitiva de 150 pessoas, sob a coordenação de Irmã Mercês. Além da Banda, apresentaram um número de ginástica rítmica e de solo na noite cultural. Como forma de agradecimento, o CECR recebeu 02 troféus, um da Província Nossa Senhora das Neves e outro da Cidade de Patos. Em 1979, foram feitas algumas modificações no CECR, para a melhoria das condições físicas. O local onde era a capela passou a ser sala de aula e foram substituídos os quadros de giz de madeira por quadros fixos verdes e de alvenaria. As matrículas no pré-escolar totalizaram 213 alunos, de 1ª à 4ª série, 230, de 5ª à 8ª série, 356, no II Grau, 74 e 37 no Pedagógico, além de 684 na escola noturna e 45 alunos de piano. (LIVRO DE CRÔNICAS, 1966, p. 43).

O colégio participou do evento promovido pela prefeitura de Palmeira dos Índios, do Departamento de Assuntos Culturais, com o intuito de incentivar a cultura local, principalmente a festa junina. Em outubro houve um grande incentivo do colégio para intensificar a devoção a Nossa Senhora do Rosário, levando os alunos a uma maior espiritualidade; para tanto, foram colocados cartazes e murais nas varandas. A semana da criança foi bastante movimentada, com o grupo de teatro ensaiado por Irmã Salésia Fernandes. A promoção de tantos eventos tinha o propósito de deixar o aluno ocupado. Percebe-se, portanto, que eles estavam sempre em atividade em classe ou fora da escola. Além disso, eram constantemente incentivados a serem destaques, como alunos, nas disciplinas ministradas.

3.7 OS ANOS 1980: A CRISE EDUCACIONAL E O SUBDESENVOLVIMENTO BRASILEIRO

Para alguns economistas, os anos 1980 são considerados uma década perdida, em virtude de o Brasil ter se desenvolvido muito até a década de 70 passando por uma estagnação econômica na década seguinte. O país mantinha um perfil de subdesenvolvido, com grande índice de analfabetos, crianças sem frequentar a escola, uma industrialização baseada no capital estrangeiro e, conseqüentemente, um alto índice de desigualdade social. Diante dessa realidade, a Igreja e, conseqüentemente, a escola católica teriam que entrar na luta contra os desajustes na área política, pois aquela situação contribuía para aumentar a dependência do Brasil para com as grandes potências. Em virtude dessa decisão e tomada de consciência por parte da escola e da Igreja, as religiosas começaram a realizar atividades que incentivavam a inclusão. A princípio Irmã Salésia iniciou um trabalho com as crianças pobres da comunidade do Matadouro (bairro periférico), preparando um coral para cantar nas Igrejas de São Cristóvão e de São Vicente, uma forma de inclusão social através da arte musical.

A religiosidade popular também fez parte desse processo, como integrante da essência do povo brasileiro; assim, as irmãs do Amor Divino não podiam ignorar esse fato. Em maio de 1980 o Frei Damião de Bozzano visitou o colégio em um clima de muita expectativa, religiosidade e fé. O missionário capuchinho conseguia arrastar multidões para ouvir seus sermões, simples, mas que falavam direto ao povo em uma linguagem universal. Foi recebido com muita emoção e isso também movimentou o colégio, alunos, professores e a sociedade.

No dia 05 de junho (80) as religiosas, professores e alunos participaram de uma celebração, na Catedral, em preparação ao Congresso Eucarístico que iria acontecer em Fortaleza. Dando continuidade a essa preparação, o colégio recebeu a visita de Dom Epaminondas José de Araújo, que falou sobre a Eucaristia. Irmã Salésia Fernandes assistiu ao referido Congresso, com a presença do Papa João Paulo II, e as irmãs que não participaram foram ao Recife, cidade também visitada pelo Sumo Pontífice. (LIVRO DE CRÔNICAS, 1966, p. 51).

Agosto é o mês dedicado às vocações e o colégio realizou várias atividades, sobre esse tema, para todos os alunos das turmas mais avançadas, divididos em dois grupos: o masculino e o feminino. As turmas de 5ª e 7ª séries ficaram sob a responsabilidade do Sr. Avelar Costa, a 8ª série o com Diácono Josevel Leite, o 2º Grau com o Pe. José Araújo. O grupo feminino de 5ª e 6ª séries ficou sob a responsabilidade da Sr.ª Josefa Jatobá Leite, ex-aluna e mãe dos alunos (Cristiane Jatobá, Germano, Geórgia e Thiago) para as 7ª e 8ª séries a Sr.ª Maria Guerra Costa, mãe de alunos (Helena, Ana Maria, Theodorico e Marcos), e o 2º Grau sob a responsabilidade de Pe. Jorge Tobias. Pode ser notado que as turmas do II Grau ficaram sob a responsabilidade dos padres. Verifica-se que, nas entrelinhas, utilizando uma metáfora, era o que pode ser entendido como trabalho de garimpagem: talvez através de sábias palavras proferidas pelos religiosos se pudesse despertar nos alunos a vocação para o sacerdócio ou para a vida religiosa. Segundo Irmã Maria Nivalda Vasconcelos Montenegro, esse processo já não tem a mesma eficácia, visto que, nos últimos anos, não há registro de alunos que tenham ingressado na vida religiosa. (LIVRO DE CRÔNICAS, 1966, p. 51-52).

Há influência das Filhas do Amor Divino na vocação religiosa, através das irmãs que saem da escola para fazerem Missões. As vocações religiosas, hoje, saem da classe pobre e aqui no Cristo Redentor temos a classe média, assim também, nas outras escolas da Província. É difícil recebermos uma aluna vocacionada. Creio que, além da classe econômica, é devido também ao fato de a escola manter uma estrutura (a da obediência) que causa a desistência de algumas, pois o mundo, de modo geral, quer pesquisa, não quer obediência. Nós não podemos abrir mão disso, mas temos que rever.³⁷

Com estas palavras Irmã Nivalda deixa claro que é uma preocupação a continuidade da Província visto que, apesar de tantas escolas, não há registros, nos últimos anos, de que tenha entrado para o convento alguma aluna dos colégios da Congregação. Ela também afirma que o grande entrave está na classe social e na questão da obediência às normas da comunidade religiosa.

Em setembro foi realizado um estudo bíblico e o Pe. Jorge Tobias proferiu palestra para os alunos do II Grau sobre “Os irmãos de Jesus”. Irmã Andrea

³⁷ Entrevista com Irmã Nivalda, realizada em março de 2013.

organizou, com os alunos, encenações bíblicas com as séries mais avançadas até o II Grau, incluindo a escola noturna, que fez algumas celebrações e assistiu a encenações.

No dia 15 de outubro (1980), dedicado ao professor, a direção providenciou nova sala para os docentes, mais ampla e confortável. Naquele dia, às 16h 30, aconteceu a Celebração Eucarística, na capela e, em seguida, a bênção da referida sala. No dia 21, os concluintes do II Grau participaram de um encontro, no Seminário, sob a coordenação de Irmã Andrea Abreu, para estudo bíblico e reflexão sob a direção de Dom Epaminondas José de Araújo. (LIVRO DE CRÔNICAS, 1966, p. 52).

No início do ano de 1981 aconteceram as matrículas, com 1.069 alunos no horário diurno, 270 no noturno e 42 no curso de piano. Foram inauguradas algumas salas de aula, houve renovação das instalações de outras e, simultaneamente, continuavam os trabalhos de construção para completar a fachada do prédio. Os investimentos, além da construção, também aconteceram em abril, com a aquisição de um harmônio BOHN, com 5 oitavas, 12 registros e 2 joelheiras. O valor que foi pago pelo harmônio foi dividido em prestações e contou com ajuda de amigos, mensalidades das aulas de piano e das apresentações do TECRE, que continuou em plena atividade com novas peças, como “O coelho e as flores” e “O bolo bolado”, ambas de Zuleica Melo, e “A bruxinha que era boa”, de Maria Clara Machado. (LIVRO DE CRÔNICAS, 1966, p. 56).

Naquele ano, por determinação da Câmara de vereadores de Palmeira dos Índios, a emancipação política do município foi comemorada em 23 de junho; na ocasião, um grupo de alunos, acompanhado pelos professores, fez a leitura da História de Palmeira dos Índios. A educação então ministrada não intensificava a criticidade; todavia, em contrapartida, trabalhava a oratória, desenvolvendo nos alunos habilidades para enfrentarem o público em praça pública, auditórios e em rádios.

Desde a fundação do colégio as atividades manuais faziam parte do currículo escolar, sendo ministradas por religiosas que tinham tais dons artísticos. Na década de 1970 a Província se preocupou com a questão e proporcionou um curso de artes

em Natal-RN, para as religiosas que já realizavam esse trabalho nas escolas; pelo Cristo Redentor participaram as irmãs Benilde e Marieta. Também em Natal, aconteceu o I treinamento de integração das professoras do pré-escolar. Esses cursos, organizados pela Província, aconteciam com frequência e contavam com a participação não só das religiosas, também membros do corpo docente de suas escolas neles se faziam presentes.

Para o mês da Bíblia foi elaborada uma vasta programação constando de leituras diárias de professores e alunos antes de começarem as aulas em cada sala; semanalmente, acontecia uma noite de adoração de professores e alunos ao Santíssimo Sacramento com a participação de religiosas. Também foi realizada uma Maratona Bíblica, abrangendo os alunos da 3ª série primária ao II Grau, com questões compatíveis para cada nível, confecção de cartazes, exibição de slides com passagens bíblicas, encenações, jograis etc. Para encerrar a programação, os alunos participaram da celebração, na Matriz, com cartazes alusivos a personagens bíblicos.

3.8 A BUSCA POR UM NOVO MÉTODO

Conforme citado no capítulo anterior, era intensa a busca da AEC e de suas associadas pela implantação de métodos de ensino eficazes que mudassem a cara da educação no país, principalmente das escolas católicas conveniadas. O grande problema era assinalado pelo fato de que, além de ser eficaz, ele deveria atender às questões da Igreja católica. Nos dias 14 a 19 de dezembro de 1970, realizou-se, em Maceió, um curso montessoriano, para professores do pré-escolar, com a participação de 10 professores do CECR, inclusive as irmãs Josefa e Geralda. Segundo Avelar (1978, p. 73), o método Montessori foi implantado, no Brasil, desde 1915; porém, a difusão aconteceu a partir de 1955, com a realização da Primeira Semana Pedagógica, dirigida por Pierre Faure. Mas, somente a partir na década de 1970 os professores do Cristo Redentor começaram a se inteirar desse método, por iniciativa da AEC, no intuito de implantar o novo, vindo da França, através das ideias de Lubienska, discípula de Maria Montessori. Mais tarde, o colégio adquiriu o material específico para a pré-escola trabalhar o Montessori. Algumas escolas do

Sul e Sudeste, foram além, chegaram a enviar professores para a Europa, para que eles aprendessem a nova técnica. Foi apenas uma tentativa desestruturada, e portanto não deu certo.

Em todo o Brasil foram 144 escolas, até 1960; mas, no estado de Alagoas não há registro de escolas que tenham trabalhado especificamente o Montessori. No Cristo Redentor não foi diferente: houve a tentativa de acompanhar as orientações da AEC, visto que o método, com Lubienska, estava diretamente ligado à educação religiosa, sendo uma grande oportunidade para a escola católica. A tentativa, entretanto, não surtiu muito efeito: aos poucos o material foi deixando de ser usado e ainda hoje se encontra em alguns armários; esporadicamente há professores que o utilizam sem especificar o método. A Irmã Arcângela, coordenadora da pré-escola durante muitos anos, esclareceu em entrevista concedida:

Nós participávamos de muitos encontros em Natal e também em Maceió. Quanto ao método Montessori, não foi implantado aqui no colégio em virtude de que nos foi apresentado apenas em curso de curta duração, eram mais palestras, mas não houve a intensificação. Deveria ter tido um aprofundamento da prática. O colégio adquiriu o material e as professoras o utilizavam em sala, mas não necessariamente com o objetivo montessoriano. São materiais bons, de qualidade, e até eu deixar a coordenação ainda existia muita coisa.³⁸

De 18 a 03 de janeiro de 1982, a Irmã Josefa participou de um curso destinado a professores de pré-escolar, em Fortaleza. Na mesma época chegaram ao CECR as Irmãs Geórgia e Luzia Valadão, que assumiram as funções de tesoureira e diretora, respectivamente. Em 19 de fevereiro foi realizada a primeira reunião dos professores com a diretora recém-chegada. No mesmo período, a Irmã Judith veio ao colégio, a convite de Irmã Luzia e, no dia 25, orientou os trabalhos de planejamento dos professores. (LIVRO DE CRÔNICAS, 1966, p. 63).

³⁸ Entrevista com Irmã Arcângela Monteiro, realizada em 31 de outubro de 2013.

3.9 OS AFAZERES E OS REFLEXOS DA ECONOMIA

No sete de setembro de 1982 os alunos desfilaram com a banda marcial, o pelotão das bandeiras e um pelotão especial homenageando as mulheres nas forças armadas (Marinha e Aeronáutica). Naquele ano o esporte estava em destaque. O colégio recebeu equipes da UFAL e do Colégio Humberto Mendes para um quadrangular de handebol, sendo também disputado o futebol de salão com equipes masculinas e femininas. Receberam também o colégio Deraldo Campos, de Santana do Ipanema. Irmã Luzia Valadão, Irmã Geórgia e professores foram ao Ginásio do Colégio Estadual Humberto Mendes, para acompanhar os alunos em uma Gincana Estudantil. (LIVRO DE CRÔNICAS, 1966, p. 69).

Em 1983 o colégio contava com 1.345 alunos matriculados. Irmã Josefa Cavalcante Ferro assumiu a direção do colégio, enfrentando muitas dificuldades financeiras, devido ao alto custo de vida que o país estava vivenciando; mesmo assim, continuava sem interrupção a construção do ginásio de esportes. Em outubro foi realizado um tríduo cultural: a primeira noite, com danças folclóricas; a segunda com seresta; a terceira com desfile dos trajes típicos de cada estado brasileiro, marcando presença a comunidade estudantil e a sociedade. No mês de dezembro, a Irmã Tadeá Moreira organizou um ceia natalina para os garis do Bairro São Cristóvão, ofertando uma camisa a cada um deles com recursos adquiridos através de uma rifa. Todos esses movimentos faziam com que a escola abrisse suas portas para a sociedade. A presença dos pais e comunidade nos eventos os deixava mais próximos da escola. (LIVRO DE CRÔNICAS, 1966, p. 75).

O ano letivo de 1984 teve início com as matrículas e, logo após foi realizada a reunião de planejamento anual com professores. Na semana dedicada à Madre Francisca aconteceram várias palestras com os seguintes conferencistas: As Irmãs: Maria Antonia Franco, Adelita Ferreira e Josefa Ferro, as professoras Petrucia Teixeira (de Português), Rita de Cássia Barbosa (de História), e o Cônego Luiz Farias. Houve reunião com os pais, na Matriz de São Cristóvão, sob a coordenação de Irmã Josefa, que falou sobre a educação na família. Na área pedagógica aconteceram as reuniões com os pais dos alunos para falar sobre o aproveitamento dos mesmos. Na ocasião, a Diretora discorreu sobre os problemas da infância e

juventude e a busca de soluções. Essa busca de soluções estava atrelada aos ensinamentos da Igreja e da escola católica. (LIVRO DE CRÔNICAS, 1966, p. 85).

Naquele período, a construção do Ginásio de Esportes estava bastante adiantada, sendo necessário que a Irmã Maria Antonia Franco viajasse a Garanhuns para comprar as telhas requeridas, com o intuito de vencer mais uma etapa.

Em novembro, dia 14, aconteceu uma seresta para angariar fundos e dar continuidade à construção. No dia 1º de dezembro houve um festival intitulado “Meu colégio é o maior”. Os alunos Clóvis Manoel e Flávia Costa, receberam uma taça pelo segundo lugar respondendo sobre Graciliano Ramos, renomado escritor e ex-prefeito de Palmeira dos Índios. No dia 08 de dezembro aconteceu a Colação de Grau das professorandas, que tiveram como paraninfos o vice-governador do Estado de Alagoas, José Tavares de Medeiros, e o Dep. Federal Fernando Collor de Melo. (LIVRO DE CRÔNICAS, 1966, p. 90).

Foto12

Colação de grau das professoras - dezembro de 1984



Fonte:Acervo do Centro Educacional Cristo Redentor

Segundo Moura (2000, p. 167), “no período de 1965 a 1985 foram fundadas 205 instituições de ensino católicas”. Todas essas instituições foram fundadas por congregações religiosas. Durante 20 anos aconteceu a abertura de escolas católicas pelo Brasil, porém, após essa data registra-se o fechamento de algumas, fato que também aconteceu com as Filhas do Amor Divino. No mês de março de 1985 as irmãs dedicaram as orações em especial pela saúde do Presidente da República Federativa do Brasil, Tancredo Neves que, em virtude do seu grave estado, ficou

impossibilitado de tomar posse. Foi um período de muitas reivindicações do povo que solicitava as “Diretas Já”. O Cristo Redentor também acompanhava os problemas do país. Com o falecimento de Tancredo Neves, no dia 21 de abril, o então vice, José Sarney, teve que assumir a Presidência da República. Em meio a todos esses acontecimentos nacionais, era uma necessidade deixar os alunos atualizados e conscientes do que estava acontecendo. A campanha pelas “Diretas Já”, foi um marco na história política do país, entretanto, podiam ser geradas controvérsias cuja falta de conhecimento poderia trazer uma ideia equivocada acerca dos fatos. Para evitar a inércia e a ignorância política, no mês de setembro (dia 06), o Dr. Everaldo Damião (bacharel em Direito), a convite, foi ao colégio proferir palestra sobre “A constituinte e a Constituição” (LIVRO DE CRÔNICAS, 1966, p. 96). A crise também afetou a banda marcial, impossibilitando a participação do colégio no sete de setembro, em virtude dos gastos com a construção do ginásio de esporte e a necessidade de comprar instrumentos.

No dia 06 dezembro, apenas 15 alunas receberam o diploma do Pedagógico: o número reduzido deixava evidente que o curso estava sendo extinto, pois já não era prioridade ser professora para trabalhar e ganhar dinheiro de imediato. As famílias estavam adquirindo outra concepção a esse respeito, não ficando a profissão professora como prioridade para aquelas jovens que queriam entrar no mercado de trabalho. As que optavam pelo casamento geralmente ficavam ajudando nas despesas de casa. Quando isso não acontecia, poderiam optar pela vida religiosa ou ingressar no Curso Superior.

No mês de fevereiro de 1986, Irmã Judith veio ao Centro Educacional para realizar o planejamento anual com as professoras sendo o colégio preparado com muitos cartazes espalhados pelas varandas e murais desejando boas vindas aos que ali chegassem. (LIVRO DE CRÔNICAS, 1986, p. 1). No dia 30 de junho, Dom Fernando Lório Rodrigues, 3º Bispo de prelado, aconteceram duas celebrações, uma pela manhã e outra à tarde, para os corpos docente, discente e para as religiosas, oficializando a abertura da Campanha da Fraternidade. No dia 30 de maio teve início um curso para os professores da Pré-escola com o pedagogo Marcelo Ferreira, da Universidade Federal de Pernambuco. O curso teve a participação de professores

de outros estabelecimentos escolares com um total de 96 participantes e direito a certificados. (LIVRO DE CRÔNICAS, 1986, p. 2).

Os alunos já começavam a se preparar para os festejos juninos: mesmo com a crise do cruzado, a escola noturna, sob a coordenação de Irmã Tadéa Moreira, obteve 10 mil cruzados, em prol da construção da casa da província, em Maceió, para hospedar as irmãs que necessitavam ir à capital para realizar exames médicos e/ou participar de cursos, reuniões e outras atividades. Para tanto, foi derrubada a casa velha, doada por Irmã Perpétua Lins Vieira, em frente à Santa Casa de Misericórdia. Isso foi possível graças ao trabalho da Irmã Tadéa, que nunca mediu esforços para realizar o que, a princípio, era apenas sonho, mas que, diante de sua força de vontade, tornou-se realidade.

À época das festas juninas chegou e, pela primeira vez, todas as turmas e níveis de ensino realizaram sua festa no Ginásio de Esporte que já estava com som e iluminação. No campo pedagógico, a direção contratou, mais uma vez, o professor Marcelo Ferreira, para um encontro de três dias com os professores da Pré-escola. Os demais professores ficaram com a Irmã Judith, por dois dias.

Em setembro (86) o Centro Educacional recebeu o grupo Dominó para uma apresentação artística, tendo o colégio recebido uma contribuição do empresário para dar continuidade ao Ginásio e aos trabalhos da casa de Maceió. No mês de outubro, o colégio estava em festa em virtude de ter recebido US\$ 6.937,22 da Áustria, país de origem de Irmã Armela, secretária do Centro Educacional por muitos anos, que coordenou a Banda Marcial e também ensinava matemática. Chamava atenção o zelo e a disponibilidade, pois não media esforços para o bem do colégio, trabalhava até chegar a exaustão, ainda que com grandes limitações físicas. A referida doação foi utilizada para concluir os trabalhos do Ginásio de esportes. (LIVRO DE CRÔNICAS, 1986, p. 5).

Encerrando as atividades letivas, foi realizada a festa dos Doutores do ABC, das turmas do Ginásio e do II Grau. O Jardim de Infância apresentou uma exposição dos trabalhos manuais confeccionados durante o ano que foi bastante visitada por membros da própria instituição, pais e familiares de um modo geral. A turma do Magistério teve, além da Missa em ação de graças, a aula da saudade e um lanche

no colégio, com a presença de familiares, religiosas, a diretora e a madrinha da turma, a professora de História, Rita de Cássia Barros Barbosa. Apenas 12 alunas colaram grau. (LIVRO DE CRÔNICAS, 1986, p. 6-7).

O ano de 1987 foi iniciado com as atividades pertinentes ao processo pedagógico, como matrícula, festas dos novos, transferência das religiosas - entre as quais registra-se a de Irmã Maria Antonia Franco, então tesoureira e atual diretora do CECR, para assumir a Direção do Colégio Jesus Menino, em Currais Novos, no RN. As aulas no Cristo Redentor tiveram início no dia 23 de fevereiro com um grande número de alunos, pois quase todas as séries tiveram uma turma a mais e o 3º científico estava com 21 alunos. No mês de março (dia 05) chegou do Recife o professor Marcelo Ferreira, para mais um encontro com os professores. Os dois primeiros dias para os professores do I Grau menor, I Grau maior e II Grau. Os dois últimos dias ficaram para o encontro dos professores da pré-escola. No mês de agosto aconteceu a 1ª feira de Ciências e Cultura do Centro Educacional Cristo Redentor, sob a coordenação da Professora Rita de Cássia B. Barbosa com a colaboração e participação de professores, alunos e sociedade (LIVRO DE CRÔNICAS,1986,p13). Foi a primeira do colégio e da cidade, fato que chamou a atenção de todos que ali fizeram visitas. A professora Rita de Cássia, coordenadora da Feira, relata:

Foi um marco muito importante na minha vida, começamos muito simples, mas com a empolgação e cooperação dos alunos, funcionários, direção e de todos da escola foi possível a realização. Sempre buscava fazer o melhor e procurava, no evento, a presença de Deus, sabia que Ele estava ali. Trabalhar a ciência sim, porque nada, absolutamente, existe sem a presença de Deus. Uma escola que não motiva o aluno e o profissional por uma vida mais consciente, mais fervorosa, o barco para e naufraga.³⁹

A diversidade de assuntos e conteúdos bem trabalhados é o primeiro passo para as Ciências, a Tecnologia e a Religião conviverem em uma sociedade plural. O trabalho, a princípio, causou impacto, pois era uma discussão científica de vários conteúdos polêmicos. Ainda no mês de agosto, a Irmã Judith ministrou um trabalho de formação para os professores. Para melhor contextualizar esses fatos, cita-se a AEC, que faz a seguinte referência alusiva à metade da década de 1980 e início da

³⁹ Entrevista com Rita de Cássia Barros Barbosa, realizada em outubro de 2013.

década de 1990: “abrir perspectivas para uma visão mais global da educação, evitando o reducionismo da exclusiva educação escolar”. (LIMA, 1995, p. 289).

Em 1988 um grande acontecimento marcou a história do Brasil: a promulgação da nova Constituição, após vários anos de luta e de discussões acerca dessa temática. Em seu preâmbulo, a nova Constituição enfatiza os direitos do cidadão à igualdade, liberdade e bem estar, entre outras como as questões sociais, o pluralismo e finaliza pedindo a proteção de Deus. Nesse contexto, a educação ainda vive seu grande entrave, ou seja, trabalhar com a elite e priorizar os pobres. Naquele mesmo ano foi entregue à Câmara dos Deputados o primeiro projeto de uma nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, que passou oito anos sendo discutido. Quanto às aulas de religião nas escolas públicas, a Constituição estabelece que elas devam ser ministradas em horário normal das aulas; outro ponto à educação e à escola. Mesmo com essas mudanças, o aluno não poderia escolher a escola de sua preferência e as bolsas de financiamento só valeriam para casos em que o ensino público não oferecesse a vaga na comunidade em que o estudante residisse.

Diante desse quadro, as escolas católicas não tinham outra opção senão organizar sua própria estrutura para atender aos menos favorecidos economicamente. Como não havia verbas do governo para a escola privada receber alunos de baixa renda, o Centro Educacional tinha sua escola para esse fim, funcionando à noite, uma vez que a clientela era de pessoas adultas trabalhadores, tendo prioridade as domésticas e os jovens que carroçavam na feira livre. Assim, além de atender aos apelos da Fundadora, o colégio também servia aos pobres, oferecendo educação, formação e preparação para a vida, através das aulas de ensino religioso ministradas pelas irmãs. Ainda ministravam aulas de preparação para os sacramentos do batismo, primeira eucaristia e crisma.

A diretora da escola reuniu professores para mostrar a importância da Campanha da Fraternidade. A abertura foi no Ginásio de Esportes, evento que contou com a participação dos jovens e de professores. Na ocasião foi apresentada uma peça sobre o tempo da escravidão, encenada pelos alunos do I Grau menor, encerrando-se com a capoeira. O I Grau maior e o II Grau apresentaram a carta de

São Paulo. Na área pedagógica destaca-se a presença de Irmã Expedita, que havia chegado de Brasília, após a conclusão da especialização em Pedagogia. Devido a sua formação pedagógica assumiu a coordenação dos professores. Irmã Josefa foi à Rádio Educadora Sampaio para ser entrevistada sobre o tema “Educação, fundação do colégio, educação antiga e atual”. Irmã Albina veio ministrar um curso de pintura em tela para as alunas do Pedagógico, irmãs e pessoas de fora.

Após a volta às aulas para o segundo semestre, as irmãs começaram a entregar os convites para a inauguração do ginásio de esportes. No dia 28 de agosto de 1988, deu-se a solenidade de inauguração. O evento contou com uma representação de alunos e professores, religiosas de Natal, bem como a presença da reverendíssima Superiora Provincial, do Bispo Diocesano, do Pe. Matias (da Paróquia de Nova Cruz – RN), do Pe. José de Araújo (vigário da Paróquia de São Cristóvão), da Irmã Aurélia, de representações de Currais Novos (RN), Nova Cruz e Maceió, além de convidados, ex-alunos, alunos, pais, o prefeito Helenildo Ribeiro considerado “um bem feitor para as Filhas do Amor Divino” e demais autoridades. No mesmo mês aconteceu a abertura da Feira de Ciências, desta feita com 27 equipes apresentando as mais variadas temáticas na área. (LIVRO DE CRÔNICAS, 1986, p. 22).

Em outubro aconteceram os XV Jogos Internos, com a presença de Pe. Odilon Amador, diretor do Colégio Sagrada Família e do Pio XII, e da Sr^a Eneida Muniz, diretora do Colégio Estadual Humberto Mendes, além da comunidade docente e discente, pais e representantes da sociedade. Na ocasião, todos os diretores proferiram palavras aos jovens atletas. Naquele mesmo mês os alunos participaram de uma competição em nível estadual. Os alunos de futebol de salão foram campeões vencendo a última partida, disputada com o Colégio Marista de Maceió.

Em 1989, o início aulas da pré-escola foi adiado em virtude de um encontro que aconteceu em Natal para todos os professores daquele nível de ensino. Em abril (dias 19 e 20), houve um encontro com a Irmã Judith e, à noite, aconteceu uma reunião com os pais. Em junho, a Irmã Marli realizou reunião com os professores do

I Grau, por turma. Estava muito evidente a preocupação com as questões pedagógicas: a atualização era a meta; porém, sem desvincular-se do seu perfil.

Em 20 de agosto de 1989 foi comemorado o centenário de Emancipação Política de Palmeira dos Índios. A programação contou com uma Missa em ação de graças. A cerimônia de encerramento aconteceu no ginásio de esportes do Cristo Redentor, onde foram entregues comendas alusivas ao evento e certificado comemorativo. Os alunos do colégio participaram de forma ativa, caracterizados de prefeitos, professores, padres e freiras que deram a sua contribuição para Palmeira dos Índios, sendo um dos destaques o aluno Diego Moreira, que representou Monsenhor Macedo, responsável pela vinda das Irmãs do Amor Divino e se destacara como grande defensor da educação. Um momento marcante foi o encontro das concluintes do curso normal rural de 1945. As ex-normalistas compareceram ao colégio, acompanhadas por seus familiares para repetir a programação do dia 08 de dezembro de 1949. Para encerrar as festividades aconteceu a colação de grau das professorandas com uma missa celebrada por Dom Fernando Lório Rodrigues. (LIVRO DE CRÔNICAS, 1986, p. 31-32).

3.10 A DÉCADA DE NOVENTA

Nos anos 1990 a palavra-chave na área da educação era reciclagem; mais tarde, o termo foi substituído por encontro pedagógico visto que o termo era um tanto pejorativo. As religiosas estavam na incumbência de acompanhar as mudanças na área educacional. Assim, Irmã Arcângela (coordenadora) participou de um encontro em Emaús-RN, sobre a pré-escola, com algumas professoras leigas. O colégio contava com 1.572 alunos do maternal ao 3º científico, 330 alunos na escola noturna e 46 no curso de piano. (LIVRO DE CRÔNICAS, 1986, p. 36).

Pelo fato de a mulher estar em evidência, houve uma Jornada Feminina, realizada em Natal, de 19 a 21 de março de 1990, que contou com a participação de Irmã Fátima, professora de religião, e duas alunas: Karla e Adriana. No mesmo mês dedicado à mulher, o colégio, e várias outras escolas da cidade realizaram uma grande caminhada saindo do Cristo Redentor até a Praça da Independência, onde

cada escola se manifestou com algumas apresentações. Ainda a esse respeito, a professoranda Djna Padilha Barros, leu uma crônica na Rádio Educadora Sampaio. Irmã Marieta Câmara recebeu do prefeito, Gileno Costa Sampaio, a confirmação de doação efetuada pela prefeitura, na gestão de Enéas Simplício, de terreno para construção de uma escola para alfabetização e aulas de prendas domésticas para pessoas pobres. (LIVRO DE CRÔNICAS, 1986, p. 38).

No dia 23 de agosto (1990), houve mais uma abertura da Feira de Ciências, desta feita com a presença do cientista Ronaldo Mourão, do Rio de Janeiro, que, na ocasião, proferiu uma palestra sobre Astronomia juntamente com a Sra. Anita, pesquisadora suíça que mantém uma reserva florestal em Pedra Talhada, no município de Quebrangulo - AL. (LIVRO DE CRÔNICAS, 1986, p. 42).

Na área religiosa, aconteceu um tríduo, nas dependências do colégio, para jovens, não só do colégio, mas de outros movimentos religiosos cristãos. O movimento foi coordenado pela professora Grinaura Dantas, tendo uma vasta programação com a participação de Irmã Adelita F. de Lima, Irmã Mercês de Andrade e Pe. José de Araújo. Dando continuidade ao trabalho apostólico, a professora de Educação da fé, Grinaura, organizou um grupo de alunos de 5ª e 6ª séries com o objetivo de se reunirem semanalmente para rezar, refletir e planejar atividades acerca do trabalho em grupo. Irmã Salésia deu início ao curso de órgão para doze leigos colaboradores das paróquias da Catedral e de São Cristóvão. Irmã Marieta Câmara, solicitou a doação de um terreno ao então prefeito da cidade de Palmeira dos Índios, Enéas Simplício, no Matadouro, onde pudesse realizar um trabalho de catequese. A solicitação foi atendida e foi doado um terreno medindo 10 x 30m, em nome da Congregação das Filhas do Amor Divino, o que somente foi oficializado na gestão de Gileno Costa Sampaio. Devido ao sucesso do encontro, os jovens e adultos que organizaram o evento ficaram com a responsabilidade de assumir o canto das Missas de preceito, realizadas aos sábados, às 19h, na Igreja de São Cristóvão. Sobre o grupo de jovens, a professora Grinaura Dantas relata:

Havia uma solicitação dos jovens em formar um grupo de oração, que também tivesse como objetivo ajudar as pessoas necessitadas da periferia da cidade. Para tanto, realizavam movimentos durante o recreio no colégio como pescaria e sorteios entre os colegas para arrecadar pequenas quantias, para serem utilizadas na compra de alimentos para os pobres. Irmã Marieta também fazia parte, pois era professora do colégio e já realizava trabalhos voluntários de artes e de catequese. Ela também solicitou ao prefeito uma área para construir um salão com o propósito de atender aquelas pessoas. O grupo foi oficializado como UNIÃO, e eu me sentia gratificada em poder trabalhar com aqueles jovens.⁴⁰

A partir do relato da professora Grinaura Dantas, se pode perceber que os jovens buscavam realizar aquele tipo de trabalho com os pobres. Não estavam satisfeitos apenas em participar dos encontros de oração: queriam algo concreto e, assim, faziam visitas, doavam alimentos e participavam das orações.

Em 1991, o colégio realizou a matrícula de 1623 alunos do maternal ao 3º científico, 288 na escola noturna e 54 alunos de piano. Toda a coordenação pedagógica estava sob a responsabilidade das religiosas: no Pré-escolar, a Irmã Arcângela Monteiro, no I Grau menor, a Irmã Mercês de Andrade, no I Grau maior, a Irmã Josefa Ferro, no científico, a Irmã Adelita Ferreira, no magistério, a Irmã Mercês de Andrade, na Escola Noturna, a Irmã Tadéa Moreira, e na Escola de música, a Irmã Salésia Fernandes. Na parte física teve início a construção do prédio para atender às especificidades da pré-escola.

No dia 11 de abril de 1991 a Irmã Inês Saraiva, coordenadora da educação da Província, e Maria do Socorro Souza, assessora pedagógica, chegaram de Fortaleza para realizar uma reciclagem com os professores do CECR. Além dos professores participaram as alunas do Magistério. O grupo de danças do colégio estava sendo convidado para apresentações em várias cidades, sob a responsabilidade da Professora Selma Salviano. Em julho, Irmã Mercês e 15 professoras foram a Natal participar de um encontro para professores da Província, promovido pela equipe de Educação da PRONEVES⁴¹, coordenado por Irmã Inês Saraiva. O objetivo era dinamizar o trabalho pedagógico de toda a Província das Neves. As irmãs Arcângela

⁴⁰ Entrevista com a professora Grinaura Dantas, realizada em 30 de outubro de 2012.

⁴¹ PRONEVES refere-se às escolas da Província do norte localizadas no Nordeste do Brasil (Rio Grande do Norte, Paraíba, Alagoas) da Província Nossa Senhora das Neves, com sede em Natal-RN, das Filhas do Amor Divino.

Monteiro e Adelita Ferreira também participaram de um curso específico para coordenadores. Naquele ano, sob a coordenação de Irmã Zilda o esporte teve seu lugar ao pódio, vencendo em todas as competições com times das cidades vizinhas.

Em 1992 foram realizadas as matrículas de 1470 alunos do maternal ao 3º científico, 30 alunos de piano e 227 na escola noturna. A equipe pedagógica direcionou o ciclo de palestra com tema voltado para a saúde, bem como a prevenção de algumas doenças que estavam atacando as pessoas com grande incidência, a exemplo do câncer. Os conferencistas foram os doutores Miguel Dantas, que falou sobre prevenção do câncer no colo do útero, e José Gonçalves, pediatra que proferiu palestra sobre a saúde da criança. Essas palestras eram mais especificamente voltadas à participação das mães dos alunos.

No ano seguinte (1993) as matrículas foram de 1.377 alunos. Houve a abertura do ano jubilar alusivo aos 50 anos do CECR. Foi elaborada uma gincana objetivando o desenvolvimento das cinco décadas da história do colégio: a abertura da Feira de Ciências também foi alusiva ao ano jubilar.

A situação da escola católica era de fragilidade, em virtude de nela atuarem vários professores que eram cedidos pelo Estado, como forma de compensar a doação de bolsas de estudo para alunos carentes, conforme já foi citado. Para tanto, a diretora, Irmã Josefa, solicitou o apoio das autoridades locais, como os deputados Jota Duarte, Gervásio Raimundo e Edval Vieira Gaia para pedir apoio junto ao Exmo. Governador do Estado, Geraldo Bulhões, no sentido de resolver a situação daqueles professores que estavam ensinando em escolas particulares. Toda a situação girava em torno dos alunos bolsistas, pois toda e qualquer decisão não poderia prejudicá-los em sua caminhada escolar; ao mesmo tempo, era inviável às escolas sustentarem tantos alunos bolsistas sem uma contrapartida sob a forma de ajuda governamental. A situação foi de certa forma resolvida, mas aqueles professores voltaram a lecionar em seus locais de origem.

A situação do colégio, quanto aos alunos bolsistas, foi resolvida com a oficialização da filantropia. Pois, tornando a instituição filantrópica, o colégio continuaria prestando serviço à clientela de baixa renda, mesmo sem a presença dos professores do estado e do município. As escolas da PRONEVES não mediram

esforços para contratar pessoas especializadas na área jurídica, bem como assistentes sociais, para realizar análise social dos alunos que pleiteavam bolsas de estudo. Essas bolsas variam conforme a condição financeira da família, abrangendo descontos de 50% a 100%. O colégio recebeu o registro do Conselho Nacional de Assistência Social em 03/05/1996, embora o documento explicita que, desde 03/05/1954, o processo havia sido deferido.

Em 1994, Irmã Josefa Cavalcante Ferro, após vários anos atuando como diretora e executando um trabalho que recebia o respeito e o reconhecimento de todos, assumiu o cargo de tesoureira e entregou a direção do colégio para a Irmã Maria Antonia Franco, diretora do CECR até os dias atuais. Com a nova diretora foi marcado, de 7 a 9 de fevereiro, um encontro para o corpo docente, com o objetivo de intensificar as atividades pedagógicas. Foram matriculados 1.596 alunos do maternal ao 3º ano científico e 270 alunos na Escola Noturna Castro Alves. (LIVRO DE CRÔNICAS, 1986, p. 82).

Ainda no mês de março, Irmã Zilda foi ao Recife participar de um encontro, juntamente com os professores da área dos esportes, sobre a metodologia da Educação Física, ministrado pelo professor João Batista Freire, da UNICAMP. As atividades esportivas continuavam acontecendo, com a realização de torneios de judô com a equipe do late Clube de Maceió, Academia Movimento, Universidade de Aracaju e Colégio Sagrada Família, de Palmeira dos Índios. O CECR foi campeão. Mais uma participação no esporte, desta feita no campeonato Norte e Nordeste de Judô, no qual destacaram-se os alunos Rodrigo Vieira – 6ª série A - que ficou com o primeiro lugar, Julio Ferreira - 5ª D – também primeiro lugar em categoria diversa, e José Reinaldo – 7ª A – segundo lugar – Lucas Pinto – 5ª B – terceiro lugar. Foram mais de 200 atletas e a colocação geral do colégio foi a 8ª. A seleção masculina de futebol de salão esteve em Maceió participando do campeonato alagoano. A equipe infantil foi tri campeã e a juvenil foi vice-campeã. (LIVRO DE CRÔNICAS, 1986, p. 84).

No dia 23 de outubro de 1994, realizou-se o sonho de toda a comunidade religiosa, principalmente das Irmãs Josefa e Maria Antonia: aconteceu a inauguração da capela do Colégio, com a seguinte programação: às 5h, alvorada, com a banda,

em frente ao prédio onde funcionou o Educandário Cristo Redentor; em frente à capela, a banda fez uma evolução e executou os hinos atual e do cinquentenário do colégio. Em seguida, foram homenageadas as seguintes irmãs: Folkmara, Josefa Cavalcante Ferro, Cornélia Antunes, Maria Nivalda Vasconcelos Montenegro e Maria Salésia Fernandes. No segundo momento, houve a bênção da capela, por Dom Fernando Lório Rodrigues e pelos seguintes sacerdotes: Mons. Luiz Ferreira Neto, vigário-geral da diocese, Mons. José Araújo, vigário da paróquia de São Cristóvão, Padre Gilberto, vigário da Catedral, Padre Francisco Falcão, vigário da Paróquia de São Vicente e capelão do colégio, e Padre Washington Luiz Bezerra, vigário da paróquia Bom Jesus dos Pobres, de Quebrangulo. O evento contou com a presença de muitas pessoas, da sociedade civil e eclesiástica. No dia nove de dezembro foi realizado o primeiro casamento na capela: o do ex-aluno Manoel Belarmino, filho de Manoel e Valderez Belarmino, ex-aluna. No mesmo mês o colégio recebeu a visita das ex-alunas concluintes de 1949, que vieram celebrar as bodas de Safira, alusivas aos 45 anos de conclusão da turma. (LIVRO DE CRÔNICAS, 1986, p. 99).

A segunda metade da década de 1990 foi marcada por vários eventos na área educacional, como o XV Congresso Nacional de Educação, realizado em Fortaleza, do qual participaram a diretora, Irmã Maria Antonia Franco, Irmã Adelita, Irmã Expedita e alguns professores leigos (José Adelson Lopes, Rita de Cássia Barros, Petrucia Teixeira, Alcineide Nascimento e Ana Cristina Moreira). Por sugestão da Irmã Maria Antonia, esses congressistas foram multiplicadores, pois ao retornarem, a referida diretora promoveu um grande encontro com todos os professores com o objetivo de repassar e discutir as diversas temáticas do supracitado congresso. No mesmo ano aconteceram os Jogos Escolares de Palmeira dos Índios (JEPI), cuja abertura foi no Ginásio de Esportes do CECR, ficando o colégio campeão em futebol de salão masculino e feminino, handebol feminino e vice-campeão nas demais modalidades, recebendo um total de oito troféus e uma placa de participação. No dia 23 de setembro de 1995 aconteceu a festa dos ex-alunos, que contou com belas vozes do cenário alagoano, ex-alunos do colégio, como Paulo Gato, Renato Simplicio e Lourdinha Leôncio, entre outros.

A partir daquele período, a Província iniciou uma corrida incessante em busca de maior unidade pedagógica em suas escolas, junto à sua Coordenação de

Educação. Paralelamente as diretoras promoveram vários encontros em Natal (sede da Província), na Casa de Formação localizada em Parnamirim - RN, conhecida como Emaús. Em novembro de 1995 aconteceu um Curso sobre Educação do qual a diretora, Irmã Maria Antonia, a vice, Irmã Expedita, Irmã Mercês e as professoras Rita de Cássia, Petrucia Teixeira e Ana Cristina Moreira foram participar. Assim, a equipe pedagógica, juntamente com a direção, recebia as orientações gerais sendo necessário adaptá-las em suas escolas. A dinâmica da escola a cada dia ficava mais intensa e, diante desses fatos, no colégio foi instalado o 1º laboratório de informática, com 16 computadores, para atender alunos de I e II graus. Para tanto, foi contratada uma equipe do Recife, a ARS CONSULT⁴², para realizar o trabalho de preparação da equipe técnica que iria trabalhar com a informática.

A escola católica tinha que tomar medidas urgentes em vários aspectos, principalmente no setor pedagógico e na área jurídica, pois a liberdade de ação e de credo religioso trazia uma ruptura com o rigor disciplinar na escola. Havia a necessidade de manter o aluno, mas a escola sentia-se obrigada a manter o diálogo, deixando de lado as antigas sanções. Além disso, a redução de religiosas para lecionar e assumir cargos administrativos, não só na escola, mas nas instituições católicas de modo geral, trouxe alguns problemas.

Muitos colégios, forçados pela crise, veem-se forçados a olhar mais para os sindicatos do que para a CNBB e a própria AEC, associação que os congrega. Sentem, além disso, a dificuldade em dar prioridade à pastoral e de criar condições de uma formação de qualidade, aos seus educadores, tanto religiosos como leigos (LIMA (Org), 1995, p. 297).

Essa situação atingia diretamente a AEC nacional; além disso, um número considerado de leigos assumiram funções na AEC e nas escolas. A democracia, a ciência e a tecnologia passaram a ser o tripé da sociedade moderna que não cala, recebe as notícias em tempo real e não está presa aos dogmas da Igreja. Assim, era posta a questão acerca de como as escolas católicas iriam sobreviver a todas essas situações. Qual seria o fio condutor?

⁴² A ARS CONSULT, Alexandre, Renato e Sese Consultoria de Informática Pedagógica.

A Província buscou esse fortalecimento a partir dos encontros pedagógicos com representação de todas as escolas. Também promoveu encontros com as diretoras e tesoureiras. A equipe responsável pelo Movimento das Vocacionadas (MOVAD), participou intensamente dos encontros em Natal, visto que é a partir do trabalho missionário, realizado pelo MOVAD, que a Província recebe jovens que poderão ingressar na vida religiosa. Irmã Adelita Ferreira e Irmã Expedita promoveram, nas dependências do colégio, um encontro cujo tema foi “Opção de vida,” que contou com a participação de 28 jovens. Vale salientar que elas também realizavam visitas às casas das meninas que demonstravam interesse em entrar para o convento.

A presença da tecnologia já era uma realidade e só as aulas de informática não eram suficientes. Para atender as propostas encaminhadas nas reuniões, o Cristo Redentor, instalou uma sala de recursos audiovisuais, com capacidade para mais de 100 alunos, que foi inaugurada em 28 de julho, sendo entregue a chave à Irmã Maria Antonia como um presente pela passagem do seu aniversário, ocorrido no dia anterior. A preocupação com as questões pedagógicas eram visíveis, e as religiosas buscavam todos os recursos que contribuíssem para a continuidade do trabalho que estava sendo realizado. Assim, houve a participação de Irmã Maria Antonia Franco (diretora), Irmã Mercês de Andrade (coordenadora) e Ana Cristina Moreira (supervisora), em Maceió, em um encontro sobre Planejamento Participativo, sob a responsabilidade de Maria do Socorro Souza, membro da OFINART⁴³, de Fortaleza, e da AEC. Nessa ocasião também aconteceu um encontro, em Natal, com a equipe do Serviço Religioso (SER) cuja participação contou com a presença de Irmã Expedita, das professoras Grinaura Dantas e Valéria. Naquele momento, era possível ver a presença de professoras leigas no ensino religioso, pois o aumento do número de alunos ficou desproporcional ao número de irmãs que trabalhavam na educação religiosa, o que conduziu à aceitação do trabalho dos leigos.

A equipe Pedagógica da PRONEVES proporcionou um encontro para os professores das áreas humanas, de ciências e matemática; para tanto, a Irmã Maria

⁴³ Oficina de Artes Pedagógicas.

Antonia Franco conduziu um grupo de 11 professores até Natal. O encontro teve o objetivo de proporcionar debates e planejamento das novas tendências educacionais, por área de conhecimento, para todos os professores da Província. Era, sem dúvida, uma forma de intensificar as atividades pedagógicas, não só o colégio, mas, sim, a Província.

Nos esportes, os alunos participaram dos Jogos Escolares de Palmeira dos Índios (JEPI) cuja solenidade aconteceu, mais uma vez, no Ginásio de esporte do CECR. Logo após o evento, os atletas, foram acompanhados pela diretora e por um grupo de professores, a Açu-RN, com a finalidade de participar dos IV Jogos da Província Nossa Senhora das Neves. Naquele mesmo mês aconteceu um encontro para bibliotecárias, que contou com a participação de uma representante do CECR. Em meio a todas essas atividades de planejamento pedagógico, do esporte, de áreas de conhecimento, da tesouraria, biblioteca e do serviço religioso, as atividades realizadas com e para os pobres também tiveram seu lugar de destaque. Foi realizada grande campanha, através de uma gincana, com arrecadação de roupas e selos. Foram arrecadados 8.445 selos usados que foram enviados para a Europa, para serem revertidos em ajuda financeira para a Missão das Filhas do Amor Divino na África.

Chegaram ao colégio, em 1996, quatro jovens: Débora, Maricélia, Cristiane e Márcia, de Arapiraca, cidade vizinha, para dar entrada no Juvenato, em Natal – o juvenato é um período que corresponde ao primeiro passo em preparação para a vida religiosa. Observa-se que não eram jovens alunas do Colégio Cristo Redentor, fato que confirma o que Irmã Maria Nivalda Vasconcelos Montenegro, havia colocado sobre a importância das irmãs missionárias. Acerca desse assunto foi entrevistada a Irmã Maricélia que, antes dos votos perpétuos, morou em Palmeira dos Índios, assumiu o cargo de vice-diretora e, hoje, é diretora do Colégio Nossa Senhora das Vitórias, em Açu-RN.

A opção religiosa é anterior às Filhas do Amor Divino. Mas, diante de vários carismas que eu conheci, o que mais me chamou a atenção foi o delas. Algumas jovens e eu fomos conhecer as Irmãs Franciscanas de Santo Antonio, em Palmeira dos Índios, mas, essas estavam em retiro e não puderam nos receber. Porém, fomos informadas que havia outra escola bem grande, de freiras, e fomos para o Cristo Redentor. Era o dia da ordenação de um Padre, o coral que estava cantando era da minha cidade (Arapiraca) e nos encontramos no ginásio com irmã Adelita. Na verdade, a minha opção não era escola. Mas, fui a Natal, e me encontrei com Irmã Selma, que mostrou outras perspectivas, e em poucas palavras me convenceu quando disse: "Olhe, você está conhecendo uma ponte do nosso carisma, que é ser filha do amor, portanto onde estiver o amor, aí está a filha do Amor Divino", e isso definiu a minha decisão. Não é o meu fazer, mas, sim, é o meu viver.⁴⁴

As palavras da Irmã Maricélia deixam claro que a presença das religiosas é importante, mas que mais importante ainda é o carisma, visto que ela já havia conhecido outras congregações, e o que mais lhe chamou a atenção, foi como fora apresentada à outra "ponte do carisma". Faz-se necessário enfatizar que mesmo não tendo a Irmã Maricélia, a princípio, interesse pela área educacional, fez vestibular para Pedagogia na UNEAL, concluiu o curso, fez votos perpétuos e hoje assume uma escola de grande porte.

O ano letivo de 1997 teve início com as atividades de planejamento com todos os professores, sob a coordenação de Ana Cristina Moreira, para dar as primeiras orientações acerca da elaboração do Projeto Político Pedagógico (PPP) do CECR, visto que todas as escolas da Província estavam iniciando essa atividade.

Para a semana dedicada à mulher foi elaborada uma vasta programação, com palestras, como "A mulher educadora", pela Secretária de Educação do Município, Josefa Pinheiro, "Doenças sexualmente transmissíveis", pelas médicas Tereza de Burgos e Zuleide Calixto, "Cuidados que a mulher deve ter com a saúde", por Dr^a Irene Márcia Cavalcante, "Direitos e deveres da mulher", por Dr^a Célia Margarida e, para encerrar o ciclo de palestras, foi convidada a prefeita, Maria José de Carvalho Nascimento, que abordou o tema "A mulher na política".

Naquele ano, os V Jogos da Província foram sediados no CECR, com a participação de centenas de alunos de Natal, Caicó, Areia Branca, Currais Novos,

⁴⁴ Entrevista com Irmã Maricélia, realizada em março de 2013.

Patos e Açú. Na solenidade estavam presentes as diretoras dos colégios, autoridades locais, a Superiora Provincial, Irmã Nivalda Vasconcelos Montenegro, e Dom Fernando Lório Rodrigues, Bispo Diocesano. Para a realização das atividades durante os jogos foram organizadas equipes de trabalho.

Em 1997, registrou-se notável inadimplência, fato que, a cada ano, vem se agravando. Para receber a ajuda necessária, a escola buscava o sindicato para colher as orientações cabíveis.

3.11 A NOVA LDB 9394/96 E AS PARCERIAS PARA A REALIZAÇÃO DE GRANDES EVENTOS

Para realizar um estudo sobre a LDB, a Irmã Mercês foi a Maceió, com um grupo de professoras, para discutir as mudanças propostas pela 9394/96. Também foram a Irmã Maria Antonia Franco e Ana Cristina Moreira, junto com o Dr. Roberto Dornas, que, apesar de deixar clara a flexibilidade da Lei, lembrou que era necessário saber colocá-la em prática e utilizar suas nomenclaturas de forma adequada.

A festa das mães de 1998 foi comemorada de forma diferente, visto que foi firmada uma parceria com a Rádio Palmeira FM, após uma reunião com seu diretor, Roberval Melo, Irmã Maria Antonia Franco e Ana Cristina Moreira. A proposta era de um mega evento, não só para o colégio, mas para a cidade, com o tema “Comunicação e educação unidos em ação”, tendo momento de fleches de reportagem sob a responsabilidade de Ana Cristina. A programação também constava de campanhas com os alunos para arrecadação de alimento para cestas básicas para as mães pobres, e doação de eletrodomésticos, feitas pelo comércio, para serem sorteados.

Foram arrecadadas mais de uma tonelada de alimentos não perecíveis. Esse tipo de trabalho envolvia toda a escola, e a sociedade de um modo geral; era, também, uma forma de os professores usarem da criatividade e trabalharem a Matemática, a Sociologia, o Ensino Religioso, Cidadania, Geografia e assuntos da

atualidade relativos às condições de vida das pessoas, diferentes classes sociais, moradia, saneamento, entre outros.

O colégio se preparou para realizar um trabalho interdisciplinar, contextualizado com todas as turmas sobre a copa, em 1998, sempre colocando os valores cristãos como referência. No mesmo ano os atletas foram participar dos jogos da Província, desta feita em Patos-PB. Os pais acompanharam as notícias em tempo real, pela rádio, através de flashes feitos por Ana Cristina. A partir do mês de novembro, Irmã Maria Antonia começou a planejar a construção do parque aquático do colégio, viabilizando uma melhor preparação dos atletas, uma vez que seria criada mais uma modalidade com as aulas de natação. Naquele ano, o colégio participou dos jogos promovidos pela AEC, que aconteceram em Maceió; apesar de estarem mais ligadas aos Sindicatos, não deixavam o vínculo, pois, de certa forma, identificava-se com seus propósitos religiosos.

Em 1999 outras mudanças aconteceram nas questões pedagógicas: o colégio passou a adotar módulo de um cursinho de Maceió (Marcelo Cursos), objetivando acompanhar as mudanças do Processo Seletivo Seriado (PSS), que, a princípio, apresentou uma boa proposta, pois os alunos iriam ser avaliados a partir do 1º ano do ensino médio, com médias somatórias nos três anos do ensino médio, podendo o mesmo se inscrever no curso de sua preferência e concluindo com a redação. O grande problema estava na pontuação, pois cada questão errada anulava uma certa, podendo também o aluno optar pela questão em branco. A avaliação também apresentava questões abertas. Além das apostilas, os professores do referido cursinho vinham periodicamente para ministrar 'aulões' em preparação para o simulado realizado no colégio. A princípio, a Irmã Maria Antonia percebeu a necessidade de contratar um psicólogo educacional para trabalhar as questões de dificuldade na aprendizagem. Para o preenchimento de tal necessidade foi contratada Roseane Raposo, ex-aluna do colégio. Também se pensou em realizar encontros com professores e funcionários, com a presença da psicóloga realizando dinâmicas de grupo que viessem a facilitar o trabalho dos professores.

Nesse contexto ainda coube um estudo com a temática "Educadores e Filhos e Filhas do Amor Divino". Na verdade foi uma forma de proporcionar aos professores

um pouco da afetividade de Madre Francisca, como professora, e mostrar que deve haver normas, disciplina, porém, regadas de amor e respeito aos jovens. A participação assídua dos jovens era uma meta que todos tinham que cumprir, através das aulas, das atividades sociais como a parceria com a emissora de rádio que possibilitava, não só aos professores, mas aos jovens, falar na rádio, participar das campanhas e conhecer outras realidades sociais. Na sala de aula todos os professores tinham subsídios para realizar um trabalho interdisciplinar coordenado por Ana Cristina, com o apoio da direção do colégio e dos pais.

O São João foi comemorado de forma diferente, ou seja, pela primeira vez os alunos do diurno e do noturno participaram, no mesmo horário, da festa junina. Naquele ano não houve bilheteria, visto que o objetivo era reunir todos os alunos do CECR, independente do nível ou do horário que estudavam. Ainda no mês de junho 118 atletas participaram dos jogos da província, que aconteceram em Natal, onde obtiveram o 3º lugar geral, o que foi considerado um bom resultado para o colégio, já que o propósito era a integração da família. Na segunda semana de agosto foram realizados os jogos internos para os pais dos alunos, com natação e futsal. A programação constou de desfile dos atletas, torcida organizada das famílias, juramento e, por fim, a entrega das medalhas. Foram momentos marcantes entre família e escola.

Quanto à Feira de Ciências, que já estava em seu 11º ano, teve uma modificação na estrutura para atender as necessidades e inovações do momento. Assim, passou a ser Semana Cultural, desta feita trabalhando um tema geral – o Nordeste brasileiro. Logo após o encerramento da Semana Cultural aconteceu, nas dependências do colégio, a comemoração ao dia do radialista, com o Programa “A vez do povo”, sob a responsabilidade de Josmário Silva, na técnica José Maria (Zé do Forró) e direção de Roberval Melo. O estúdio foi montado nas dependências do colégio, recebendo convidados que falaram sobre a importância do rádio, da educação, e dos problemas que afligem o povo, como saúde, segurança e administração pública. É bom salientar que naquele momento a escola estava dando uma oportunidade a seus alunos de questionarem, falarem em público e argumentarem com as autoridades presentes. Era um grande momento para a educação, pois, além de ouvir, o aluno podia se pronunciar, questionar e sugerir.

4 CENTRO EDUCACIONAL CRISTO REDENTOR: ABORGAGEM SOBRE A CONTEMPORANEIDADE E SUAS PERSPECTIVAS (2001-2013)

4.1 O SÉCULO XXI

O século XXI trouxe consigo um novo olhar para o mundo. As revoluções, o capitalismo, o uso da tecnologia e a corrida da humanidade em busca do ter mais, contribuíram para o distanciamento do ser e para o aumento desordenado da desigualdade social. Tais elementos passaram a ser os fios condutores do momento. Em tal contexto o Centro Educacional Cristo Redentor iniciou sua trajetória no novo século. Diante de todas as mudanças que ocorreram e estão ocorrendo, fica o questionamento acerca do caminho que deverá ser trilhado pela escola católica. Durante vários anos as religiosas conviveram com jovens, que, em sua maioria, foram educados de forma rígida, tendo a obediência como referência. Além da família, outra aliada foi a conjuntura política do país que também contribuiu para isso. É só destacar que quando as religiosas chegaram a Palmeira dos Índios, era final da Segunda Guerra Mundial e o cenário era de preparação para a Guerra Fria, uma guerra intelectual onde o terrorismo, a propaganda e a briga pelo poder entre as potências mudou a conjuntura mundial; além disso, posteriormente, o país conheceu a ditadura militar.

Enquanto isso, as irmãs recebiam as notícias das religiosas de sua Congregação que, em decorrência dessas mudanças, estavam enfrentando situações difíceis em outros países. No Brasil não foi diferente. O período foi marcado pela crise de 1929, que mudou a política do café, pela estratégia usada por Vargas para dar uma condição melhor ao país, pela luta contra a discriminação social, econômica e racial. Depois vieram a ditadura militar, a corrupção, o alto índice de violência, a escalada no consumo de drogas, a falta de limites dos pais para com os filhos... Em tal contexto, como estava a situação da religião? A liberdade religiosa e o aumento de adeptos de outras religiões também faziam parte do cenário. E como estava o jovem? Quais as ferramentas educacionais e religiosas que a escola poderia utilizar para atraí-los na era da tecnologia e da liberdade? Esse foi o contexto vivido pelo Centro Educacional Cristo Redentor na virada do século.

4.2 CENTRO EDUCACIONAL CRISTO REDENTOR

Foto 13

Fachada principal do Centro Educacional Cristo Redentor



Fonte: Acervo do Centro Educacional Cristo Redentor.

Iniciou-se 2001 com o período de matrículas. Curiosamente, no livro de Crônicas iniciado em janeiro de 1995, à folha 113, há a seguinte frase: “os pais não estão preocupados com a educação dos filhos”. Sobre essa afirmação Irmã Maria Antonia, diretora da época, relata:

Fiquei muito preocupada com os fatos que estavam acontecendo, pois desde a medida provisória do Governo Federal, em 1994, de certa forma a escola privada perdeu parte de sua autonomia administrativo-financeira, visto que a maioria dos pais parecia não estar se sentindo obrigado a cumprir os compromissos com a escola dos filhos e, assim, a instituição ficava sem poder fazer quase nada. Tinha que liberar documentos, notas e, até, em certas ocasiões, renovar a matrícula... Enquanto isso aumentava o índice de inadimplência. No mesmo patamar, encontravam-se os professores e funcionários que precisavam receber o salário do mês trabalhado e a escola não estava podendo honrar. Para amenizar a situação, redigi e enviei várias circulares para os pais, mostrando que deveríamos trabalhar em parceria, pois no processo educacional, eles são corresponsáveis e não podíamos trabalhar sozinhos. Foi uma situação difícil que acarretou em uma crise, o que contribuiu para o fechamento e a não abertura de novas escolas no país.⁴⁵

Diante dessa situação a escola só tinha uma opção: negociar as dívidas com os pais, esquecer os juros e até mesmo alguns débitos, na esperança de que, a partir daquele momento, fosse priorizado o pagamento da escola. A escola foi-se

⁴⁵ Entrevista com Irmã Maria Antonia Franco, Diretora do Centro Educacional Cristo Redentor, realizada em 05 de novembro de 2013.

adequando a essa situação. Alguns pais pediram transferência, e foram fazendo uma espécie de rodízio nas escolas da cidade, pois, nada impedia que seu filho estudasse em uma escola privada, visto que recebia as notas e toda a documentação da escola em que ele estava inadimplente, não havendo sanção para quem praticasse esse tipo de ação.

No mesmo ano, o Governo Federal lançou uma campanha de contenção de energia, deixando a escola atenta ao desperdício, fato que afetou diretamente o uso do ginásio de esportes que se utiliza de vários refletores para a realização de jogos noturnos (em regime de aluguel). Ainda no período as coordenadoras, Irmã Arcângela Monteiro e Adriana Melo, reuniram os pais da Educação Infantil, mais especificamente dos Doutores do ABC⁴⁶, para sugerir contenção de despesas na festa de formatura, tendo em vista toda a situação que estavam passando.

A virada do século foi um momento esperado, mas muito delicado, propício para reflexão e planejamento, pois muita coisa era incerta, inclusive a continuidade da escola católica, devido aos novos padrões impostos pela sociedade alheios à identidade da mesma.

4.3 AS PARCERIAS

A diretora do Centro Educacional Cristo Redentor (Irmã Maria Antonia Franco), optou por fazer parcerias com entidades que contribuíssem para que a escola oferecesse algo mais na área educacional. Entre várias, pode ser citada a parceria com a Fundação Universidade Estadual de Alagoas - FUNESA, hoje UNEAL. A escola oferecia a estrutura física e tudo que fosse necessário para a realização de 'aulões', ofertados para alunos de escolas públicas em preparação para o vestibular, através de projeto de extensão. Enquanto, a IES trazia alunos das turmas concluintes das licenciaturas para ministrarem as aulas, e a escola ganhava, pois seus alunos participavam e intensificavam os conteúdos do vestibular. As aulas aconteciam aos sábados. Outra parceria, já citada anteriormente e que continuou por vários anos, foi com a Rádio Palmeira FM, no

⁴⁶ Termo atribuído as crianças de faixa etária entre 5 e 6 anos, que concluíam o pré-escolar já alfabetizadas.

programa do locutor Josmário Silva. A rádio pertence à família Gaia, composta de vários ex-alunos que, hoje, assumem funções diversas no Estado, como o de deputado estadual (Edval Gaia), empresários etc. Os microfones eram utilizados, não só para comunicar à sociedade as inovações da escola, também para realizar programas ao vivo, diretamente do colégio, com a participação de alunos e professores, bem como para convocar a população a participar de projetos sociais promovidos pela escola.

Atualmente a Rádio Sampaio FM é a responsável por essa atividade, através programa “Nosso encontro”, sob a responsabilidade de Edvaldo Silva, que conta com a colaboração do repórter externo Rafael Santos. Nele há explanação de temas relativos à situação vigente e, em entrevista ao vivo, Edvaldo e Ana Cristina debatem e contextualizam o processo educacional vivenciado no Cristo Redentor. O proprietário da referida rádio Gileno Sampaio é ex-aluno do colégio.

Também pode ser citada a parceria com a Faculdade Católica São Tomaz de Aquino, que funciona no Seminário Diocesano, sob a responsabilidade do Padre Antonio Melo. Nesse trabalho, os alunos do curso de Educação Física, usam algumas dependências do colégio (laboratório, piscina e ginásio) e, quando necessário, atuam como monitores em eventos como Semana da Criança, Festa do ex e sempre aluno, ou mesmo em atividades destinadas aos pais ou às mães. Podem ser citadas outras atividades, como grande shows (The Fevers, entre outros), e a realização de trabalhos sociais em parceria com o empresário Almir Correia, representante da coca-cola, com distribuição de alimentos em comemorações como Festa das mães, Semana da Criança e Natal, para crianças das creches.

Sobre a importância dessas parcerias Irmã Maria Antonia relatou:

Sempre tive em mente que não podemos trabalhar sozinhos, daí optei pelos parceiros, pois eles nos ajudam a intensificar o nosso trabalho e a oferecer o que nós, sem eles não ofereceríamos. Assim também, eles (parceiros) são beneficiados. Na verdade é uma troca proveitosa que dá certo para todos.⁴⁷

⁴⁷ Entrevista com Irmã Maria Antonia Franco, diretora do Centro Educacional Cristo Redentor, realizada em 05 de novembro de 2013.

Verifica-se que, apesar de não optar pelo capitalismo desenfreado, adota técnicas desse sistema que geram propagandas, lucros e benefícios para ambos.

4.4 ASSOCIAÇÃO DAS ESCOLAS CATÓLICAS (AEC) E OS SINDICATOS DAS ESCOLAS PRIVADAS

Desde a fundação da AEC, que as escolas católicas foram-se tornando membros associados. Essa associação, conforme já foi citado, foi fundada com o objetivo de trabalhar especificamente com as escolas católicas tornando-se uma entidade que congregava anseios e perspectivas comuns. Irmã Maria Antonia Franco e as diretoras anteriores participavam assiduamente de todas as reuniões e encontros que aconteciam em Maceió, além dos congressos da referida associação em outras capitais do país. Segundo a Irmã Maria Antonia Franco, a AEC de Alagoas era muito ativa quando estava sob a direção de Padre Manoel Henrique, mas, após o afastamento dele, a maioria dos dirigentes era formada por leigos, o que mudou consideravelmente o perfil da AEC de Alagoas. Fato que contribuiu para que ela cancelasse o convênio existente entre as duas entidades. Sobre esse assunto cita-se:

Muitos colégios, forçados pela crise de sobrevivência, veem-se forçados a olhar mais para os sindicatos do que para a CNBB e a própria AEC, associação que os congrega. Sentem, além disso, a dificuldade em dar prioridade à pastoral e de criar condições de uma formação de qualidade aos seus educadores, tanto religiosos como leigos. (LIMA, 1995, p. 297).

A partir do momento em que houve o enfraquecimento da AEC de Alagoas, fato que também aconteceu em várias partes do país, segundo registros da própria AEC, as direções das escolas optaram pelos sindicatos, mesmo que esses não oferecessem o perfil da entidade católica. Porém, as situações vigentes forçavam as diretoras a tomarem decisões e a AEC não apresentava uma política que atendesse a essa necessidade. Sobre esse fato Irmã Maria Antonia Franco relata:

Fiz opção pelo Sindicato das escolas privadas, em virtude de que ele nos dá um suporte legal que faltava na AEC. A dinâmica da escola é muito grande, e apesar de primar pelos valores cristãos, trabalhados na AEC através de debates, encontros e reflexões, fui obrigada a participar assiduamente das reuniões e encontros do Sindicato, pois esse esclarece toda e qualquer situação que a escola tenha dúvida de como agir, principalmente no campo jurídico, que é amplo e cheio de entrelinhas, contribuindo para inúmeras interpretações. Com o sindicato recebo o suporte necessário e sinto-me segura para agir, quando necessário, apesar dos entraves.⁴⁸

A AEC se preocupou em atuar nas questões religiosas, promovendo encontros, palestras, discussão de textos e algumas atividades voltadas à área pedagógica, como já foi citado. Mas, o que contou, foi a necessidade das escolas em terem suporte legal, visto que a cada dia sai uma notícia que faz referência às questões da política administrativa das escolas privadas. Em virtude de todos esses fatos, os Sindicatos das Escolas Privadas tomou espaço considerável em Alagoas. As reuniões acontecem com frequência, na capital alagoana, tendo a participação assídua dos diretores e representantes das escolas filiadas.

4.5 A ESCOLA NOTURNA CASTRO ALVES

A escola noturna foi um marco na história do colégio, no que se trata de atividades assistenciais. Em outros capítulos já foi referenciada, apresentado o trabalho realizado sob a coordenação de Irmã Tadeá Moreira. Muitos professores tiveram sua primeira experiência como docentes na escola noturna, na qual ganhavam um valor irrisório, mas tinham a satisfação em dizer que, apesar da pouca idade, já eram professores. Os alunos os acolhiam com respeito, e na escola registravam-se alguns problemas, como muita repetência e evasão, devido ao regime de trabalho dos alunos. Outros migravam para maiores cidades do país em busca de emprego. Segundo o Sr. José Vieira da Silva, ex-aluno da referida escola, “foi uma grande experiência, pena que não continuei, mas o pouco que estudei, até a 4ª série, contribuiu para muitas coisas na minha vida.”⁴⁹ A escola também estava

⁴⁸ Entrevista com Irmã Maria Antonia Franco, realizada em novembro de 2013.

⁴⁹ Conversa informal com o Sr. José Vieira da Silva (Presidente do Sindicato dos taxistas de Palmeira dos Índios), travada em dezembro de 2013.

atenta à preparação espiritual, não faltando encontros, preparação para os sacramentos, coma a primeira eucaristia e mesmo para o batismo de alguns alunos. Também eram incentivadas algumas diversões, pois eles e Irmã Tadéa participavam de eventos promocionais para ajudar o colégio, como São João com bilheteria, barracas de alimentos na festa da padroeira e, às vezes, colocavam barracas no parque de vaquejada (São José). Tendo em vista as mudanças da legislação educacional, a nova lei trouxe o Ensino de Jovens e Adultos (EJA), destinado à mesma clientela da escola noturna, contribuindo para a redução do número de alunos. O EJA era totalmente grátis, e o espaço de tempo reduzido para a conclusão do Ensino Fundamental. No dia 04 de fevereiro de 2002, Irmã Maria Antonia Franco, como Diretora do Centro Educacional, resolveu fechar a escola noturna Castro Alves. Sobre esse assunto ela esclarece:

Quando cheguei, em 1994, a escola noturna funcionava como escola de caridade. Os professores não tinham vínculo empregatício e só recebiam uma pequena taxa dos alunos. Ficamos sem alunos estagiários do Pedagógico, pois esse já havia sido extinto com a nova LDB. Portanto, para não ficar com professores sem receber um salário digno e sem ter vínculo, preferi contratá-los de acordo com a CLT. Os quatro professores ensinaram alguns anos, mas, em 2002, oficializei o fechamento da escola, na certeza de que a missão tinha sido cumprida. A partir daquele momento, o governo já estava oferecendo política pública para que alunos como os nossos da escola noturna, tivessem condições de ler o mundo.⁵⁰

No depoimento de Irmã Maria Antonia percebe-se que as mudanças da LDB e a atuação do governo – que implantou políticas públicas para uma geração de jovens e adultos que estavam analfabetos no Brasil – foram os fatores determinantes para o fechamento da escola noturna.

4.6 CENTRO CÍVICO

Antes de existir o Centro Cívico, havia o Diretório Estudantil. Este realizava movimentos, festas e participava de atividades da escola representando os alunos. Mas a equipe gestora, achou melhor a nomenclatura Centro Cívico; a entidade era

⁵⁰ Entrevista realizada em novembro de 2013.

atuante e contava com uma religiosa ou um professor para coordená-la. Em entrevista, o ex-aluno José Clovis Leite, que foi presidente do Centro Cívico relata:

Naquela época, década de 80, os alunos que vinham de outra escola que não tinha uma formação religiosa, como no Cristo Redentor, encontravam algo muito diferente. Eu já havia tido uma experiência no colégio Pio XII, com os padres. Todo o rigor e disciplina implantados pelo Cristo Redentor foram muito bem absorvidos por nós. Porque em detrimento de todo rigor do ensino e das orientações educacionais, tinha o carinho daquelas irmãs que, para nós, pareciam santas, até pelas vestes. Mas elas nos davam oportunidade de mostrar para a sociedade a nossa contribuição, para nós mesmos e para Palmeira dos Índios, devido ao contato e ao incentivo que recebíamos. A eleição foi disputadíssima e a minha chapa venceu, foi uma grande alegria e eu era “o presidente”. Tivemos o apoio do colégio inteiro. Ser presidente do Centro Cívico foi uma das melhores experiências da minha vida. Apesar dos tempos mudados, ainda hoje acredito que é uma ajuda e um incentivo para as famílias como um todo, e para o pai que tem seu filho numa escola como o Cristo, pois, além do ensino, recebem a formação educacional para a cidadania e, certamente, terão um pouco de mais de respeito ao outro, de amor a Deus e à Igreja. A religião fazendo parte do contexto beneficia, como um todo, o cidadão que por lá passar.⁵¹

Apesar do rigor da disciplina percebe-se que era uma experiência positiva para os jovens. Na verdade, entende-se que a pedagogia defendida por Madre Francisca, não era a da tirania, mas, sim, a do rigor com amor. E o entrevistado deixa refletir em suas palavras o rigor, a disciplina e a formação quando exalta a dimensão religiosa como um dos pilares. Irmã Maria Antonia Franco narra sua experiência com o Centro Cívico:

Na segunda metade dos anos 90, o Centro Cívico havia sido desativado. Tentamos reativá-lo dando incentivo aos alunos, conversando e mostrando que nós precisávamos de jovens ativos e atuantes, mas que tivessem uma conduta diferenciada, ou seja, do jovem cristão, que pudesse dar o exemplo pelo exemplo, através de suas ações, agindo com coerência. Naquele momento, o que queríamos não era quantidade e, sim, qualidade, visto que alguns não se identificavam com o perfil desejado, ainda serem trabalhados. As lutas, as reivindicações e as ações devem apresentar uma linha de conduta esperada e cobrada pelas famílias e sociedade, por parte de alunos que estudam em uma escola católica.⁵²

⁵¹ Entrevista realizada em outubro de 2013.

⁵² Entrevista realizada novembro de 2013.

Os centros cívicos são de grande importância, visto que são o grito dos alunos, a oportunidade de o jovem sentir-se corresponsável pelo fazer e agir dentro da escola: ser líder no sentido amplo do seu significado. Essa temática trabalhada na escola, especialmente na católica, tornou-se diferenciada, em virtude de que, assim como na vida, ser livre não significa fazer o que se quer, mas, sim, o que deve ser feito, para si e para os outros. A responsabilidade do gestor de uma escola é incalculável, em se tratando de administrar possíveis conflitos gerados por representação de alunos, mas especificamente de grêmios estudantis ou centros cívicos, visto que eles buscam ser a voz da maioria. Diante disso, alguns alunos questionavam ao ponto de exigir a liberdade de ação total, ficando sob a responsabilidade da direção e da equipe pedagógica atuar no sentido de amenizar, se fazer entender e explicitar o perfil do jovem como membro da escola católica, que deve ser diferenciado daquele que começa reivindicando e termina perdendo o sentido da ação. Na verdade, era preciso deixar claro que eles estavam em uma escola que tem a tarefa de ensinar e educar atrelada aos valores cristãos. Sobre essa missão, assim falou o ex-aluno Caio César Araújo de Almeida, graduando em Administração na UFAL:

Acredito que fomentar a liderança atrelada à educação é um recurso sólido para o desenvolvimento da instituição e do aluno. Compreendi que o exercício da liderança converte planos em realidade. Ser líder estudantil não foi exatamente uma escolha, mas algo que aconteceu naturalmente quando surgiu a preocupação em coordenar um grupo, em função de um objetivo comum. É certo que a experiência adquirida no Centro Cívico auxiliou nas decisões sobre meu futuro profissional⁵³.

Nessa perspectiva foi lançado, pela Província, um movimento que tem o objetivo de preparar os jovens líderes, desde os representantes de sala aos membros do centro cívico. Assim, o Centro Educacional Cristo Redentor ativou seu centro cívico com jovens atuantes que participavam de movimentos da Igreja, atuavam como representantes dos alunos em situações diversas, na escola e fora dela. Lideravam movimentos que contribuíam para que eles (alunos) passassem mais tempo na escola, mesmo que em atividades de lazer e reflexões. Não faltavam

⁵³ Entrevista realizada em dezembro de 2013.

as reuniões periódicas com a presença de Ana Cristina de Lima Moreira e Lauro Pereira Neto, atual psicólogo do colégio, que, nos últimos anos, atuou como coordenador do referido movimento.

4.7 O ENCONTRO DE LÍDERES

As escolas da PRONEVES, percebendo a necessidade da participação dos jovens, em uma ação conjunta organizaram encontros de líderes jovens; eles acontecem uma vez por ano, em cidades diferentes. Como o encontro é de todas as escolas da Província, ficou decidido que o primeiro seria na sede, em Natal, no Colégio Nossa Senhora das Neves, e, na ocasião, seria feita uma votação entre eles para decidir qual a próxima anfitriã. Após a decisão, geralmente há uma conversa com a diretora da escola escolhida que, oficialmente aceita ou recusa a indicação. Caso não seja positiva a resposta, são apresentados os motivos que impedem a escola de receber os jovens, e há o compromisso de outra oportunidade.

Nessa pesquisa também foi entrevistado o ex-aluno Cássio Raphael Araújo Gonçalves, que foi presidente do Centro Cívico na gestão 2010, “Liderando com competência e agindo para o futuro”. Ele discorreu sobre o que foi ser presidente do Centro Cívico:

Ser presidente do Centro Cívico foi receber o presente que sonhei como a maior responsabilidade da minha vida. Naquele cargo senti o peso da liderança, ao mesmo tempo em que aprendi grandes ensinamentos. Muitos deles foram obtidos nos encontros de líderes jovens de que participávamos todos os anos. Saber liderar, decidir e ouvir foi o que de mais importante aprendi para que eu estivesse pronto para entender e viver no mundo que me esperava.⁵⁴

Segundo os relatos de Cássio Raphael, são de grande importância os encontros de líderes. São momentos vividos na escola com lideranças jovens, preparados de maneira diferente da época do Clóvis Leite. A escola está atenta à necessidade de ter jovens líderes, consciente de que o rigor deve ser substituído pelo diálogo. O ex-aluno Miguel Luiz Moreira dos Santos (19 anos), em entrevista, explicitou a importância do ser líder como experiência profissional.

⁵⁴ Entrevista realizada em dezembro de 2013.

O grupo de representantes de alunos de que participei como membro do Centro Cívico, serviu para eu perceber a responsabilidade de ser um líder, mesmo jovem. Uma coisa muito importante foi falar em público – situação da qual muitas pessoas têm vergonha ou medo – e, entre outras coisas, os encontros, momentos de oração, as palestras e reuniões que servirão para a minha carreira profissional. Como sou estudante de Engenharia Civil, vejo que um engenheiro precisa, além do conhecimento na área, ser um líder para coordenar uma equipe, ou equipes. Foi muito importante ter passado por esse grupo de líderes jovens do Cristo Redentor, onde assumi os cargos de secretário de cultura e, depois, de vice-presidente.⁵⁵

Um jovem aluno do curso de Engenharia Civil consegue contextualizar o ser líder em sua nova caminhada. Miguel Luiz evidencia que treinar-se para falar em público, enfrentar situações e coordenar equipes também é preparação para a vida.

A terceira edição do Encontro de Líderes Jovens aconteceu no Cristo Redentor. É preparada uma programação bastante diversificada, geralmente os conferencistas são ex-alunos que ocupam posição de destaque como pessoa e profissional. Além disso, os conteúdos são decididos em assembleia dos líderes com a presença dos coordenadores dos grupos. Em Palmeira dos Índios, ficou decidido que as temáticas deveriam enfatizar a importância da leitura; para tanto, foi convidada a ex-aluna e ex-professora Isvânia Marques, escritora e presidente da Academia Palmeirense de Letras (APALCA), que proferiu palestra sobre a importância da leitura para os estudos e para o mundo. Também foram convidados a ex-senadora – e ex-aluna – Heloisa Helena, para falar da sua experiência como líder e da política nos dias atuais, e o ex-aluno Márcio Queiroz, coordenador de vendas dos Correios, em Palmeira dos Índios, que fez um relato acerca do que é ser jovem, partindo da sua experiência de vida, e da importância do ser como pessoa. Ainda participou, o ex-aluno Fabiano Passos, professor e assessor jurídico do Cristo Redentor, que falou sobre a religiosidade do jovem líder.

Em todos os encontros destina-se um momento para a participação dos jovens na Missa em ação de graças. Na programação também foi organizado um passeio pela cidade, para apresentação dos pontos históricos, e uma noite cultural na qual eles tiveram como tarefa fazer uma apresentação que representasse seu

⁵⁵ Entrevista realizada em dezembro de 2013.

estado ou município. Na abertura e no encerramento estiveram presentes todas as diretoras dos colégios da Província.

4.8 A CONSTRUÇÃO E EXECUÇÃO DO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO- (PPP) SEGUNDO A AEC E A LDB/96

Levando em consideração todas as mudanças que ocorrem na sociedade, Danilo Gandin, assessor da AEC, ressalta a importância de uma proposta de trabalho global na educação, mesmo entendendo ser uma tarefa com elevado grau de dificuldade. Ele enfatiza a luta do governo para promover meios que melhorem a educação embora não tenham sido alcançados resultados satisfatórios. Para ele, que é Mestre em Educação, a questão “é resultado da falta de clareza sobre a sociedade que queremos construir”.(GANDIN, 1995, p. 61)

A partir dessa afirmação, tem-se uma chave para o entendimento sobre as questões das crises, relatadas por Gandin, referentes às ocasiões em que as sociedades buscam algo novo ou tentam renovar. Assim, também a educação tem, ao longo dos anos, buscado melhorias para o processo educacional, que incidam nas estatísticas educacionais brasileiras. Porém, observa-se que quando a temática é escola pública vê-se que diminuiu a repetência e a evasão, aumentou o número de matrículas e houve redução no analfabetismo. Mas fica uma interrogação, visto que são dados estáticos expressos em números, e esses números nem sempre são compatíveis com a qualidade e, conseqüentemente, com a realidade.

Quanto à escola católica, ela vem se mantendo, ao longo de décadas, tentando de diversas maneiras atrair os jovens para uma educação de qualidade diferenciada, com uma proposta de não ser apenas conteudista, mas, sim, um espaço onde o aluno se sinta acolhido, onde receba conteúdos livrescos e conteúdos que não estão nos livros e requerem uma contextualização para não fugir àquilo que se faz necessário para ingressar no ensino superior e na vida. Toda essa problemática é desgastante e exige do processo educativo dinamismo tal que, às vezes, nos deparamos com situações que obrigam à adoção de certos modismos para se poder continuar no mercado.

Toma-se como ponto de partida a afirmação de Gandin, sobre a dificuldade que a educação tem para elaborar uma proposta clara e global, em virtude de não conhecer a própria sociedade, não saber o que quer, nem que cidadãos deseja para o futuro. Diante da situação, a AEC lançou a proposta de um projeto pedagógico conjunto e global:

A Associação de Educação Católica compreendeu isto como instituição e se propôs, sempre, um projeto pedagógico que foi se tornando mais consistente e claro no decorrer de seus cinquenta anos de existência, inclusive buscando ser proposta, sem desprezar os princípios, as circunstâncias que a sociedade apresentava. Este projeto pedagógico apresentava três partes que se inter-relacionam e formam um todo orgânico. Manifestam não apenas o ideal do "fazer pedagógico", mas, também a "proposta social" que lhe é suporte. (GANDIN, 1995, p. 62).

A partir desse momento as escolas da PRONEVES partiram em busca da construção do seu Projeto Político Pedagógico (PPP). As três partes do marco referencial citadas no texto acima são: Marco Situacional, Doutrinal e Operacional. Com o marco situacional as escolas teriam uma visão do mundo e de sociedade em que estão inseridas. No marco doutrinal, segundo Gandin (1995, p. 63), a associação assume uma proposta político-social e a fundamentada com a fé, com a filosofia, com a ciência e com a história. Quanto ao marco operacional, significa a ação, ou seja, se a escola tinha ou tem uma visão do mundo e da sociedade vigente; se já havia definido o ser humano ideal baseado na sua proposta, restava apenas delimitar como conseguir esse ser humano ideal. Para tanto, necessitava da educação libertadora. Essa que opta pela plenitude no ser humano, com a educação e os valores fundamentados no evangelho, no diálogo como instrumento de resolução de conflitos, e no trabalho de grupo onde se entenda e respeite a ideia do outro.

4.9 DIREÇÃO E EQUIPE DE APOIO

Para elaboração do projeto por todas as escolas da Província das Neves (PRONEVES), a coordenadora de educação da Província organizou um calendário de encontros em Natal, para a equipe de apoio composta de coordenadores e

psicólogo, tendo as diretoras total liberdade para escolher seus membros. Nesses encontros são discutidos os problemas, possíveis soluções, as propostas de inovação, mudança de material didático, projetos, troca de experiência e o cronograma anual dos eventos comuns.

Foto 14
Equipe de Diretoras e apoio Pedagógico da PRONEVES



Fonte: Acervo da autora

Ao retornarem para suas escolas, as equipes ficam responsáveis por encaminhar à prática as teorias abordadas e coordenar o encontro dos professores da escola onde trabalham. Para as primeiras reuniões em Natal, a coordenadora de Educação da Província e a Superiora Provincial contrataram uma equipe de Fortaleza para coordenar o grupo. O primeiro passo foi à elaboração do PPP da Província para ser o documento norteador das demais das escolas. Foi um grande desafio, porque a equipe deveria continuar seu trabalho diário na escola e, simultaneamente, realizar pesquisas para definir alguns pontos, bem como o histórico de cada escola explicitando as especificidades de cada uma, como pontos fortes, pontos fracos e nevrálgicos.

A partir de orientações de Estrela Fernandes, foi adotado o critério de que cada escola se responsabilizaria por uma tarefa no encontro, que, com antecedência, era enviada depois de ter sido discutida na reunião posterior. A equipe de alguma escola fica responsável em dirigir o encontro, apresentando a temática que já está no cronograma proposto pelo grupo. Todas as temáticas

discutidas são de relevância para a educação contemporânea. Para exemplificar citamos: sistema de avaliação, preparação para o vestibular, material didático, parcerias, uso da mídia, pesquisas de campo, eventos na escola, Encontro de Lideranças Jovens, Jogos da Província, Jornada de Professores, Congresso da PRONEVES, Convenção técnico-pedagógica, Encontro por área, Encontro da equipe do Serviço de Educação Religiosa (SER) e participação em outros eventos da área educacional.

Percebe-se que são muitas as estratégias para continuar atuando e atendendo a contento a clientela, que é bastante diversificada. Os Congressos da PRONEVES são para todos os professores da Província do Norte, ficando abertos para a participação das irmãs do sul do país que fazem parte da Congregação e alguns convidados. Os conferencistas são os mais renomados possíveis, como Celso Vasconcelos, Jussara Hoffman, Max Haetingeg, Estrela Fernandes e Hamilton Werneck, entre outros.

As jornadas dos professores acontecem todos os anos, por áreas de estudo, tendo um conferencista especialista na temática escolhida, e os outros momentos ficam sob a coordenação da equipe que está organizando, sendo trabalhados relatos de experiências e oficinas. Além desses eventos, acontece periodicamente o encontro da equipe responsável do (SER) e encontro para os professores da área do desporto no período que antecede aos Jogos da Província.

4.10 A ELABORAÇÃO DO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DO CENTRO EDUCACIONAL CRISTO REDENTOR

E quando se fala em Projeto Político Pedagógico, deve ser entendido que o termo é contemporâneo, visto como consequência da situação educacional do país ao longo dos anos. O Cristo Redentor, assim como as demais escolas, não tinha seu projeto político escrito, as ações funcionavam de acordo com as normas da constituição, depois das LDBs e atendendo as especificidades da escola, em âmbito

educacional metodológico, as solicitações da Igreja e a Missão da Madre. Após todas as reuniões de discussão e elaboração do projeto político da Província, cada escola ficou com a responsabilidade de elaborar o seu projeto, levando em consideração os critérios pré-estabelecidos nos marcos e tomando como base o PPP da Província, elaborado com as diretoras e equipe de apoio, sob a orientação de Estrela Fernandes e equipe. A princípio, não foi uma tarefa fácil, em virtude de que, como proposta de um projeto participativo, carecia de informações de todos os seguimentos da escola, o que demandava tempo e discussão em torno das questões que estavam sendo trabalhadas.

Segundo o PPP (2006,p.71) o entendimento das escolas PRONEVES é de que os fundamentos da proposta pedagógica devem estar contidos na perspectiva do Pluralismo Educacional definido no documento. Nesse contexto a tônica é a criticidade e adaptação às adversidades sem cair no dogmatismo ou no ecletismo pedagógico que pode não chegar a lugar nenhum. Para tanto foi necessário embasamento teórico que alicerçasse as prioridades elencadas como: Habermas, Piaget, Vygotsky, Paulo Freire, Wallon, Freinet e Morin. Faz também referência à pedagogia contemporânea quando afirma que ela é voltada para o futuro, destacando o saber como pluridimensional e portanto está em processo, é dinâmico e inacabado.

Foi gratificante ter em mãos o projeto pronto, mas em alguns momentos parecia que não daria para concluir, tendo em vista a liberdade de cada um em opinar, concordar ou discordar. Cada segmento – pais, alunos, funcionários, financeiro, técnico, pedagógico e administrativo – tem autonomia para falar e sugerir. No segmento pais e alunos o levantamento foi feito por amostragem, tendo eles recebido um formulário contendo questões relativas ao espaço físico, pontos nevrálgicos, questões pedagógicas, nível de satisfação e sugestões.

O projeto ficou pronto em 1997, e foi revisado em 2006, ficando aberto à revisão e análise todo o ano, sendo possível fazer mudanças a cada três anos, caso necessário. Os marcos foram trabalhados e, em síntese, destaca-se o situacional que retrata a sociedade que temos:

Enquanto a sociedade contemporânea protagoniza uma revolução ideológica virtual em que, de um lado é beneficiada pelas diversas possibilidades que viabiliza, como a diminuição das distâncias, a praticidade por ela promovida; constata-se, por outro lado, um esvaziamento na fé, um acentuado individualismo provocado pelo entendimento desse elevado fluxo de modernidade, o que vai, sem dúvida, colocar essa sociedade em constante necessidade de mudanças. (DOCUMENTO NORTEADOR - PPP, 2006, p.31)

O marco situacional apresentou uma visão clara da sociedade que estamos vivendo apontando pontos positivos e negativos. Ao mesmo tempo reconhece a importância da tecnologia, mas constata o individualismo e a falta de fé. Para ser trabalhado o marco doutrinal, era necessário identificar todos esses aspectos já citados, bem como que sociedade queremos e necessitamos construir, e que educação precisamos assumir. Essa identificação ficaria explícita no marco doutrinal ou filosófico:

Uma sociedade, portanto, inclusiva, democrática, plural e justa; ecologicamente sustentável; humanizada, humanizadora e solidária; pacífica e feliz; articulada e mobilizada popularmente; consciente, conscientizadora e reflexiva, capaz de superar as ideologias manipuladoras. (DOCUMENTO NORTEADOR – PPP, 1997/2006. p. 35):

O PPP sintetiza as discussões no que se refere às respostas das perguntas acima citadas que definem o marco doutrinal ou filosófico. Todavia, difícil não é apontar o que se quer, mas, sim, como conseguir tudo isso em uma sociedade capitalista, sem credo, sem fé e sem humildade. Se faz necessário apresentar a síntese do marco operativo com as seguintes indagações: Que alunos queremos formar? Que escolas devemos ter? De quais profissionais de educação necessitam?

Desenvolvendo um trabalho dinâmico e participativo, visando a formação de pessoas comprometidas com a construção de uma sociedade justa, fraterna e solidária. Optando por uma educação transformadora, crítica e atuante, que resgate os valores e a dignidade da pessoa humana. Construindo uma escola que valorize, respeite e acolha as diferenças individuais; onde a fé cristã seja prioridade; comprometida com a libertação e salvação da pessoa humana; onde o amor preferência pelos pobres norteie toda a ação educativa. Aberta ao diálogo que favoreça a participação e integração da comunidade educativa entre si, com as demais escolas e com a sociedade; que contribua para “unir”, numa síntese harmoniosa, o evangelho e a cultura, a fé e a vida”. (João Paulo II, *vita consecrata* nº 96 *apud* documento norteador – PPP, 1997/2006, p. 37).

A partir da delimitação dos três marcos todos os membros do Centro Educacional Cristo Redentor, as religiosas e leigos começaram a trilhar o caminho a seguir, atentos às especificidades locais. A realidade de uma região pode ser um entrave ou o ponto de partida para a aplicabilidade das estratégias que foram propostas. As escolas estão distribuídas em várias cidades e estados diferentes. Conseqüentemente, precisavam estar atentos ao PPP da Província e ao do seu colégio, pois esse reflete a realidade da escola e de sua sociedade.

As escolas da PRONEVES assumem uma educação crítico-reflexiva, humanizadora, científica e cristã, colaborando com a Igreja no processo de libertação e salvação da pessoa humana, levando-a a encontrar e/ou reencontrar os verdadeiros princípios, resgatando a crença numa ação evangelizadora não alienante, dinâmica, aberta ao diálogo e atenta aos apelos da humanidade. (DOCUMENTO NORTEADOR – PPP, 1997/2006, p. 36).

Fica evidente que a escola católica tem várias funções no contexto social. Ela assumiu a responsabilidade de tentar mudar, transformar, recuperar e inovar a sociedade. Ela não abre mão disso, em virtude de que seu viés é a religião, e assim, fica então na incumbência de conduzir a todos que por lá passarem através de ações diferenciadas das demais escolas.

Em síntese também faz referência a educação transformadora, crítica e atuante, que saia da reflexão par a ação concreta. Para o processo de evangelização opta pela libertadora, a formação contínua dos professores, o respeito as diferenças e ainda destaca que deve-se efetivar uma ação educativa para o amor preferencial aos pobres.

Para os princípios curriculares entende que é realmente o eixo norteador de todo processo educativo, que pode e deve ser construído e reconstruído quando necessário, pelo fato de não ser estático.

Diante do exposto percebe-se que há um crescimento gradativo nas ações propostas no PPP, mesmo não atendente as necessidades e as especificidades em sua totalidade.

4.11 A MÚSICA COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO

A música, durante muito tempo, foi um grande trunfo para o Cristo Redentor. Em décadas passadas saber tocar alguns instrumentos, principalmente o piano, era sinônimo de status. Como já foi relatado, eram muitas as alunas de piano e acordeom, também tendo destaque os instrumentos de corda. Mas a tecnologia chegou e não pediu licença, os teclados aos poucos tomaram o espaço dos pianos que, além de caros, eram para um público seletivo. A ex-aluna Cícera Germana, que foi uma das primeiras professoras de piano – discípula de Irmã Salésia Fernandes desde 1974 – ressalta:⁵⁶

Os alunos gostavam muito da música, principalmente piano que, na época, era uma coisa muito chique, quem estudava piano era a classe média alta, era status. Os pais pagavam mensalidade, incentivavam os filhos e no recital estavam todos para aplaudir. Depois diminuiu muito o número de alunos, creio que em virtude da escola oferecer outras atividades para eles, na área do esporte, da informática, dança, judô dentre outros e o teclado, que eu mesma não tinha afinidade. Irmã Salésia já usava e eu, só depois, quase que obrigada a fazer uso dele. Apesar dos pais incentivarem seus filhos, é preciso que tenha dom, não é tão fácil, precisa gostar e ter talento. Ainda hoje ensino com partitura, pode ser mais difícil, mas tenho consciência de que como é ensinado o aluno pode tocar qualquer música. É claro que leva um tempo. A música é importante para tudo, gosto muito de citar uma frase de Cândido: “Música significa o conjunto de todas as ciências que formam e educam o espírito.” E é verdade, quando você está triste a música pode descontraí-lo, inclusive ela é também importante para as outras disciplinas. Ela envolve tudo.⁵⁷

Tomando por base o depoimento da professora Cícera Germana, fica explícita a importância da música, inclusive para as disciplinas escolares. A LDB/96 faz referência ao ensino da música, obrigatório nas séries iniciais. É interessante saber que desde 1945 as religiosas deram início a tal ensino, acompanhando a evolução tecnológica, como citou a professora entrevistada. Nota-se, também, uma redução acentuada no número de alunos estudando música, principalmente do teclado, já que o de piano foi extinto. Atualmente, há certa preferência para os instrumentos de sopro, o que contribuiu para que a Irmã Maria Antonia Franco fizesse um investimento em recursos humano e material, contratando o Maestro

⁵⁶ Entrevista com Cícera Germana, realizada em 18 de novembro de 2013.

⁵⁷ Idem.

Wellington Augusto, que conta com ajuda do professor Marcelo de Araújo Sabino. Com o maestro foi fundado o Grupo Musical Cristo Redentor, com instrumentos de sopro; a banda deixou de ser marcial e passou a ser fanfarra, e está sendo implantada a banda fanfarra mirim. Dessa forma, percebe-se que a música, independente das exigências da lei, é uma constante no colégio desde a sua fundação, em 1944.

4.12 O ESPORTE

Desde o início da história do Centro Educacional Cristo Redentor, o esporte é um dos grandes pilares. No princípio, como a escola era só para jovens do sexo feminino, tornava-se uma grande atração, na cidade, as competições de bola pátria e vôlei. O vestuário para a prática também era diferenciado, pelo fato de que não era permitido às alunas usarem shorts ou mesmo bermudas que delineassem o corpo. Elas usavam enormes shorts-saia, com pregas e abaixo do joelho.

O tempo passou e as inovações no mundo da moda também, principalmente no figurino feminino. Os shorts-saia ficaram na metade da coxa, a blusa passou a ser de malha e não mais de tecido, facilitando a locomoção. Logo depois da inauguração da quadra de cimento (1969) já no prédio novo, irmã Marcelina deixou a coordenação dos esportes. O colégio contratou, então, o professor Cícero Mamede Bertoldo, o professor para o esporte, como já foi citado. Aconteceram vários campeonatos nos âmbitos municipal, estadual e nacional, tendo o colégio obtido várias vitórias. Houve necessidade da construção do Ginásio de esportes com capacidade para mais de três mil pessoas, fato que contribuiu para a realização de grandes eventos para toda a sociedade. A participação nos Jogos da Província ainda é uma constante em várias modalidades. A construção do parque aquático com uma piscina semiolímpica implicou investimento que, além de um sonho realizado, tinha o objetivo de viabilizar a participação dos alunos em outras modalidades esportivas. O colégio, ao longo dos anos, contratou vários ex-alunos

que se destacaram nas atividades esportivas para serem professores, bem como coordenadores.

Foto 15
Atividades esportivas e culturais no ginásio do CECR



Fonte: Acervo do Centro Educacional Cristo Redentor

Vê-se que o esporte é, de fato, um elo entre as atividades pedagógicas livrescas e o cotidiano dos alunos. No esporte o jovem pode intensificar seu talento como atleta, respeita regras, desenvolve espírito de grupo e luta contra o individualismo. Para tanto, a escola optou em realizar os jogos internos de uma maneira diferente, que não fosse campeã apenas a equipe que fizesse mais gols, que tivesse o maior número de vitórias.

Toda a equipe de coordenação planeja um macro projeto, geralmente para o primeiro semestre, tendo início no período do carnaval, com atividade que envolva a família, a sociedade e os alunos. Essas atividades intensificam campanhas já existentes, como as do trânsito, que tem o intuito de reduzir o número de acidentes por embriaguez, excesso de velocidade e direção perigosa, entre outras imprudências. Os alunos entregam panfletos, e no momento das orações realizadas no colégio, dá-se ênfase ao tema em foco. Logo em seguida vem a festa das mães, da qual geralmente as equipes participam com campanhas sociais; no São João acontecem os jogos, e outras tarefas da gincana, que movimentam os alunos envolvendo o tema da Campanha da Fraternidade e a realização da quermesse.

No final do mês de junho foi encerrado o projeto, contabilizando-se todas as tarefas realizadas. Mesmo com toda democracia, estava claro que se um aluno não

cumprisse com as regras estabelecidas e discutidas com os líderes de sala e com os padrinhos de cada turma – um professor – ele pode sofrer alguma sanção prevista no projeto, que vai desde a suspensão da participação do aluno nos jogos, ou da turma, caso a desobediência seja coletiva. Ainda pode acontecer a desclassificação total, sendo vetado o direito de receber a pontuação dada aos primeiros colocados e os pontos de participação. Esse planejamento tem como ponto de partida o esporte. Para registrar a importância do esporte na escola católica, foi entrevistada a ex-aluna e professora Maria das Graças Lisboa considerada uma das maiores atletas do Cristo Redentor:

A escola católica é de fundamental importância para a sociedade, principalmente para mulheres que deixam seus filhos em segundo plano, ficando a responsabilidade para a escola. Nessa situação, a escola católica supre algumas carências da família, com os princípios da moral e dos bons costumes. As mudanças são rápidas demais e se os pais não tiveram cuidado a desgraça está feita. Tudo o que eu sou agradeço a Deus, a minha mãe e ao colégio Cristo Redentor. Hoje tenho uma filha que faz ensino médio, e sempre digo que uma escola que oferece uma boa formação prepara melhor o jovem para a vida. O Cristo Redentor me preparou em tudo, o lado profissional para enfrentar vestibular, o ser mulher, pois foi no Cristo que aprendi a fazer trabalhos manuais, culinária, crochê e bordado. Para tudo tinha diploma, ensinava até como devíamos receber as pessoas em casa, lembro-me que fui a Natal para fazer uma espécie de curso sobre isso. Aprendi como sentar, como falar, andar, me vestir... É diferente, o estilo de roupa para a balada, a do dia a dia, a de ir a Igreja, até isso aprendi no Cristo Redentor e muito mais. Eu me sentia o patinho feio, a minha autoestima era lá em baixo e a Irmã Marcelina coordenava o esporte, foi quando me interessei. Deixei de ter medo através do esporte, enfrentei os meus medos interiores e a minha insegurança. Na verdade eu desabrochei, fiquei até atrevida. Na minha época eu era uma criança muito pobre, e para viver com aquelas meninas da classe alta de Palmeira era difícil, mas superei. Fui da seleção alagoana de handebol e fomos jogar em Brasília, quando voltamos, entrei na cidade em carro aberto com Mariângela Alcântara. Tudo isso me deu uma dose de autoestima, foram muitas oportunidades para que eu vivesse, aprendesse a superar as minhas dificuldades e buscar aquilo que eu quero.⁵⁸

O esporte pode ser considerado uma grande alavanca para o jovem, como a entrevistada citou, pois pode ajudar em várias situações, destacando-se, aqui, a autoestima. Outro ponto que deve ser evidenciado é o desenvolvimento da

⁵⁸ Entrevista realizada com a professora e vereadora Graça Lisboa em 14 de novembro de 2013.

psicomotricidade, os limites para os jovens, que é um dos grandes entraves na educação, na sociedade e na família.

4.13 A CONTEMPORANEIDADE

O Centro Educacional Cristo Redentor vem tentando acompanhar as mudanças propostas pela sociedade atual. Entende-se que não poderia ser diferente uma vez que significa continuar atuando no mercado. Um dos questionamentos é quanto à credibilidade e atuação, ou seja, sem o rigor disciplinar extremo, sem os trabalhos manuais e as aulas de excelência das boas maneiras, o que está sendo ensinado, o que está sendo feito? A aluna da primeira turma do colegial, Luzia Ferreira Valadão, em entrevista, deu ênfase à escola católica como referência, inclusive neste século.

A escola católica neste século enfrenta um grande desafio para permanecer como referência naquilo que é a sua principal meta: a formação do homem como pessoa amada por Deus e chamada a partilhar este amor com autenticidade e competência. Como a sociedade, de um modo geral, busca e se volta preferencialmente para a competência (e aqui destacamos a profissional) a escola católica é referência quando atende a este anseio das pessoas. Não resta dúvida que, como católica, esta escola tem por missão ser eficiente e cuidar de oferecer o melhor em educação, o que inclui oferecer um excelente ensino em todas as áreas, tanto religiosas, quanto profanas. Assim, percebo que, neste século, a escola católica não está sendo, como outrora, um referencial simplesmente por ser um local onde se ensina os valores cristãos. Ela é referencial se ao lado disto possui um bom quadro de professores e prepara bem os alunos para o vestibular.⁵⁹

A entrevistada apresenta argumentos confirmando que a escola católica ainda é uma referência na sociedade. Ela ressalta que “sempre foi muito observado o cuidado das irmãs em preparar as alunas (na época só mulheres) para a vida profissional, familiar e social”.⁶⁰ Já a exigência de hoje está pautada, sobretudo, na formação profissional.

⁵⁹ Entrevista com Luzia Ferreira Valadão, realizada em outubro de 2013.

⁶⁰ Idem.

4.14 OS DESAFIOS DO ENSINO RELIGIOSO

A formação religiosa é um dos pilares que sustenta a escola católica, visto que, sem esse alicerce, seria uma escola laica, que seguiria os parâmetros da lei ao ministrar, em suas dependências, o ensino religioso. O binômio Igreja e escola ainda é forte no Brasil. Dom Dulcêncio Fontes de Matos, Bispo da Diocese de Palmeira dos Índios esclarece:

A igreja existe para o anúncio do Evangelho. Porém, este anúncio não se dá como uma espécie de ação proselitista. Não, nunca! A atividade da Igreja na ação educadora é, levando adiante a missão do Evangelho, incutir no coração do homem por ela educado o anseio de Deus e, concomitantemente, encorajá-lo para a construção de um mundo melhor, baseado nos valores humanos aos quais a Boa Nova de Cristo o impele; valores que primam pela dignidade do homem, indiscriminadamente.⁶¹

A fala do representante maior da Diocese contribui para um melhor entendimento acerca da importância da Igreja para a escola católica. As ações da educação e da Igreja são bem definidas, não há interferências entre ambas, mas, há um fio condutor e a religião se utiliza da ação educativa para anunciar o Evangelho e, conseqüentemente, contribuir com a formação de uma sociedade mais justa e fraterna. O Ensino Religioso é parte integrante da Base Nacional Comum, dando possibilidade aos professores da área e das escolas católicas de cada vez mais torná-lo ativo nas temáticas abordadas em sala de aula. A esse respeito Junqueira relata:

A identificação do Ensino Religioso como um componente curricular orienta para estabelecer a sua *identidade pedagógica*, mesmo que em suas origens não tenha sido concebida como tal. De fato, a partir de 1977, com a revisão do artigo 33 (Lei n. 9.475/97), este é assumido como elemento integrante de uma área maior: a educação, pois, ao propormos as características pedagógicas do Ensino Religioso, buscamos compreender essa disciplina dentro do conjunto de teorias e doutrinas na educação. (...) Dessa forma, assumir o Ensino Religioso como uma das áreas de conhecimento do currículo brasileiro é garantir a possibilidade de participação do cidadão na sociedade de forma autônoma, caracterizando a orientação do processo articulador no dia a dia da sala de aula, desafiando o (re)olhar sobre o processo ensino aprendizagem. (JUNQUEIRA, 2012, p. 316).

⁶¹ Entrevista realizada em novembro de 2013.

O mundo é plural, está conectado em rede, a sociedade é plural, o singular vai perdendo espaço. Figueira;Junqueira (2012) faz uma breve abordagem sobre o ensino religioso, mas faz algumas referências sobre essa temática, em se tratando das metodologias de ensino no mundo plural. As escolas devem adotar a interdisciplinaridade, ou a transdisciplinaridade, na tentativa de se ter uma visão mais geral e contextualizada da realidade. As disciplinas não podem ter importância em sua totalidade, quando não falam a linguagem global; na Geografia, por exemplo, podem ser falados alguns trechos bíblicos, não só como mensagem do credo religioso, mas como conteúdo que deve ser aprendido, analisado e entendido. O êxodo, por exemplo, é uma temática que aparece na Bíblia, mas pode ser contextualizado para os dias atuais, e isso desencadeará uma discussão sobre as causas e os fatos que levam as pessoas a realizarem êxodos, como a seca, a falta de política pública, as fortes chuvas, que causam as enchentes em diversas partes do país e todos os anos as reportagens são as mesmas mudam-se as vítimas e o número de mortos e desabrigados.

Mas, o grande questionamento é como isso acontece, na prática, no Cristo Redentor, cuja equipe é composta por leigos e religiosas. Ao entrevistar Fabiano Rodrigues Passos, professor de Ensino Religioso, ex-aluno e assessor jurídico do Colégio, ele relata sua experiência com o Ensino Médio.

Utilizo uma metodologia própria. Os alunos escolhem o que eles querem discutir. Todo diálogo se torna interessante. Há uma diferença muito grande das aulas de educação religiosa que eu recebia, e as que eu ministro, pois as que eu recebia, eram bastante doutrinárias, na verdade não eram muito inovadoras, tornavam-se repetitivas, da Educação Infantil ao Ensino Médio. Hoje é diferente, pois a própria Igreja refez seu pensamento, não ficando numa linha fundamentalista, mas, sobretudo desde a Encíclica Papal, ela começou a traçar paralelos entre a fé e a razão.⁶²

A Igreja também entendeu que precisava mudar e abriu as portas para o mundo do conhecimento, sem fugir de suas ideologias e concepções. O jovem tem acesso em tempo real a todas as notícias que estão ocorrendo no mundo e a escola precisa estar atenta para ajudá-lo nesse momento. A escola católica e a Igreja não

⁶² Entrevista com Fabiano Rodrigues Passos, ex-aluno, Bacharel em Direito, professor de Ensino Religioso do Ensino Médio do CECR, realizada em 26 de novembro 2013.

podem ignorar a tecnologia, o avanço da ciência e as redes sociais, elas estão atuando a todo instante; assim a escola precisa tornar a educação atrativa, bem como as aulas de educação religiosa que devem ser compatíveis com a necessidade dos alunos, visto que uma tônica do Cristo Redentor, em sete décadas, foi a de que também se prepara o aluno para a vida. E essa preparação está ligada à condição da escola de ser católica e, em decorrência, ministrar as aulas de educação religiosa. Ao indagar se isso fez e faz diferença na vida das pessoas, foi o seguinte o relato de Luzia Ferreira Valadão:

Posso garantir que a minha trajetória de vida foi consequência de tudo que me foi transmitido por esta escola cujos ensinamentos estavam em perfeita sintonia com a minha formação familiar. Outras escolas foram importantes na minha vida, mas não foram tanto quanto o CECR. Decididamente, ter sido aluna de uma escola confessional católica fez grande diferença na minha formação como pessoa. Agradeço a Deus e aos meus pais a oportunidade.⁶³

A formação no Cristo Redentor foi um referencial na vida profissional e pessoal para vários alunos. Para adquirir uma percepção melhor dessa formação e das mudanças que podem ter ocorrido, também foi perguntado ao Fabiano Passos, ex-aluno e atualmente professor de Educação Religiosa, sobre essa formação.

A escola católica ainda prepara para a vida, até porque o aluno não é visto como número e sim como ser de sentimento, então como escola além das exigências legais, ela tem a missão, a sua forma de ser como instituição. Então busca essa realização plena do ser humano nas áreas diversas de sua vida, sobretudo quando procura dar um norte neste sentido de ética, moral, conduta, relacionamento, colocando os valores que estão ficando sem importância. Mas, devemos ter em mente que o ser humano tem livre arbítrio, a gente não tem como impor, alguns deixam serem lapidados, outros um pouco menos e outros nem permitem.⁶⁴

A formação que as pessoas enfatizam, na verdade não é formação profissional, além da preparação para o ingresso no vestibular, há outro tipo de formação; a pessoal, que, segundo os entrevistados, faz, ou pode fazer, a diferença para os jovens estudarem em uma escola confessional. O grande questionamento é: se é, na verdade um referencial, e segundo Fabiano Rodrigues Passos: “ela é um referencial, até culturalmente falando, pois o homem é um ser religioso, e tem sede

⁶³ Entrevista com Luzia Ferreira Valadão, realizada em outubro de 2013.

⁶⁴ Entrevista com Fabiano Rodrigues Passos, ex-aluno, Bacharel em Direito, professor de Ensino Religioso do Ensino Médio do CECR. Realizada em 26 de novembro 2013.

do transcendental. O fato de estar em uma escola católica faz com que ele se realize.”⁶⁵ Mas, será que as religiosas, que ministram aulas de educação religiosa, percebem a escola da mesma forma que os leigos? A Irmã Quitéria Lucia Rocha, natural de Canafístula (distrito de Palmeira dos Índios), professora do Ensino Religioso do 6º ao 8º ano fala sobre esse assunto:

Hoje é um grande desafio, porque no início a educação era bem diferente, até porque as famílias estão diferentes, eram mais presentes da vida dos filhos, e o ensino religioso era bem melhor porque as pessoas talvez o levassem mais a sério. Hoje a sociedade tem várias opções, são vários atrativos. A educação religiosa é muito importante na vida do aluno, principalmente a questão dos valores, as famílias não estão tendo tempo de ficar com seus filhos e o que a gente pode fazer é falar sobre valores e a religiosidade. No momento a gente pode até pensar que não vale a pena, depois esse adolescente vai lembrar e reconhecer a importância. É difícil ficar em sala de aula para todos os professores, é um grande desafio, mas temos que mostrar a necessidade de Deus na vida dos educandos, que sem Deus nossa vida se torna vazia, não tem sentido. Você pode ter as coisas materiais, mas não são elas que vão nos fazer felizes, só Deus pode fazer isso.⁶⁶

Torna-se, realmente, um desafio educar nos dias atuais; e quando se trata do ensino religioso, talvez seja pior, em virtude de ser uma disciplina que não tem peso para o vestibular. De acordo com o relato de Irmã Quitéria Lucia Rocha, a falta de limites e o desconhecimento dos valores são os grandes entraves. Ela reconhece a importância da abertura da Igreja, mas deixa claro que não é fácil engajar o jovem nos movimentos. Sobre esses desafios do século XXI para a educação, o professor Fabiano Passos também responde:

Acredito ser a concepção errada do que é liberdade. Hoje, as pessoas se confundem achando que liberdade é fazer o que se quer, quando liberdade é fazer o certo, mesmo tendo vontade de fazer o errado. Não se tem limite, a própria Constituição Federal, diz que essa liberdade não é absoluta. Só que hoje as pessoas querem fazer o quiser e se torna difícil impor disciplina, regras; aliás, eu nem diria impor, substituo por venham aderir às regras impostas, pois elas têm um cunho didático, O grande entrave é essa forma errada de perceber o que é liberdade.⁶⁷

⁶⁵ Idem

⁶⁶ Entrevista com Irmã Quitéria Lucia Rocha, professora de Ensino Religioso do 6º ao 9º ano e Superiora da Comunidade Religiosa.

⁶⁷ Entrevista com Fabiano Rodrigues Passos, realizada em 26 de novembro 2013.

Diante de mais um relato sobre a falta de limites, sobre o desconhecimento dos valores, vemos que eles são os grandes vilões para o processo educacional. A questão da liberdade torna-se até certo ponto polêmica, quando ela ultrapassa seus limites e não mais se admite regras, dificultando a convivência na relação professor aluno. Ainda dando ênfase à educação religiosa ministrada no Cristo Redentor, também se apresenta a experiência das religiosas que trabalham com as crianças da Educação Infantil e do Ensino Fundamental. A princípio precisa-se saber a metodologia aplicada para uma clientela com faixa etária de 3 a 7 anos. Como se comportam e qual o objetivo dessas aulas, pois a referida clientela ainda não tem maturidade para entender as possíveis complexidades inerentes à disciplina. Irmã Maria Adilza de Oliveira, que ensina na Educação Infantil (níveis II, III, IV, V e 2º e 3º do Ensino Fundamental - anos iniciais - fez um breve comentário de sua experiência.

Os conteúdos trabalhados na Educação Infantil abordam a amizade. Uma das melhores maneiras para chegar às crianças é falar de Jesus Cristo como um amigo, Deus como Pai e Nossa Senhora como a mãe de Jesus Cristo. Elas são muito pequenas, associam a religiosa ao ensino que fala em Deus. Os alunos do Ensino Fundamental já conseguem assimilar muita coisa, eles já dizem que rezam. Mas o ensino religioso não é só rezar, é muito mais. O ensino religioso precisa uma catequese, não catequese que prepara para a Primeira Eucaristia, mas, sim, aquela que leva à vida religiosa, que nos leva a Deus.⁶⁸

O ensino religioso, desde a educação infantil, possibilita a criança ter noção dos valores, embora o destaque seja para a amizade, para perceber que Jesus Cristo é um amigo. Em sua fala a entrevistada sente falta de mais apoio da família, para dar continuidade àquilo que é ensinado na escola. Ainda sobre essa temática destaca-se a experiência de Irmã Francisca Suziane da Silva, que ministra aulas no Ensino Fundamental, séries iniciais.

Na verdade, se trabalha o sentido do transcendente, sem direcionar um credo religioso. O objetivo é que a criança tenha conhecimento que existe um ser maior, que é Deus, que lhe deu a vida e a conduz. Tudo começa com a família através dos valores. Deus é o centro da família, e dentro desse conteúdo vamos mostrando os valores, o respeito, em casa e no colégio.⁶⁹

⁶⁸ Entrevista com Irmã Maria Adilza Melo de Oliveira, professora de ensino religioso da Educação Infantil e do 2º e 3º ano do Ensino Fundamental, realizada em 27 de novembro de 2014.

⁶⁹ Irmã Francisca Suziane da Silva em entrevista realizada em 27 de Novembro de 2013.

Para conseguir os objetivos, não se depende apenas da escola e do professor, há uma grande dependência para com a família. Para conseguir a atenção das crianças, utilizam-se de alguns recursos, como filmes, músicas e imagens, pois, segundo a entrevistada, assim como em outras disciplinas precisa-se de muita criatividade, principalmente para trabalhar temas polêmicos como as religiões, e responder a algumas perguntas como 'quem criou Deus?' "As perguntas são tão profundas que, às vezes, não chega no momento uma resposta simples para um melhor entendimento para a criança"⁷⁰. Nesse contexto fica claro que o importante não é só um material didático adequado e um ambiente propício à participação da família; o imprescindível é a formação, qualificação e atuação do professor. A esse assunto cita-se:

O conhecimento religioso, assim como todo conhecimento humano, é o conjunto de respostas sistematizadas às questões e problemas fundamentais que fazem parte da vida humana. Assim, conhecer é antes de tudo formular problemas que inquietem a inteligência e construir as respostas sistematizadas e legítimas. O conhecimento religioso é compreendido como discurso sobre o religioso; o interesse pelo mesmo estudo não se dá pela necessidade da retransmissão em sala de aula, nem mesmo pelo mero fato de estar à disposição como informação às indagações do educando. (FIGUEIRA;JUNQUEIRA 2012, p. 319).

Em todas as disciplinas há sua complexidade, e, em especial, no Ensino Religioso, pois a proposta do século XXI, é que, ela tenha numa visão plural, e isso exige que o professor esteja preparado, tenha conhecimento específico e geral, que entenda o contexto social em que está inserido, que faça uma leitura crítica de mundo, e, assim possa ser um agente multiplicador para seus alunos. As perguntas surgem, mas não pode ficar restrito a respondê-las, e, sim transformar o momento em uma oportunidade para questionar e discutir os problemas que afligem a sociedade.

Devido à liberdade de credo, ao pluralismo religioso e à tentativa de um diálogo inter-religioso, o Centro Educacional atende alunos de diversos credos religiosos, professores e funcionários. Para tanto se faz necessário adotar novas posturas em relação às aulas e às atividades sugeridas para obtenção de notas,

⁷⁰ Idem

pois como escola confessional, Ensino Religioso é disciplina obrigatória em todas as séries, sendo pois, componente curricular.

Quanto aos movimentos da igreja e participação das Celebrações Eucarísticas que acontecem no Colégio, os alunos que não simpatizam com nenhum credo, e/ou são espíritas ou evangélicos oriundos de Igrejas cristãs ou não, podem optar em ficar nas dependências do colégio aguardando o término das referidas atividades. As atividades para obtenção de nota ou conceito ficam a critério do professor mediante conversa com o aluno e/ou pais quando procuram o colégio. Quanto aos alunos Adventistas, é solicitado aos pais que enviem para o colégio algum documento escrito, podendo ser manuscrito e assinado pelo pai ou mesmo, redigido pelo Pastor legitimando a solicitação do aluno para sair antes do término das aulas, ou seja, às sextas-feiras quando estuda à tarde, e o não comparecimento das aulas dos sábados. O colégio mescla o horário das disciplinas para que o aluno não se prejudique em número de faltas e conteúdos de uma determinada disciplina.

4.15 FORMAÇÃO PROFISSIONAL

As pessoas afirmavam que o Cristo Redentor, desde 1944, ano de sua fundação, preparou seus alunos para a vida, através de encontros, participação de atividades na Igreja. Os alunos mais jovens e alguns pais e ex-alunos que também foram entrevistados afirmaram a mesma coisa. Ainda assim, surge um questionamento. Será que além dos conteúdos para o vestibular, as aulas de educação religiosa, o convívio com as religiosas, a disciplina diferenciada, os encontros de jovens e a participação nos movimentos da Igreja contribuem para a vida profissional? De certa forma sim, pois se entende que essa possibilidade está diretamente ligada à concepção do profissional, bem como da sociedade em que ele está inserido. No que se refere à sociedade, assim se referiu a Irmã Maria Olivete Alcântara Brandão:

De acordo com a História da Educação no Brasil, é evidente a importância da Escola Católica na formação cultural, social e religiosa do cidadão brasileiro, ontem e hoje. Seu projeto pedagógico cujo foco é a educação integral da pessoa, volta-se não apenas para o conhecimento científico, mas enfatiza as dimensões social, religiosa e moral que preparam o jovem para a vivência de valores pessoais e sociais, necessários ao bem comum, capacitando-o para assumir responsabilidades como ser humano crítico, cristão, comprometido com a construção de uma sociedade justa e solidária.⁷¹

Diante do exposto, fica subentendido que a educação católica é histórica, e tem abrangência em vários aspectos da vida das pessoas. Em virtude dessas afirmações, supõe-se que também pode refletir-se na vida profissional. Ainda Irmã Maria Olivete afirma:

É inegável a importância do papel da escola na preparação para a vida. Considerando a pessoa como ser integral, a educação não prescinde de nenhum aspecto de sua formação. Seu projeto pedagógico que unifica fé, cultura e vida, tem como fundamento Cristo Mestre em que todos os valores humanos se realizam e se fundem. Prepara a pessoa não apenas para o ingresso numa universidade e aquisição de um diploma, mas para os desafios de sociedade pluralista, transformando o conhecimento em experiências de vida, nela conquistando seu espaço, capaz de interagir como cidadão crítico, ético, solidário e responsável.⁷²

A cada depoimento, a educação católica vai adquirindo um amontoado de responsabilidades com a sociedade e, mais especificamente, com os jovens. É interessante que as pessoas, cobrem dela uma continuidade. Sobre esse assunto falou a ex-aluna, professora e escritora Isvânia Marques:

A história do Centro Educacional Cristo Redentor enfrentou (e ainda enfrenta) os desafios implantados por um mundo cada vez mais moderno e cibernético, além da responsabilidade de formar cidadãos mais éticos e atuantes em nossa sociedade. Sua história escreve também a minha, pois, em meados dos anos 60 fui aluna dessa escola, integrante do coral (sob coordenação de Ir. Lucília) e ensaiei a minha poesia nos eventos do grêmio estudantil. Já graduada em Letras, ministrei a disciplina língua inglesa, em suas salas de aula, lançando-me como professora e abraçando o magistério por vocação, feliz experiência que até hoje teimo em praticar...⁷³

⁷¹ Entrevista com Irmã Maria Olivete Alcântara Brandão, realizada em outubro de 2013.

⁷² Idem.

⁷³ Entrevista com Isvânia Marques, ex-aluna, ex-professora do CECR, presidente da Academia Palmeirense de Letras, realizada em outubro de 2013.

Vai ficando mais nítido o papel e a importância da escola católica. A entrevistada ressalta a importância no despertar de sua profissão, através das atividades desenvolvidas na escola, como a música, as dramatizações e o grêmio estudantil. Também em entrevista, a oftalmologista (ex-aluna) Maria José Cardoso, relata a importância da escola católica quando diz:

Por 5 anos fui aluna do então Colégio Cristo Redentor. Na época, exigente e revoltada, como toda “boa adolescente” tive minhas divergências com uma educadora que fugia do meu padrão familiar cristão. Todavia a orientação positiva global da Escola, o carinho e dedicação das demais educadoras, levaram-me, na maturidade, a reconhecer o grande valor do colégio católico na formação profissional e pessoal do ser humano. Desfilam hoje na minha mente: palavras, ensinamentos, sonhos e esperanças, que aquecem o meu coração com especial gratidão ao Centro Educacional Cristo Redentor.⁷⁴

A educação religiosa ministrada durante sete décadas não ficou restrita, apenas à formação de freiras e padres. Na verdade, sempre houve algumas tentativas de encantar os jovens para a vida religiosa. Mas, não houve muita influência em sua totalidade, as profissões são as mais variadas possíveis. O que se verifica é que muitos dos alunos, principalmente os mais antigos, se dedicavam à Igreja, mas não despertavam a vocação para a vida religiosa.

4.16 A GESTÃO DEMOCRÁTICA E OS DESAFIOS DO SÉCULO

A gestão democrática é uma realidade necessária, mas não tão fácil. A liberdade de ação, a pedagogia contemporânea, as novas metodologias, a contribuição da ciência e da tecnologia ao processo educacional formam um amálgama necessário e difícil de gerenciar. As concepções múltiplas tornam a gestão do século XXI dinâmica e inacabada, ou seja, processual. Nessa dimensão de ideias e inovações, quais os desafios de Irmã Maria Antonia Franco, diretora do Centro Educacional Cristo Redentor?

⁷⁴ Entrevista com Maria José Cardoso, realizada em dezembro de 2013.

Um grande desafio foi enfrentar a dimensão física estrutural do colégio, a preservação, manutenção e as possíveis edificações. Havia também um grande entrave provocado pelo plano governamental (1994), que refletiu na escola privada com a inadimplência, e eu me perguntava o que poderia ser feito para superar essa situação. Naquele contexto, enfrentei o novo. O segundo passo foi pensar em estratégias para garantir a qualidade e manter o número de alunos na escola. Comecei a idealizar um parque aquático, renovei o que foi possível e necessário, no aspecto físico e pedagógico, visto ser uma escola tradicional não significa ser defasada, com máquinas e material pedagógico obsoleto com “professor dinossauro”. Outro desafio é conciliar o sagrado e o profano, tendo em vista a necessidade do leigo no trabalho da escola, em virtude do número reduzido de religiosas para o trabalho educativo. Eu sabia que tinha que continuar inovando sem perder o norte da nossa missão como Filhas do Amor Divino. Diante dessa afirmação, estou travando uma grande batalha para concluir a construção de um anfiteatro, pois acredito que a arte, em suas diversas faces e interfaces deve estar presente na escola do século XXI. Durante vinte anos na direção deste colégio tentei fundamentar meu trabalho à luz da fé. Em muitos momentos senti-me minúscula diante das situações, mas, como uma Filha do Amor Divino, tenho que seguir o exemplo de Madre Francisca. A escola é dinâmica, assim também é a vida de gestora de uma escola como o Cristo Redentor, que é católica e tem uma missão a cumprir, baseada nos ensinamentos de Jesus Cristo. Estou certa de que tudo, ou quase tudo, foi feito, no aspecto estrutural, na formação dos professores e funcionários, apoio à equipe de coordenação, consciente de que, tenho falhas e limitações. Utilizo-me das palavras de Dom Helder Câmara, para explicar o porquê da continuidade: “Não, não pare. É graça divina continuar. É graça maior ainda, não desanimar. Mas, a graça das graças é nunca desistir e mesmo aos pedaços chegar até o fim”.⁷⁵

Há vinte anos Irmã Antonia Franco está na direção do Cristo Redentor, consciente dos propósitos da escola católica, bem como das dificuldades que já enfrentou e pode enfrentar. Em sua fala, ressalta que, além das políticas governamentais, que não ajudam as escolas privadas, há também a complexidade na arte de administrar uma escola católica num mundo plural e profano.

Foto 16
Parte da estrutura física interna e externa do CECR.

⁷⁵ Entrevista com Irmã Maria Antonia Franco, diretora do Centro Educacional Cristo Redentor, em 06 de novembro de 2013.



Fonte: Acervo do Centro Educacional Cristo Redentor

Desde o início das atividades dos jesuítas no Brasil, pode-se destacar as grandes obras arquitetônicas onde funcionavam os conventos e as escolas administradas por eles. No século passado, não foi diferente. As estruturas físicas se mantiveram, com paredes reforçadas, muitas janelas, jardins bem cuidados, ambientes limpos e uma capela fazendo parte do cenário das escolas católicas de modo geral. O Centro Educacional Cristo Redentor, é um colégio que ocupa um quarteirão do bairro São Cristóvão, na cidade de Palmeira dos Índios. A ideia principal era que formasse a letra T de Trindade. As salas são grandes e arejadas, uma construção um tanto faraônica, que conta com dois parques para crianças e uma ala de dois andares destinados à Educação Infantil, localizada ao lado da capela. O Sr. José Teixeira Apolinário, mestre de obras, relata:

Trabalhei no colégio desde a pedra fundamental, quando foi enterrada uma medalha, próximo à cantina e depois foi feita uma oração. Fui construindo muitas salas com zelo, era como se fosse de minha propriedade, parte da minha vida. As construções são muito bonitas, a área coberta, a casa das irmãs, a casa de Maceió, a casa de Paripueira, o ginásio de esportes e a capela. Mas, a que eu tenho orgulho é da fachada da Educação Infantil, na Avenida Vieira de Brito. Era um jovem construtor (23 anos), e o engenheiro de Maceió que sempre chegava de jeep preto, do Departamento de Obras Públicas, assim como as irmãs, também confiou no meu trabalho. Falei com ele se não ia colocar detalhes principalmente na fachada, e ele disse que não era preciso. Tive liberdade de colocar esses detalhes que eu acho importante como beiral, principalmente na fachada, marquise em cima da janela, acabamento e friso. Ficou mais bonito que a fachada da frente do colégio. O prédio ficou com dois andares, com sala de aula com sanitário, sala para festas, sala de coordenação e um parque.⁷⁶

⁷⁶ Entrevista com José Teixeira Apolinário (Zé Galego), realizada em outubro de 2013.

Além do ginásio de esportes, um parque aquático, uma área coberta, sala para reunião dentre outras. Há uma luta de Irmã Maria Antonia Franco para concluir o anfiteatro conforme já foi citado, e quando isso acontecer, ele será o primeiro da cidade.

4.17 IGREJA, ESCOLA CATÓLICA E SOCIEDADE

A Igreja, a escola católica e a sociedade são pilares no mundo contemporâneo. Na história da Igreja vê-se que ela esteve presente em vários momentos e aspectos da sociedade.

No estudo das relações entre a Igreja Católica e a sociedade brasileira é necessário levar em consideração, antes de tudo, o esforço realizado, nesse período, pela hierarquia eclesiástica, para reafirmar os princípios católicos nos diversos setores da organização social. (AZZI, 2008, p. 9).

É fato incontestável que a Igreja sempre esteve presente na sociedade brasileira. Desde a chegada dos portugueses até os dias atuais é uma constante. Na verdade, há vários questionamentos acerca dessa caminhada, mas um fato incontestável é que a Igreja utilizou-se da escola católica desde o início da História do Brasil para atuar com as massas de todas as idades e de todos os níveis sociais. Nessa trajetória se deparou com situações polêmicas, porém, com a ação educativa, ou melhor, a escola é uma parceira que intensifica seus propósitos. Sobre a relevância da Igreja na sociedade cita-se Newton Cabral:

Embora deva atuar, sobretudo, em uma esfera que aponta para dimensões transcendentais, a Igreja é uma instituição cuja visibilidade, perceptível em suas numerosas organizações, já está no limiar de um terceiro milênio de existência. Tem sabido articular-se e sobreviver, tem assumido posições diferenciadas face aos conflitos das populações onde tem estado presente. A sua atuação tem sido, sempre e em qualquer espaço, uma atuação também política. (CABRAL, 2008, p. 35).

A Igreja poderia atender sua especificidade e atuar na esfera transcendental onde, apesar da complexidade, ficaria com uma ação singular, mas ela optou em estar presente em vários setores, e, se atua dessa forma há dois mil anos, significa que o seu papel não deve ser restrito apenas à difusão da crença religiosa.

4.18 MOVIMENTO DOS ASSOCIADOS AMOR DIVINO

O Compêndico sobre o Concílio Vaticano II (1969, p. 560), sobre os formadores de Apóstolos ressalta a importância da formação para o apostolado desde a primeira educação das crianças. Ainda enfatiza essa formação nas escolas, nas comunidades, não sendo necessário ser professor ou religioso (a) para participar, pois o objetivo é que de forma correta se reúnam para manterem um diálogo. Diante desses fatos, surgiu a necessidade de fundar o movimento da Associação do Amor Divino com leigos e leigas sem a exigência de ter sido ou ser aluno de alguma escola da Congregação.

Aos leigos que se dedicam ao apostolado já se oferecem muitos meios, a saber, reuniões, congressos, coleções, retiros espirituais, encontros frequentes, conferências, livros, revistas para a compreensão mais profunda da Sagrada Escritura e da doutrina católica, para nutrir a vida espiritual, como também para conhecer as condições do mundo, encontrar e aperfeiçoar os métodos. (VIER (Org.), 1969, p. 562).

Diante da afirmação acima, confirma-se que as “Afiliadas ou Associadas”, como são conhecidas, utilizam-se desses meios para divulgar a missão de Madre Francisca, bem como de todos os recursos citados, e através de ações ajudam aos que necessitam de uma palavra de conforto ou de auxílio. Sob orientação geral de Irmã Maria Antonia Franco, Dra. Sandra Helena Rios fundou o Movimento dos Associados Amor Divino, do Cristo Redentor, que conta com vários membros. Além dessas atividades realizam encontros em Natal (sede da Província) com todos os membros associados das outras escolas, com o objetivo de dialogar, estudar o carisma de Madre Francisca e textos bíblicos, como também programar os encontros, as temáticas que serão discutidas e as ações que deverão ser realizadas.

Criem-se, além disso, centros de documentação e estudos, não só de teologia, mas também de antropologia, psicologia, sociologia, metodologia, em que melhor se estimulem os talentos dos leigos, homens e mulheres, jovens e adultos, em favor de todos os campos de apostolados. (VIER (Org.), 1969, p. 563).

Para atender essa sugestão os “Associados” são profissionais que assumem as mais variadas funções na sociedade: médicas, professoras, funcionários públicos, catequistas, assistente social, aposentadas, ex-religiosas e religiosas. Ainda não conseguiram a participação assídua da classe masculina, o que é um desafio. Quanto aos trabalhos, realizam o da pastoral da AIDS, trabalho de evangelização carcerária e visitas aos enfermos, entre outras atividades.

A sociedade carece da presença da Igreja, não da edificação, mas das suas ações. Assim também a escola católica, que no Brasil é parceira da Igreja desde o século XVI, tem abrangência em vários segmentos e aspectos sociais, e não ficou limitada apenas em ministrar aulas e intensificar o catolicismo para seus alunos. Sobre a parceria da escola católica com a Igreja, Dom Dulcêncio Fontes de Matos afirma:

Claro que são parceiras, porque sempre o foram. E para isto basta percorrer a História e perceber que a Educação (ciência) e Igreja, não em raros momentos, foram, e são parceiras. Um segundo ponto: é a função da Igreja, tanto quanto é da Escola, formar consciências a fim de que, retamente, possam ser construtoras de um mundo mais justo, mais humano. Terceiro: tanto a Igreja quanto a Escola vivem uma dimensão magisterial, cada uma em sua dimensão: a Igreja a partir do espiritual, mas que não se retém aí, similar à Escola que, pela ciência, ensina conhecimentos que não se bastam somente para um conhecimento meramente bancário, e sim para a vida. Vida: convergência da missão da Igreja e da Escola para o homem. Deus utiliza também a Escola como meio extraordinário para falar de Suas verdades ao coração das pessoas.⁷⁷

O representante da Igreja confirma as hipóteses da missão da Igreja enquanto parceira da escola católica. A presença do processo educacional desde o início da História da Igreja no Brasil, são fatos incontestáveis. Assim na plenitude do século XXI Igreja e escola católica vão cumprindo papel relevante no mundo atual.

⁷⁷ Entrevista com Dom Dulcêncio Fontes de Matos, realizada em 27 de novembro de 2013.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No Brasil, a escola católica sempre esteve presente na História da Igreja e na sociedade. O contexto da educação católica implantada pela Congregação das Filhas do Amor Divino iniciou-se na Europa, em Viena (1868), com a sua fundadora Madre Francisca Lechner, e depois se expandiu para vários países do referido continente. Mais tarde, optou pelo processo de expansão em outros continentes, mesmo após a morte da fundadora, em virtude do contexto político e econômico que estava sendo vivido na Europa com os reflexos da Primeira Guerra Mundial. Em 1920, sob a responsabilidade de Irmã Teresina Werner, as religiosas chegaram ao Brasil, no Rio Grande do Sul, na cidade de Serro Azul, região na qual enfrentaram vários desafios. As circunstâncias contribuíram para o deslocamento das religiosas para a cidade de Caicó – RN, no Nordeste brasileiro, região com predominância de altas temperaturas, poucas chuvas, sol causticante, clima semiárido e uma grande quantidade de pessoas de baixa renda e com fé fervorosa, características peculiares das áreas sertanejas. Nesse espaço de tempo, enfrentaram a crise econômica de 1929, a era de Vargas e a Semana de Arte Moderna que muito contribuiu para o avanço das discussões e ações concretas da educação pública no país.

Em 1944 o mundo ainda falava em II Guerra Mundial e, as Filhas do Amor Divino, se instalaram em Palmeira dos Índios- AL, para implantar a 1ª escola católica feminina nessa cidade, o Educandário Cristo Redentor, com o objetivo de atender aos anseios da sociedade e da Igreja. Nesse contexto, constata-se que a educação ministrada pelas religiosas era referência no campo religioso, social, político e econômico, mesmo adotando uma postura pedagógica rígida em que o professor e as religiosas eram detentoras do saber, ficando para as alunas apenas a tarefa de fazer ou responder o que lhe eram solicitado. Tornava-se imprescindível a influência da sociedade perante a Igreja, pois para as famílias católicas era um status ter uma filha estudando no Educandário, visto que, além da educação e dos ensinamentos religiosos, as alunas eram preparadas para a vida doméstica ou para serem professoras. Esse fato deve-se às questões morais, ou seja, a obediência e os tabus que a mulher enfrentava principalmente impostos pela Igreja e apoiados pela família.

Diante desses fatos, enfatiza-se que o credo religioso católico era o embasamento da vida das famílias que, em sua maioria, pertencia à elite. Entende-se que um dos fatores, além do religioso, que contribuiu para que as jovens estudassem no então Educandário Cristo Redentor, foi o bom poder aquisitivo daquelas famílias, com raras exceções, uma vez que através da caridade da missão proposta por Madre Francisca Lechner, algumas alunas recebiam ajuda ou gratuidade nos estudos, fato que ainda acontece através da filantropia.

O regime de internato foi um dos pontos fortes da educação ministrada, especificamente para alunas de outras localidades, que, deixadas sob a responsabilidade das irmãs, os pais ficavam tranquilos em virtude de suas filhas ficarem sem contato com o mundo externo, exceto pequenos passeios pela praça próxima ao Educandário, em missão religiosa ou eventos cívicos, mas sempre acompanhadas pelas religiosas, pois fazia parte daquela educação o pudor moral.

As aulas continuaram durante várias décadas, ministradas através de uma metodologia tradicional, na qual o que predominava era a obediência, o professor falava e as alunas escutavam, eram muitos conteúdos sem discussão, não havia espaço para criar e recriar. A mulher, considerada frágil e submissa, deveria saber ler o que estava nos livros, sem questionamentos, mas, também, deveria aprender bons hábitos conhecidos como excelência das boas maneiras; também deviam saber utilizar agulha, tesoura e tocar um instrumento musical. Assim, família e escola acreditavam que estavam formando e preparando as alunas para enfrentar a vida.

A educação católica, como aliada da Igreja, atuou como multiplicadora dos ensinamentos de Jesus Cristo através do processo educacional, desde o início da civilização brasileira, à luz da educação jesuítica. A religião, em determinadas situações, não era opção, mas, sim, uma obrigação, com predominância do dogmatismo, o que garantia a presença das alunas nos movimentos da Igreja, às vezes transmitindo uma ideia equivocada acerca da fé e do respeito que geralmente aparecia em forma de castigos de Deus, cartões e suspensões temporárias das atividades, contribuindo para que o respeito e o medo ocupassem o mesmo espaço. Mesmo assim, é fato constatado que as alunas gostavam da escola e falam com saudosismo daquela época. A disciplina rígida, as exigências e a falta de criticidade

nos assuntos abordados não afastaram as alunas da escola, até porque a obediência à Igreja, aos pais e às religiosas era o que prevalecia. Nem sempre se seguia a pedagogia de Madre Francisca, pois ela era adepta da educação com rigor e amor.

Na década de 50 foi implantada a Associação das Escolas Católicas (AEC), cujo objetivo foi aglutinar as escolas com o mesmo perfil e propósito: melhorar o ensino no Brasil. Assim, todas as escolas da Província das Filhas do Amor Divino, fizeram parte da referida Associação na tentativa de adaptar suas escolas para o momento e as necessidades vigentes. Porém, isso não foi muito eficaz, em virtude de que um dos principais métodos adotados foi o Montessori, que exigiu estudo e entendimento por parte dos professores sobre o método e uso de material; no Cristo Redentor, mesmo com a aquisição do material Montessoriano, não foi possível dar continuidade a esse método, fato que aconteceu com outras escolas da Congregação e do país. Em decorrência das mudanças ocorridas no Brasil no campo educacional, como as Leis de Diretrizes e Bases da Educação (LDBs), teve oportunidade de por em prática a 4024/61, 5692/71 e a 9394/96.

O Centro Educacional Cristo Redentor, vivenciou os processos e retrocessos políticos, sociais e econômicos do Brasil. Nesse contexto pode-se destacar a crise de 29 que gerou desconfortos de ordem política logo após a chegada das mesmas ao Brasil, tensão quanto às questões entre a Igreja e o estado, o desafio quanto à necessidade de adaptar-se às inovações da ciência, da tecnologia e adotar a educação libertadora com o propósito de formar o cidadão conhecedor dos seus direitos e deveres, crítico e participativo. Mas, além desses pontos, ainda há contradição entre a missão proposta por sua fundadora e a ação desenvolvida. A escola privada católica (Cristo Redentor) precisa manter-se financeiramente; para tanto, recebe uma clientela de alunos de classe média, ficando a opção de bolsas de estudos, por meio da filantropia, para os menos favorecidos financeiramente. Neste século passou a contar com o trabalho de uma assistente social que faz análise das famílias que pretendem matricular seus filhos na condição de filantrópicos. Diante desses fatos, possibilita aos alunos vivenciarem duas situações que remontam aos tempos da Madre Francisca como; a convivência de alunos de classes sociais

diferentes em um mesmo espaço físico, sem discriminações, e a ajuda aos beneficiários da filantropia sem preocupação com a opção religiosa dos mesmos.

Os anos 60 foram marcados pelo controle do poder militar que disseminava cada vez mais a repressão no país, e absorvia o controle da vida das pessoas, a liberdade de ação incluindo as escolas principalmente as universidades. Apesar da situação vivenciada no país, não há registros desses fatos no livro de Crônicas, apenas que foi um período de muita dificuldade sendo necessário orações.

Para se manter no mercado e chegar aos 70 anos de existência, vem adotando algumas estratégias do sistema capitalista, pois, assim, vai tentando atender as exigências com as parcerias, o uso da tecnologia, salas temáticas, laboratórios e uma boa preparação dos alunos para aprovação em vestibular. Ainda mantém a música como referência, diversificando os instrumentos, ou seja, de piano e acordeom, que eram sinônimos de status, até os anos 80 apareceu o teclado e os alunos começaram a cobrar o uso do referido instrumento mais moderno e fácil de transportar. Mesmo havendo um pouco de resistência, a escola acatou e passou a ofertar aulas de teclado. Atualmente são poucos alunos na escola de música, mesmo o colégio ofertando aulas de teclado, instrumento de corda e de sopro. Nesse processo salienta-se a transformação da banda marcial em fanfarra e a formação de um grupo musical de jovens, banda mirim e grupo de flauta doce.

As escolas católicas tiveram seu tempo de glória, mas também convivem com a decadência. O fechamento de várias em todo Brasil, inclusive algumas da Província das Neves (PRONEVES), e a redução do número de alunos contribuiu para que os gestores dessas escolas tivessem um novo olhar, e percebessem que o fio condutor não era mais as aulas de artes, a presença das irmãs e os ensinamentos religiosos. Na verdade, além de todos esses itens, deveriam adotar uma educação mais crítica, na qual a fé, a ciência e a tecnologia convivessem sem conflitos para a formação e educação do aluno.

A partir da década de 70, o Centro Educacional Cristo Redentor, começou a receber alunos do sexo masculino, tornando-se uma escola mista, contribuindo para um maior número de alunos oriundos não só de Palmeira dos Índios, mas de várias

idades circunvizinhas, sem regime de internato. Pode ser registrada uma abertura nas concepções da Igreja, os espaços conquistados pela mulher durante as décadas anteriores, os movimentos sociais que representava o grito de liberdade do povo. Mas outro problema estava por vir: devido à redução do número de religiosas e de vocacionadas, a direção do colégio foi obrigada a contratar leigos, o que, de certa forma, foi um momento preocupante em virtude de que até aquele momento a maioria das professoras eram religiosas, e a presença delas dava maior segurança na disciplina e na religiosidade que deveriam estar presentes na educação dos jovens.

A AEC, ainda na tentativa de melhorar o ensino, lançou a proposta para que as escolas elaborassem seu Projeto Político Pedagógico (PPP), propondo uma educação libertadora, que oferecesse aos alunos credibilidade e qualidade, bem como respeitasse as adversidades e as especificidades. Nota-se que não foi tarefa fácil, visto que a escola precisava se identificar no contexto, identificar o perfil da sociedade em que estava inserida, ter consciência da necessidade de formar cidadãos críticos, repensar suas metodologias pedagógicas, pois, o mundo exigia criticidade e conhecimento numa visão multidisciplinar. Manter uma disciplina rígida neste século é um desafio; aulas de educação religiosa, preparação para a Primeira Eucaristia, Crisma e participação nas missas celebradas em horários de aula, sem sanções para o aluno católico ou de outro credo religioso que não queira participar de tais atividades tornou-se um direito dele e um dos propósitos da escola entender e por em prática.

O século XXI trouxe consigo a ruptura de paradigmas e isso refletiu também na escola católica. O Centro Educacional Cristo Redentor não mais prepara a mulher para ser a dona de casa ou a professora; a LDB extinguiu o magistério, obrigando à adoção do científico, atual ensino médio, específico para atender alunos que vão enfrentar o vestibular porque optam por algum curso superior. Atualmente é o índice de aprovação no vestibular que traz status para a escola, juntamente com a tradição de que, como escola católica, mesmo filantrópica, ainda é elitizada.

Tomando por base os entrevistados, eles foram unânimes em dizer que a escola foi a extensão de sua família, fazem essas referências com muito

saudosismo, e em sua maioria afirmaram que ficavam mais tempo na escola que em sua própria casa. As religiosas eram professoras respeitadas e consideradas mães espirituais. Em pleno século XXI, a realidade é diferente; apenas algumas funções, como Diretora Administrativa, Diretora Financeira, Secretaria e Superiora da Comunidade Religiosa são obrigatoriamente ocupadas por religiosas. As demais funções são ocupadas por leigos principalmente professores, pois algumas religiosas assumem as aulas de educação religiosa, essas geralmente ocupam o cargo de coordenadora da referida disciplina, obrigatória na matriz curricular em todos os níveis de ensino.

Apesar de todos os enfrentamentos, a escola ainda mantém um perfil de equilíbrio quanto ao credo religioso e o compromisso dos leigos que assumem diversas funções. A preocupação com a pessoa (profissional e espiritual), as estratégias para o ingresso dos alunos no nível superior em vários cursos, sua autonomia e imparcialidade para com a política partidária e a parceria da Igreja contribuem para que a escola católica ainda seja uma presença marcante para a sociedade.

REFERÊNCIAS

ABRIL, Almanaque Abril, 1996.

BÍBLIA, português. Bíblia Sagrada. Tradução da Vulgata pelo Pe. Matos Soares. Rio de Janeiro: Edições Paulinas, 1994.

BRASIL, Ministério da Educação e Saúde-Departamento Nacional de Educação. Rio de Janeiro –DF, 1948.

AGUIAR, Otávio. **Palmeira dos Índios, 15 anos de Diocese**. Palmeira dos Índios: Indusgraf Indiana Ltd, 1977.

AVELAR, Gersolina Antonia de. **Renovação educacional católica: Lubienska e sua influência no Brasil**. São Paulo: Cortez & Moaraes, 1978.

AZZI, Riolando. **História da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo**. Tomo II/3-2 – Terceira época – 1930-1964. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. A educação católica no Brasil (1844-1944). In: **Caminhos novos na educação**. São Paulo: FTD, 1995.

_____. **História da educação católica no Brasil. Contribuição dos Irmãos Maristas: 1887-1987**. Vol 2, São Paulo: Simar, 1997.

BERGER, Peter Ludwig. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Paulus, 1985.

CABRAL, Newton Darwin de Andrade. **Onde está o povo, aí está a Igreja?** Recife: FASA, 2008.

COLÉGIO CRISTO REDENTOR. **Livro de Crônicas** (1966-1985). Palmeira dos Índios – Alagoas. 2º volume - Manuscrito.

CENTRO EDUCACIONAL CRISTO REDENTOR. **Livro de Crônicas** (1986-1994). Palmeira dos Índios - AL. Manuscrito.

_____. **Livro de Crônicas** (1995-2002). Palmeira dos Índios - AL. Manuscrito.

_____. **Livro de Crônicas** (2003 -2012). Palmeira dos Índios - AL. Manuscrito.

_____. **Livro de Crônicas** (2007- 2012). Palmeira dos Índios - AL. Digitalizado.

CONGREGAÇÃO das Filhas do Amor Divino. **Projeto Político-pedagógico – PPP**.

Documento norteador geral das Filhas do Amor Divino. Emaús, 2008. (Impresso em gráfica)

- _____. **Político Pedagógico – PPP**. Centro Educacional Cristo Redentor. Palmeira dos Índios, 2008. (Impresso em gráfica)
- COTRIM, Giberto. **Educação**: para uma escola democrática. São Paulo: Saraiva,
- DUTRA, Cláudio E. G. **Guia de referências da LDB/96**. 2. ed. São Paulo: Avercamp, 2007.
- EDUCANDÁRIO CRISTO REDENTOR. **Livro de Tombo**(1944-1966). Palmeira dos Índios – AL. Manuscrito.
- FÁVERO, Osmar et al. **A educação nas constituintes brasileiras (1823-1988)**. Campinas: Autores Associados, 1996.
- GANDIN, Danilo. In: PROPOSTA PEDAGÓGICA DA AEC. **Caminhos novos na educação**. São Paulo: FTD, 1995.
- GERMANO, José Wellington. **Estado militar e educação no Brasil**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1968.
- FIGUEIRA, Eulálio; JUNQUEIRA, Sérgio (Org.). **Teologia e educação**: educar para a caridade e a solidariedade. São Paulo: Paulinas, 2012.
- HENDGES, Nicolina; HETZEL, Maria Therezia. **Madre Francisca Lechner**: mulher fundadora. Santa Maria: Gráfica Ed. Pallotti, 2008.
- HOORNAERT, Eduardo. **Formação do catolicismo brasileiro (1550-1800)**. Petrópolis: Vozes, 1991.
- JÉRÔME, Jean. **Constituições e Diretório Geral da Congregação das Filhas do Amor Divino**. Roma: 1990. Traduzido do Inglês por Ir. M. Áquila Lucena. Digitalizado.
- JUNQUEIRA, Sérgio. **O processo de escolarização do ensino religioso**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- LIBÂNIO, João Batista. **Educação católica**: atuais tendências. São Paulo: Loyola, 1983.
- LIMA, Severina Alves (Coord.). **Caminhos novos na educação**. São Paulo: FTD, 1995.
- MARTELLI, S. **A religião na sociedade pós- moderna**. São Paulo: Paulinas, 1995.
- MOURA, Laércio Dias de. **A educação católica no Brasil**: presente, passado e futuro. São Paulo: Loyola, 2000.

OLIVEIRA, Vilma Lúcia de. **A obra de Ir. Teresina Werner para instaurar a Congregação das Filhas do Amor Divino no Brasil**: análise crítico-histórica. Pontifícia Universidade Gregoriana. Faculdade de História Eclesiástica. Roma, 1999.

PADEN, William E. **Interpretando o sagrado**: modos de conhecer a religião. São Paulo: Paulinas, 2011.

PASSOS; ITABORAHY. In: A Sagrada Missão de Educar: Rastreamento das conclusões de Medellín. **Teologia e educação**: educar para a caridade e a solidariedade. São Paulo: Paulinas, 2012.

PRADO JUNIOR, Caio. O sentido da colonização. In: **Formação do Brasil Contemporâneo**. 12. ed. São Paulo: Brasiliense, 1972.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil (1930-1973)** 8 ed. Petrópolis: Vozes, 1986

SANTOS FILHO, Onofre Guilherme dos (Org.). **Igreja Mãe e Mestra**: documentos do magistério da Igreja sobre a educação. Goiânia: Editora da UCG, 2008.

SANTO ROSÁRIO, Maria Regina do. **O Cardeal Leme**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962.

TORRES, Luiz B. **Os índios Xucuru e Kariri em Palmeira dos Índios**. 4 ed. ampliada e revisada. Maceió: IGASA, 1984.

VIER, Frederico, OFM (Org.). **Compêndio do Vaticano II**: Constituições - Decretos – Declarações. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1969.